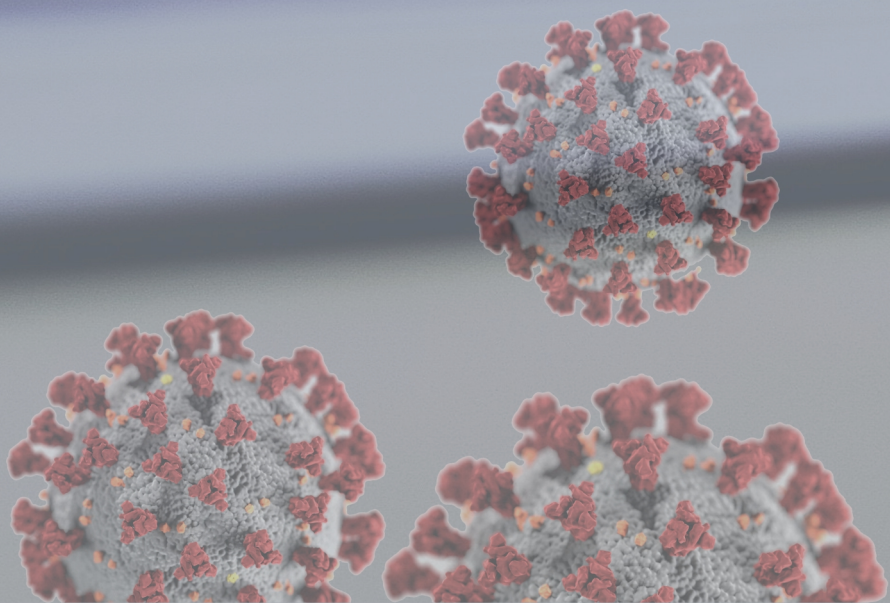


Jairo da Silva e Silva
[Org.]

NARRATIVAS EM QUARENTENA

**emergências do agora,
incertezas do amanhã**

editora
itacaiúnas



Jairo da Silva e Silva

[Org.]

NARRATIVAS EM QUARENTENA

**emergências do agora,
incertezas do amanhã**

1ª edição

Conselho Editorial deste livro: Pareceristas Ad Hoc

André Luis Mitidieri Pereira – UESC

Carla Figueiredo Marinho Saldanha – UFPA/UEPA

Elen Karla Sousa da Silva – UFRGS

Feibriss Henrique Meneghelli Cassilhas – UFBA

Inara de Oliveira Rodrigues – UESC

Isaias Francisco de Carvalho – UESC

Israel Fonseca Araújo – SEDUC-PA/UERN

Julie Christie Damasceno Leal – UFPA/IFPA

Luciana Beatriz Bastos Ávila – UFSB

Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro – UESC/UFRR

Marlucia Mendes da Rocha – UESC

Martha Julia Martins de Souza – UFRR

Rubenil da Silva Oliveira – UFMA

Tânia Ferreira Rezende – UFG

Verena Santos Abreu – IF Baiano

Veronica de Souza Santos – UFBA/IFBA

© 2020 por Jairo da Silva e Silva

© 2020 por vários autores

Todos os direitos reservados.

Conselho editorial

Colaboradores:

Márcia Aparecida da Silva Pimentel
Universidade Federal do Pará, Brasil
José Antônio Herrera
Universidade Federal do Pará, Brasil
Wildoberto Batista Gurgel
Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil
André Luiz de Oliveira Brum
Universidade Federal do Rondônia, Brasil
Mário Silva Uacane
Universidade Licungo, Moçambique
Francisco da Silva Costa
Universidade do Minho, Portugal
Ofelia Pérez Montero
Universidad de Oriente- Santiago de Cuba, Cuba

Editora-chefe

Viviane Corrêa Santos
(Universidade do Estado do Pará, Brasil)

Editoração eletrônica e capa: Walter Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

N234	Narrativas em quarentena [recurso eletrônico] : emergências do agora, incertezas do amanhã / Almi Costa dos Santos Junior ... [et al.] ; organizado por Jairo da Silva. - Ananindeua, PA : Itacaiúnas, 2020. 151 p. ; PDF ; 7,72 MB. Inclui bibliografia e índice. ISBN: 978-65-991434-3-4 (Ebook) 1. Literatura. 2. Narrativa. I. Santos Junior, Almi Costa dos. II. Araújo, Aryadne Bezerra de. III. Santos, Camilla Ramos dos. IV. Souza, Catherine Santana. V. Melo, Clarissa Damasceno. VI. Sausmickt, Eliana Costa. VII. Oliveira, Fabrício Brandão Amorim. VIII. Santos, Iago Moura Melo dos. IX. Souza, Josane Silva. X. Raposo, Leila Cunha. XI. Mazzutti, Luciana Helena Cajas. XII. Rocha, Maiane Pires Tigre. XIII. Carvalho, Maria Elia dos Santos Teixeira de. XIV. Aragão, Mayllin Silva. XV. Afonso-Rocha, Ricardo. XVI. Dantas, Ricardo Santos. XVII. Pereira, Tales Santos. XVIII. Augusto, Ulisses. XIX. Maciel, Guimarães. XX. Silva, Jairo da Silva e. XXI. Título. CDD 809 CDU 82.09
2020-1343	

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura : Narrativa 809
2. Literatura : Narrativa 82.09

DOI: 10.36599/itac-ed1.012

O conteúdo desta obra, inclusive sua revisão ortográfica e gramatical, bem como os dados apresentados, é de responsabilidade de seus participantes, detentores dos Direitos Autorais.
Esta obra foi publicada pela [Editora Itacaiúnas](#) em julho de 2020.

Em memória: Às vítimas da Covid-19; à menina Ágatha, ao menino João Pedro – assassinados pela PM do Rio de Janeiro; às milhares de crianças e jovens que foram vítimas das tecnologias necropolíticas que aterrorizam inúmeras famílias brasileiras;

Às trabalhadoras e aos trabalhadores da Saúde que, nessa guerra, batalham arduamente em defesa da vida – por vezes, lutam sem armas.

Às trabalhadoras e aos trabalhadores que não puderam ficar em casa, pois, foram e são essenciais para a manutenção de nossas necessidades básicas.

Não creio que possamos alterar coisa alguma nesta vida. Mas posso imaginar pequenos nódulos de resistência brotando aqui e ali... pequenos grupos de gente que se reúne, e vão crescendo, e deixando algumas notas, de modo que a geração seguinte possa continuar a obra.

George Orwell¹

¹ ORWELL, George. 1984. Trad. de Alexandre Hubner & Heloi'as Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 138.

SUMÁRIO

Apresentação	10
Prefácio	12
Parte I - A vida, entre ensaios e um dedinho de prosa	17
I. Atravessar o abismo na escrita	18
<i>Aryadne Bezerra de Araújo</i>	
II. Viva, Esperança!	23
<i>Camilla Ramos dos Santos</i>	
III. Um teto nada seu	29
<i>Catherine Santana Souza</i>	
IV. Reflexões acerca do isolamento social: a solidão da mulher idosa em tempos de pandemia	33
<i>Catherine Santana Souza</i>	
V. O triunfo da esperança	39
<i>Iago Moura Melo dos Santos</i>	
VI. Carta aberta àqueles que acham que nesse país não se tem fome	47
<i>Jairo da Silva e Silva</i>	
VII. EnvelheSER em tempos de quarentena: entre a ojeriza e a incerteza	52
<i>Jairo da Silva e Silva</i>	
VIII. Mudaram as estações. E as palavras também	58
<i>Jairo da Silva e Silva</i>	
IX. Em tempo de quarentena eu teço memórias para abrigar o futuro	62
<i>Josane Silva Souza</i>	
X. A esperança equilibrista na corda bamba chamada Brasil	68
<i>Leila Cunha Raposo</i>	
XI. Quarentena, dia 17	74
<i>Leila Cunha Raposo</i>	

XII. Brasil, um país insólito! insolitudes políticas em tempos de pandemia no país do carnaval.....	78
<i>Luciana Helena Cajas Mazzutti</i>	
XIII. Sobreviver ao hoje, esperar o amanhã: a cegueira da humanidade em Rabhia	85
<i>Maiane Pires Tigre Rocha</i>	
XIV. Ecos discursivos em tempos de pandemia: um retrato da desumanização no Brasil	91
<i>Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho</i>	
XV. <i>Lives</i> , a nova “vida normal” que segue.....	96
<i>Mayllin Silva Aragão</i>	
XVI. Tetris-19: qual teoria podemos “encaixar”?	102
<i>Ricardo Afonso-Rocha</i>	
XVII. Corpos surdos e as tecnologias em tempos de pandemia: o papel do/da Intérprete de Libras como proposta de inclusão	109
<i>Ricardo Santos Dantas</i>	
XVIII. Ensaio em três tempos: mídias, poder e dissidências sexuais	115
<i>Tales Santos Pereira</i>	
Parte II - A vida, entre o poético e a realidade	120
I. a vida aqui dentro.....	121
<i>Almi Costa dos Santos Junior</i>	
II. exercício da lembrança.....	121
<i>Almi Costa dos Santos Junior</i>	
III. Cotidiano	124
<i>Clarissa Damasceno Melo</i>	
IV. Versos Provisórios Vida Provisória.....	126
<i>Eliana Costa Sausmick</i>	
V. ensaios de quarentena.....	130
<i>Fabício Brandão Amorim Oliveira</i>	
VI. Future-se!	132
<i>Leila Cunha Raposo</i>	

VII. [Isola]	134
<i>Ricardo Afonso-Rocha</i>	
VIII. Brasil-pandemia	136
<i>Ricardo Santos Dantas</i>	
IX. Mudanças em tempo de pandemia	136
<i>Ricardo Santos Dantas</i>	
X. Prelúdio ao fim dos tempos.....	139
<i>Tales Santos Pereira</i>	
XI. Ode à bala perdida.....	141
<i>Tales Santos Pereira</i>	
XII. Convulsão.....	143
<i>Ulisses Augusto Guimarães Maciel</i>	
XIII. Na ilusão do tempo	143
<i>Ulisses Augusto Guimarães Maciel</i>	
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES	146

Apresentação

De tudo ficaram três coisas: A certeza de que estamos começando. A certeza de que é preciso continuar. A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar. Façamos da interrupção um caminho novo. Da queda, um passo de dança. Do medo, uma escada. Do sonho, uma ponte. Da procura, um encontro!
(Fernando Sabino).

Em 2009, nos advertiu Todorov: “A literatura está em perigo”! Passados mais de dez anos, assim como em outros tempos tenebrosos, hoje também nós, além das artes, assim estamos. Ao tentar responder à inquietante indagação: “o que pode a literatura?”, esse pensador nos diz que “*A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver*” (TODOROV, 2009, p. 76, grifos meus).

Nas palavras do escritor Marçal Aquino (apud NASCIMENTO, 2007, p. 16), para isso nos serve a literatura e demais artes: “*A literatura, assim como toda forma de arte é a grande esperança contra a barbárie. A arte, que deve sempre causar algum tipo de desconforto, serve para que não nos esqueçamos nunca de que somos humanos*”. [Grifos meus]. A qual barbárie estamos, então, a nos referir nesse momento? Ao fatídico quadro que acossa ao mundo todo, a expansão do novo coronavírus, o qual transmite a devastadora Covid-19.

Não menos trágico, o Brasil também vive um cenário de horror instalado desde o advento de uma agenda “neoultraconservadora”, que veio na esteira do golpe de 2016, estabelecido, então,

[...] contra os direitos das mulheres, dos negros, dos indígenas, dos trabalhadores, dos moradores das periferias, da população LGBT, dos pobres; contra sua inserção social e contra suas formas de expressão. Mas se estabelece, também, contra o ensino público, contra a liberdade de expressão e de cátedra, contra o pensamento crítico, contra nossos sonhos de justiça. (DALCASTAGNÈ, 2018, p. 14).

Em meio a esses dois infortúnios que nos assolam: o vírus e os vermes, em que pese a suspensão das aulas em todo o país, a *Representação Discente* do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (Ilhéus/BA) ratifica a consciência do compromisso social que justifica a existência da Universidade. Defende, portanto, que tal compromisso também enseja que os estudos acadêmicos contribuam, em diferentes dimensões, com ações de combate a todo tipo de mazelas impostas à sociedade.

É nessa condição, mais precisamente no vão entre a necessidade de suspender as atividades para preservar a vida e a consciência de que sempre é possível fazer algo por nós e pelos outros, que recorremos à literatura e formas outras de arte, e juntos, elaboramos esse documento histórico: uma coletânea de mensagens/análises sobre o hoje. Em um programa de pós-graduação como o nosso, que nunca se esquivou de pensar o contemporâneo, é certo que não poderíamos deixar de refletir a emergência desse acontecimento histórico. Por isso, tomamos a iniciativa de tecer a coletânea *Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã*. Na certeza de que:

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos. (MELO NETO, 1994, p.345).

É que tecemos a escrita desta coletânea de trinta e um escritos que compõem as duas partes desta teia, formadas por dezoito textos na primeira e treze na segunda, tecidos por discentes das duas turmas [admitidas e admitidos nos anos 2019 e 2020] do Doutorado do PPGL/UESC. Por conseguinte, convidamos, as leitoras e os leitores a realizarem uma prazerosa incursão em *Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã*.

Intitulada de *A vida, entre ensaios e um dedinho de prosa*, sob a confluência da multi/inter/trans/indisciplinaridade dos estudos da linguagem (linguística e/ou literatura) com outras áreas de conhecimento, a primeira parte do livro nos presenteia com ensaios e *dedinhos* de prosa sob a forma de cartas, contos e crônicas. Os textos por nós escritos são, em alguns casos, mensagens de alento e de esperança para dias melhores, mas também não nos furtamos à arte que (re)interpreta a realidade pujante do agora, em meio às críticas ao caos social que se desenvolve no Brasil. Tentamos, por assim dizer, narrar sobre as emergências do agora e, talvez, pensar sobre as incertezas do amanhã.

Na mesma intensidade, a segunda parte da coletânea, *A vida, entre o poético e a realidade*, as mensagens de esperança por dias melhores, escritas/selecionadas no calor do momento, híbridas de testemunho e reflexão, nos chegam pelo fazer poético, como bálsamo à nossa alma, bem como convite a pensar criticamente sobre o hoje e o amanhã.

Enquanto o mundo científico procura a cura para a Covid-19, ou ainda, em se tratando de Brasil, “buscando – como todos – algo que nos explique como diabos chegamos até aqui” (DALCASTAGNÈ, 2018, p. 14), queremos que, em meio a essas procuras, esta coletânea, enquanto materialidade de nossa ciência [Ciências da Linguagem], se constitua como um encontro, bem tal qual disse o cronista na epígrafe que inaugura esta apresentação: “Façamos da interrupção um caminho novo. Da queda, um passo de dança. Do medo, uma escada. Do sonho, uma ponte. Da procura, um encontro!” (SABINO, 1986, p. 145).

Propomos, portanto, um encontro sobre o agora, mas também, porventura, um olhar, quem sabe, sobre o futuro e a esperança por dias melhores, pois, como cantou Renato Russo: “Mas é claro que o sol vai voltar amanhã/Mais uma vez, eu sei/Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã/Espera que o sol já vem” (RUSSO, 2003). Sim, resistiremos!

Desejo uma boa leitura a todas e a todos! Ah, e se possível for, fiquem em casa,

Jairo da Silva e Silva
Organizador

Referências

AQUINO, Marçal. Entrevista ao site weblivros. In: NASCIMENTO, Magnólia Brasil. Superar as diferenças para encontrar-se no outro. *Anuario Brasileiro de Estudios Hispánicos*: Suplemento – Jubileo de Plata de la APEERJ, Rio de Janeiro, p. 16-21, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. O que o golpe quer calar: literatura e política no Brasil hoje. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, volume 23, número 2, p. 13-24, 2018.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

RUSSO, Renato. Mais uma vez. In: RUSSO, Renato. *Presente*. Londres: EMI, 2003. Faixa 1. CD.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 50ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Prefácio

Por um amanhã pleno

Paulo Roberto Alves dos Santos
PNPD Capes/Uesc

Ao receber o convite para fazer este prefácio e tomar conhecimento da proposta do livro, uma ideia se fixou em minha cabeça: buscar explicação para a situação que estamos vivendo no Brasil. Para quem começou a entender o mundo a partir da percepção de que era necessário se opor à ditadura que se seguiu ao golpe civil-militar de 1964 e se engajou nos movimentos pela redemocratização em um aprendizado para a participação nas lutas em favor de conquistas sociais que vieram nos anos 1980, o momento é de perplexidade. Um abalo que começou no final de 2015 e agudiza constantemente, porque a toda hora surgem fatos inimagináveis por serem absurdos e que minam a crença de que tínhamos alcançado um estágio irrevogável de avanços democráticos. Em meio às dificuldades para entender tanta coisa se opondo à razão, nossa vida dá um giro de 180 graus por conta de vírus avassalador.

Com relação à democracia, a concepção que tenho vai além do direito à escolha pelo voto dos representantes em todos âmbitos, por isso minhas restrições a um sistema eleitoral distorcido que privilegia a representatividade individual e desvirtua a ideia de partido, contribuindo para a descrença em instituições associativas e no coletivismo. Democracia de fato reproduz a paridade do voto no atendimento a direitos como moradia, saúde, educação e renda, assegura a pluralidade máxima de vozes, cria e aperfeiçoa mecanismos de inclusão, enfim, garante os princípios básicos da cidadania para todas as pessoas. Apesar de capenga, a Constituição de 1988 aponta para as soluções desses problemas, porém muitos dos artigos que se referem a eles sequer foram regulamentados e iniciativas tomadas nos últimos tempos indicam que, infelizmente, certos anseios dos movimentos sociais incluídos nas cláusulas constitucionais jamais serão atendidos.

É grande a frustração diante da constatação de que ações importantes que poderiam melhorar a vida das pessoas e consolidar a democracia deixaram de ser implementadas, apesar de a presidência da república e outros cargos importantes terem sido ocupados por pessoas que forjaram sua trajetória política nas lutas reivindicatórias das décadas de 1970-80. Mesmo que se compreenda as amarras impostas pela necessidade de fazer coalizões para governar e que se reconheça a relevância de uma postura clara em favor de segmentos fragilizados e da adoção de políticas inclusivas nesse período, é inevitável a sensação de que poderíamos ter avançado mais na busca pela garantia de direitos básicos. Ao mesmo

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

tempo, a despeito de entender que nosso sistema político-administrativo se estrutura pelo princípio da maioria parlamentar, há uma série de questionamentos a respeito da natureza de concessões feitas para que isso acontecesse, algo que leva a pensar no abandono de bandeiras relevantes para o campo democrático.

Desenvolvo esse raciocínio pela perspectiva da esquerda, campo com o qual me identifico, mas a reparação judiciária aos arbítrios praticados durante a ditadura nos moldes que fizeram países como Argentina e Chile deveria ser uma exigência de todas as tendências políticas comprometidas com a democracia. Acontece que aqui, as forças vitoriosas nas três primeiras eleições presidenciais após a redemocratização foram as mesmas que conduziram o longo processo de transição, que passou pela negociação de uma anistia que igualou vítimas a torturadores e pelo acordo em torno da chapa Tancredo-Sarney. Os responsáveis pela condução do restabelecimento da democracia foram pessoas de centro-direita ligadas a grupos dispostos a apoiar governos em nome de seus interesses, o que determina que tenham um conceito bastante peculiar de democracia.

A construção de consenso mínimo entre forças antagônicas se dá pelos pontos de convergência, no entanto não significa que as divergências sejam esquecidas. Ao contrário, devem ser debatidas profundamente com a finalidade de se encontrar condições de convívio duradouro e respeitoso, particularmente quando envolve os destinos de um país. Em 2003, a premência era atender a promessa de criar empregos, de dar segurança alimentar e renda mínima a toda população sob o argumento justo de que um governo comprometido com as causas populares tinha pouca margem para erros.

Para isso, a coalizão em nome da garantia da aprovação das medidas necessárias era indispensável e as sutilezas que envolveram o processo, por vezes, passam despercebidas por quem acompanha os debates à distância, dessa maneira muitas perguntas ficam sem resposta. Entre as indagações incluo as relativas à temporalidade da criação da Comissão Nacional da Verdade para investigar os crimes praticados por agentes públicos contra os opositores da ditadura. Houve momento mais propício, antes de 2011, para tratar do assunto e os fatos que presenciamos estão fazendo com que aumente a convicção de que as esquerdas transigiram demasiadamente por temor a consequências que acabaram vindo por outros caminhos. Pouco adiantou o trabalho para a produção de um relatório com provas apontando mais de 400 mortes e o envolvimento de número parecido de pessoas que agiram em nome do Estado para que elas e outras atrocidades acontecessem, porque o fundamental não foi alcançado.

O documento recomendava expressamente que as forças armadas reconhecessem sua responsabilidade institucional e determinava a responsabilização jurídica, criminal, civil e administrativa dos envolvidos, contrariando a lei que os anistiou. O irônico é que esse relatório foi divulgado em 2014, quando já havia sinais claros permitindo que se vislumbrasse o que sucederia posteriormente. O primeiro indício foram as manifestações de junho do ano anterior e o segundo veio com a deflagração da Operação Lava-Jato, criada a pretexto de combater a corrupção, mas que visava apenas pessoas ligadas aos partidos de esquerda, as quais condenou de antemão.

Protagonizada pelo Ministério Público Federal e pela Polícia Federal a Lava-Jato ofereceu à grande imprensa matéria para a espetacularização do trabalho investigativo, enquanto desacreditava a política e demonizava o Partido dos Trabalhadores e suas figuras mais conhecidas. Com a insuficiência da estratégia para a retomada do poder pelo voto nas eleições de 2015, o consórcio-político-jurídico-midiático de viés direitista forjou argumentos, admitiu provas sem consistência e ignorou a legislação, construindo uma narrativa que instalou um clima de ódio e mobilizou parcelas da população para saírem às ruas em manifestações contra a presidenta Dilma Rousseff, o que verniz de legitimidade ao golpe de abril de 2016.

A naturalização de atropelos à ordem democrática pela imprensa e a cumplicidade do poder judiciário permitiram que pregações autoritárias se incorporassem à rotina das contestações por intermédio de pessoas vestindo verde e amarelo e que gritavam palavras de ordem, portando faixas e cartazes de feições fascistas. A demonização do PT, o descrédito atribuído à atividade política e o preconceito se somaram para a criação de um ambiente propício à propagação de ideais ultraconservadores disfarçadas de novidade, permitindo a ocupação de espaços em debates e sua disseminação em determinados segmentos da população, principalmente por meio das redes sociais, onde encontraram fácil aceitação por segmentos ligados ao fundamentalismo religioso. Paralelamente, os partidos políticos que protagonizaram o golpe viram frustradas suas expectativas nas eleições daquele ano, quando se fortaleceram legendas de aluguel e figuras secundárias do mundo político.

Acreditando no roteiro que havia estabelecido, os grupos centro-direitistas davam como favas contadas a vitória na eleição presidencial de 2018 e, diante do afundamento do seu candidato preferido, se jogou inteira nos braços daquele que podia derrotar as esquerdas, convicta de que assumiria o controle do governo, tendo em vista a agenda econômica comum e a irrelevância de divergências na pauta política. Como o psicopata eleito só assume compromissos a partir de seus interesses, dos de seus filhos não menos doentios e de

tresloucados e inescrupulosos que os apoiam, rompeu-se o fundamental no âmbito da política: a possibilidade de diálogo. A consequência são crises sucessivas que se agravaram com a chegada ao país do COVID-19 que impôs reclusão a muita gente, principalmente aquelas pessoas cuja atividade envolve aglomerações, entre elas, artistas, professores e estudantes.

Se para qualquer ser o impedimento para manter a rotina é um estorvo, para quem tem predisposição para cogitações sobre aquilo que acontece a seu redor o distanciamento social que impossibilita o contato físico com parentes e amigos, a conversa descomprometida no bar, a caminhada errante pelas ruas da cidade, a viagem no feriado prolongado ou o simples café no balcão da padaria torna-se algo difícil de suportar. Por isso que é salutar a ideia de reunir relatos de experiência em um livro para falar do cotidiano durante um período incomum em nossas vidas, tanto pelo risco de uma doença desconhecida quanto pelas incertezas no campo político. Nesse sentido, o livro perde o caráter efêmero e assume o de história viva, porque a partilha de angústias causadas pelo misto de melancolia e tristeza e a necessidade permanente que temos de buscar felicidade, de que fala um dos textos. Apontando para a mesma direção, alguém fala na crença de que a humanidade será melhor, se importará menos com o material e valorizará a ética.

Não menos vivas são as reflexões sobre a situação dos idosos de maneira geral e da mulher idosa em particular, por argumentos que se desenrolam pela perspectiva de que seu sofrimento diante da solidão e da proximidade da morte aumenta drasticamente com o risco de contaminação. Do mesmo modo, somos lembrados que se repete em relação às pessoas LGBTQTs a discriminação que aconteceu na década de 1980, quando apareceu a AIDS, com a diferença que naquela época não havia espaço para cruzadas moralistas. Não menos sofrida é a queixa pela falta de um abraço em oposição à rotina desagradável de lavar cuidadosamente as compras do supermercado e de não saber bem o que fazer com aqueles produtos que não podem ser lavados. A reclamação que tem uma dose de humor quando questiona o que fazer para desinfetar o alho, segue a direção do artigo que salienta que estamos diante de uma nova vida em que o conceito de normal tem outro sentido e que as *lives*, os ambientes virtuais para conversar e se relacionar com as pessoas passaram a fazer parte da realidade.

E dentro dessa nova normalidade surgem reflexões interessantes sobre a entrevista da famosa atriz durante sua efêmera passagem pela Secretaria Especial da Cultura, quando minimizou os assassinatos praticados pela ditadura. Aliás, no que se refere à efemeridade e mortes, é difícil não se comover frente à manifestação de estarecimento com o elevado número vidas levadas pelo coronavírus há pouco mais de um mês, quando se observa que elas triplicaram e tendem a crescer em proporções geométricas, segundo especialistas. Nesse

sentido, arrisco a dizer que a percepção desse cálculo serviu de mote para a direita oportunista que vinha fazendo vista grossa aos despropósitos do presidente mudassem de opinião e passasse a criticá-lo de maneira cada vez mais severa, dando a senha para a desencadeamento de estratégias para a reacomodação de forças para a continuidade de seu projeto político.

Arrisco a prognosticar que, enquanto recorremos aos meios tecnológicos para buscar conforto e distração, conversando com parentes e amigos, assistindo *lives*, colocando leituras em dia ou escrevendo para aliviar nossas angústias, articuladores políticos insatisfeitos com o rumo que o país está tomando usam as redes sociais e os ambientes virtuais para fazer maquinações com vistas ao afastamento do presidente que elegeram. Os motivos estão dados: uma crise econômica sem precedentes, desemprego em níveis altíssimos, instabilidade política grave e, infelizmente, milhares de famílias chorando mortes que, em boa parte, poderiam ser evitadas por ações governamentais.

Independente do afastamento do atual presidente, sua parcela de responsabilidade deve ser cobrada política e juridicamente. Não sou ingênuo de pensar que quem o apoiou por conveniência vá fazer isso, mas é compromisso que precisamos assumir em nome da democracia para que possamos pensar em um amanhã pleno, como diz a bela canção de Guilherme Arantes.

Parte I

A vida, entre ensaios e um dedinho de prosa¹

[...] Se faço isso é com o objetivo de saber o que somos hoje. Quero concentrar meu estudo no que nos acontece hoje, no que somos, no que é nossa sociedade. Penso que somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos.

*Michel Foucault*²

Uma vez nos anos 80, Analdino Paulino coordenou uma edição de crônicas de amor para um livro que seria brinde da Credicard. Convidou dez autores, eu entre eles. Escrevi a minha. Foi devolvida pelo então diretor de marketing do cartão de crédito. “Estava ruim?” Não, disse o coordenador. Estava boa, ele até gostou. “E por que recusou?” Porque ele pediu crônica e você mandou um conto. “Ah, e o que é conto e o que é crônica para ele? A resposta serviu para os milhares de teóricos que queimam cabeça. Porque, disse o marqueteiro culto, uma crônica não tem diálogos. E como a sua tem, é conto.

*Ignácio de Loyola Brandão*³

Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade.

*Mário de Andrade*⁴

Conto é tudo que o autor chama de conto.

*Mário de Andrade*⁵

Sei que o que escrevo aqui não se pode chamar de crônica nem de coluna nem de artigo. Mas sei que hoje é um grito. Um grito de cansaço. Estou cansada! É óbvio que o meu amor pelo mundo nunca impediu guerras e mortes. Amar nunca impediu que por dentro eu chorasse lágrimas de sangue. Nem impediu separações mortais. Filhos dão muita alegria. Mas também tenho dores de parto todos os dias.

*Clarice Lispector*⁶

¹ Nota: Tal qual a desconstrução percebida pelo menino de Guimarães Rosa em *Tutaméia*: “diante de uma casa em demolição, o menino observa: - ‘Olha, pai! Estão fazendo um terreno!’”, neste livro, entre um texto e outro, a Organização “prepara o terreno”, apresenta epígrafes inspiradoras que nos darão conta sobre a escrita por vir. Fonte citada: ROSA, Guimarães. *Tutaméia*. Terceiras Estórias. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 12.

² FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos*, vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 258.

³ BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O Estado de São Paulo*, 1986, p.15.

⁴ ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1972, p. 05.

⁵ ANDRADE, Mário de. Vestida de preto. In: *Contos Novos*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1999, p. 23.

⁶ LISPECTOR, Clarice. O grito. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 81.

No princípio era o Verbo.

*João, o evangelista*¹

Onde começa a escritura? Quando começa a escritura? ...

Sempre já.²

Jacques Derrida

Atravessar o abismo na escrita

Por Aryadne Bezerra de Araújo

Aryadne Araújo: Doutoranda do Programa de pós-graduação em Letras - Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Mestra em Letras: Linguagens e Representações, pela UESC.

¹ ALMEIDA, João Ferreira de. Tradução. *A Bíblia Sagrada* (revista e atualizada no Brasil) 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

² DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução Miriam Schneiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1973, p. 91.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Atravessar o abismo na escrita

Aryadne Bezerra de Araújo

“...se há um abismo intransponível, a palavra
atravessa o abismo”.¹
Maurice Blanchot (1969)

“Sentir-se mal emocionalmente e até mesmo
deprimir nessa época é inevitável. Não nos
culpemos. Mas vamos lembrar que a tristeza
sempre foi usada pelas tiranias contra o povo.
A simples alegria de se sentir vivo deve ser
preservada”.
Márcia Tiburi (2020)

Em esforço análogo ao que se propõe nessa reflexão, ou seja, buscando oferecer uma palavra de alento num presente fissurado por uma pandemia, Márcia Tiburi (2020) guia-nos a um fato relevante sobre a acídia que pode nos acometer nesse momento: a tristeza tem servido, ao longo de séculos, como ferramenta do poder opressor contra a população. O lampejo que sua escrita de exígua extensão nos oferece faz dela um intenso apelo à resistência na “simples alegria” de continuar (sobre)vivendo.

Surge-nos, aí, uma demanda tempestiva pelo sentimento de felicidade como esforço de resistência, malgrado a situação angustiante que nos cerca. Apelo esse que se faz relevante, sobretudo se olharmos os inúmeros exemplos, que a história nos fornece, da forma de exercer a soberania impondo o sofrimento ao outro. Tal método não é estranho à lógica do biopoder que habita a modernidade, lógica que, a grosso modo, se ancora no cálculo cruel da morte de uns para “preservar” determinadas vidas, sob a fâcies dissimuladora de um estado protetor². Em outras palavras, das quais me aproprio, “o biopoder é a decisão que, de fora do corpo, agindo sobre ele, eviscera-lhe a autonomia própria e constitutiva num gesto sempre simbólica ou fisicamente violento. O poder depende dessa soberania roubada”³.

Um sintoma manifesto do violento atentado contra a autonomia do sujeito é certamente a melancolia induzida por atos deliberados de repressão, privação, exclusão,

¹ “...s’il y a un insurmontable abîme, la parole traverse l’abîme”

² FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285-315.

³ TIBURI, Márcia. O corpo entre a estética e a política: pela construção da sensibilidade como categoria política. *Cult.* Ano 10, v. 117, p. 31-32, set. 2007.

aviltamento. A conseqüente disforia melancólica pressupõe a indisposição do sujeito à atividade, ao prazer e, até mesmo, ao que lhe é vital, como o alimento¹. O resultado dessas privações contorna o retrato de um sujeito prostrado, apático, afásico e passivo. Nessa conjuntura, a vida é, de modo mais fácil, sujeitada aos mandos e desmandos de uma ordem opressora.

A literatura nos fornece significativo número de representações da violência de estado exercida por meio da indução à disposição depressiva. Basta-nos acessar os textos que compõem a literatura de cunho testemunhal que nos defrontamos com tal violência. Servem-nos, como exemplo, os relatos de Primo Levi, sobrevivente do campo de concentração nazista, e as *Memórias do Cárcere*, em que Graciliano Ramos narra sua experiência de preso político durante a ditadura da Era Vargas. Na escrita desses dois autores, atestamos as terríveis faces da disposição melancólica imposta para promover o aviltamento do outro e sua imersão na condição de abjeto.

Em Primo Levi, um dos casos mais excruciantes da disposição depressiva em Auschwitz manifesta-se no que se denominava “muçulmanos” – uma multidão de corpos “anônimos”, “macilentos”, curvados, silentes, em cujo olhar, era impossível “ler o menor pensamento”². Tal era a degradação para a qual pendiam todos os forçados ao trabalho e privados de nutrientes necessários para a sobrevivência diária. A escassez de alimento somada ao excesso de esforço físico, afora tantas outras ofensas inomináveis, levavam aquelas pessoas a experimentar o estado de enorme desmoronamento do ânimo.

No testemunho de Graciliano Ramos, lemos o relato de meses em que o escritor é tomado pela inapetência conseqüente da repulsa motivada ora pela “boia” ignóbil ofertada no presídio, ora pelo espaço torpe que habitava no porão de um navio durante uma das transferências. Na sequência dos jejuns, surgiam a “vertigem”, o “atordoamento”, o fastio para a leitura e para a escrita de um livro que, em demasiadas vezes, menciona o desejo (perdido) de iniciar. Diante da condição de forçado a habitar o local inabitável e a comer a refeição intragável, o escritor denuncia a despersonalização que a prisão engendra: “temos a impressão de que apenas desejam esmagar-nos, pulverizar-nos, suprimir o direito de nos sentarmos ou dormir se estamos cansados”³. Impõe-se a força “esmagadora” do poder em direção ao desmoronamento do sujeito.

Todavia, a prostração que elucidamos nas representações literárias acima concorre com a face antagônica que constitui a melancolia, a saber, a sua contraparte maníaca, como anuncia

¹ FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

² LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 91.

³ RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Vol. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 66.

Freud¹. Por vezes, a melancolia tende a se converter num estado de ânimo elevado, podendo, também, retornar ao humor depressivo, num movimento pendular. Vemos com Susana Kampff Lages² que o sintoma maníaco da disposição melancólica impulsiona a tarefa do narrador e do tradutor. Desse modo, esses sujeitos são lançados ao labor escritural por uma pulsão maníaca ao passo que lidam com o “fantasma” ameaçador da consternação.

Divisamos a *performance* desse movimento pendular da melancolia na escrita das *Memórias do Cárcere*. Quando Graciliano Ramos diz perder o impulso de “atamancar” um romance atrás das grades, a face triunfante da disposição melancólica é escondida, dando lugar ao “esmagamento” do sujeito que o sistema carcerário coloca em movimento. Na direção oposta a tal estado de desânimo, a decisão de relatar sua experiência – ainda que só após dez anos da sua libertação – lança luz sobre o triunfo de um sujeito emergindo daquele “mundo horrível de treva e morte”³. O impulso da sua escrita testemunhal, a contrapelo de uma realidade que desafia a narração, orienta-nos a perceber a língua como meio de afirmar a (sobre)vida no ato de findar o silêncio, de superar a afasia à qual se inclina o sujeito cujo vigor e autonomia foram-lhe eviscerados pelo poder despótico do estado.

A língua é, portanto, o que resta (ou, ao menos, o que deveria restar) das ruínas, como ouvimos nas vozes de Hannah Arendt⁴ e de Paul Celan⁵, ambas resistindo contra a devastação do nazismo. Atestando a relevância do trabalho com a língua na restituição de um “eu” após a derrocada da qual foi vítima, Paul Celan⁶ afirma: “foi nessa língua que, durante esses anos e os anos seguintes, tentei escrever poemas: a fim de falar, a fim de me orientar e aprender onde eu estava e aonde tinha de ir para que alguma realidade se esboçasse para mim”. A língua e, portanto, a escrita “era a tentativa de obter uma direção” – uma direção que guiasse à sobrevivência daquele trauma e da consequente melancolia silenciadora.

Ainda que as palavras entoadas na lírica de Paul Celan carreguem o rastro de suas feridas, sua escrita se põe ao lado da cicatrização, do esforço triunfante de tentar encontrar

¹ FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

² LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.

³ RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Vol 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 7.

⁴ Vide entrevista que Hannah Arendt concede a Günter Gaus, em 1964, sob o título “*Was bleibt? Es bleibt die Muttersprache*” (O que fica? É a língua materna que fica). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ma5RqKdUQ8Q>. Acesso em: 11 mai. 2020.

⁵ Cito Paul Celan a partir da leitura de sua escrita poética empreendida por Maurice Blanchot em “O último a falar”: BLANCHOT, Maurice. *Uma voz vinda de outro lugar*. Tradução Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 71-110.

⁶ BLANCHOT, Maurice. *Uma voz vinda de outro lugar*. Tradução Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 103-105.

uma “direção” para além do abismo. Em consonância com o argumento, vemos com Jacques Derrida¹ que o processo de “cura” e “superação” tem lugar onde a ferida deixa marca. A escrita se oferece como meio de inscrever essa marca fora do corpo mortificado e do psiquismo ferido. Desse modo, ela mobiliza o processo de cicatrização, sobrevivência ou, diria Graciliano Ramos, “ressurreição”.

As marcas de um eu dilacerado inscritas nos poemas de Celan e no testemunho de Graciliano são vestígios de que um abismo foi atravessado e de que a vida resistiu e triunfou na língua e na escrita. Falando ainda com Derrida, “somos estruturalmente sobreviventes, marcados por essa estrutura do traço e do testamento”². A escrita é o rastro sobre o qual imprimimos e testemunhamos nossa sobrevivência, legando seu triunfo ao outro, às gerações por vir que, confrontadas com esse traço, poderão atestar não apenas a dor nas palavras, mas também a luta que elas traduzem.

A imposição da tristeza como uma forma tirânica de violência povoa nossa história, dos navios negreiros às suas reproduções simbólicas nos cárceres de hoje, passando pela opressão das ditaduras cujo espectro ainda ameaça nossas “democracias”. O desânimo abissal em decorrência desses traumas, que induz o ego à afasia, enrijece a lógica do algoz. Em que pese a força melancólica que nos atrai para o abismo, deixar-se guiar na contramão dessa tendência para agarrar-se ao ânimo pela vida é um ato não somente de sobrevivência, mas também de resistência.

Recompor restos de alento e transformá-los numa obstinada felicidade em estar vivo é, sem dúvida, esforço imenso. Mas um esforço revolucionário sobretudo na crise à qual testemunhamos, em que pessoas viram números e o luto por aqueles que perdemos é interdito, silenciado, minimizado pelo chefe de estado, numa triste performance do cálculo da vida e da morte. Sobreviver à realidade de choque e testemunhá-la na escrita, atravessando o abismo do silêncio – pois a língua é o que nos resta – é legar ao porvir o triunfo de uma luta, é fazer irromper no terreno enlutado da nossa história a flor drummondiana, uma flor desbotada, pois ferida, mas uma flor que rompe “o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”³

¹ D'AILLEURS, Derrida. Direção: Safaa Fathy. Paris: La Sept Arte / Gloria Films Production, 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JMQDUrQ6ctM>. Acesso em: 13 mai. 2020.

² DERRIDA, Jacques. *Learning to live finally – the last interview*. Translated by Pascale-Anne Brault and Michael Naas. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007, p. 51.

³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 19 livros de poesia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 114.

Eu não estou falando de otimismo cego aqui. A ignorância quase intencional que pensa que o desemprego irá embora se nós apenas não pensarmos nele, ou que a crise no sistema de saúde se resolverá por si mesma se nós apenas a ignorarmos. Não é sobre isso que estou falando. Eu estou falando sobre algo mais importante. É a esperança de escravos sentados ao redor do fogo cantando canções de liberdade; a esperança de imigrantes partindo para terras distantes; a esperança de um jovem tenente naval patrulhando bravamente o Mekong Delta; a esperança do filho de um trabalhador de moinho que ousa desafiar as probabilidades; a esperança de um garoto magrelo com nome engraçado que acredita que a América tem um lugar, tem um espaço para ele também. Esperança. Esperança diante da dificuldade. Esperança diante da incerteza. A audácia da esperança.

*Barack Obama*¹

O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
*Conceição Evaristo*²

Viva, Esperança!

Por Camilla Ramos dos Santos

Camilla Ramos: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes.

¹ OBAMA, Barack. Discurso disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A19751-2004Jul27.html>. Tradução Ivânia Cardoso. Acesso em: 17 mai. 2020.

² EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008, p. 11.

Viva, Esperança!¹

Camilla Ramos dos Santos

Se você procurar no dicionário, encontrará, como o significado da palavra “esperança”, o sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja; a confiança em algo bom; fé; ou a segunda das três virtudes teológicas, ao lado da fé e da caridade. Trata-se de um substantivo feminino. Se você parar para pensar nos tempos difíceis que estamos vivendo na política, na economia e na saúde pública, com a deterioração das relações sociais, achará quase impossível nutrir esperanças, em seu significado mais amplo. Principalmente se você pertence a um grupo de alguma forma excluído, invisibilizado e explorado. Por isso, embora a narrativa aborde a esperança, tratarei de contar sobre uma brasileira que vive numa das periferias mais vulneráveis e que foi batizada como “Esperança”. Filha de pais adolescentes, negros e revoltados com as desigualdades impostas a todos de sua comunidade, Esperança, aos doze anos, sente que herdara muito de seus pais. Aquela vontade de debater ideias, de mudar o mundo, de ser ouvida e respeitada é aquilo que a adolescente mais admira em si mesma.

Ana Paula, hoje com vinte e oito anos, é professora de matemática, cursa um mestrado e trabalha como voluntária no cursinho da comunidade. Roberto, um ano mais velho, é um ex-trafficante e, atualmente, trabalha como agente de endemias da comunidade. Se tivesse seguido nos estudos, como conseguiu a sua esposa, ele teria cursado Ciências Sociais. Ana foi quem trocou o nome da filha, que seria Luana, na maternidade, assim que o seu companheiro a informou que não venderia mais ilícitos. Ele não era violento e fazia questão de ajudar a comunidade, então nunca conseguiu juntar muito dinheiro. Quando conheceu a Ana na escola, Roberto estava no começo de sua vida à margem e sonhava em ter muito dinheiro para repartir. Seu João, o avô materno de Esperança, é um homem ressentido com a vida. Ele nunca aceitou o relacionamento da filha, mesmo depois que o genro deixou de traficar. Como o avô diz à Esperança, quase todas as vezes que a vê: “fora a neta, preferia mil vezes que a sua filha estivesse morta!”. Dona Graça, a avó, é uma costureira de mão cheia, umbandista e uma das mais engajadas na Associação de moradores. Seu João joga nas costas da mulher todo o seu desgosto com a Ana, sua única

¹ Texto produzido no âmbito do projeto de pesquisa “O oceano de fronteiras invisíveis: literaturas em línguas inglesa e portuguesa e fluxos epistemológicos sul-sul”, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - Fapesb.

filha viva. Ângelo, o irmão de Ana mais velho quatro anos, morreu aos nove por conta de uma bala perdida.

Esperança sabe do passado do pai e tem orgulho do homem que ela, de certa forma, acompanhou se transformar. Afinal, cresceram quase juntos. A garota também diz amar muito a mãe e a avó, mas fica confusa com os seus sentimentos quanto ao avô. Acredita que pelo avô o seu maior sentimento seja o de pena. Roberto a ensinou que o observasse pela forma com a qual trata a Ana, e que “nunca, fosse de um homem preto ou de um branco, aceitasse que batessem em suas nádegas de mulher preta e dissessem que era disso o que mais gostavam nela”, como faz o Seu João com a Dona Graça. Nesse momento, a costureira apenas esboça um sorriso amarelo, mas já chegou a chorar várias vezes. Esperança dá graças aos Caboclos e aos Orixás por nunca ter sido abusada sexualmente, por poder estudar e não lhe faltar nada, mesmo que sempre espere um pouco mais do que gostaria por seus mimos. O sonho da Esperança é estudar Ciências Sociais e se tornar vereadora, quem sabe convencendo o pai, no meio do caminho, a acompanhá-la como colega.

Desde pequena, os pais da Esperança a encorajaram na leitura, desviando a sua atenção da televisão e da casa dos avós maternos. Temiam que o Seu João traumatizasse a criança com o seu jeito explosivo, sem medir palavras para ofender a filha e o genro. Dona Mirtes, técnica de enfermagem e a tia que criou Roberto, sozinha, é a paixão da negrinha. A senhora cobre-a de mimos e a ensina sobre ser uma preta independente, principalmente em relação aos homens e aos burgueses. A mãe de Roberto, uma jovem empregada doméstica, engravidou do filho do patrão que fez a questão de não dar assistência alguma, e faleceu no parto. Inês sofreu violência obstétrica com a insistência da equipe médica de que ela deveria ter um parto normal. Mirtes processou o hospital público, mas até hoje não pôde ter o gosto da vitória em memória da Inês, embora isso não traga de volta à vida a sua irmã caçula. Foi com a tia que Roberto tomou gosto pela leitura, principalmente sobre a política. O gosto por artistas como Tim Maia e Jorge Ben foi passado assim também e chegou à menina.

Esperança, por sugestão da tia-avó e da mãe, leu *Quem tem medo do feminismo negro*, da filósofa Djamila Ribeiro. A jovem se encantou como ocorre quando lê a escritora Conceição Evaristo. Com essas duas intelectuais afro-brasileiras, a jovem encontra a projeção daquilo que quer se tornar. A adolescente estuda na escola em que a mãe leciona, que, por ser particular, esfrega em seu rosto as diferenças sociais existentes numa mesma população. Ser uma bolsista negra, moradora de uma comunidade, e estando ali somente porque é filha de uma das professoras, lhe custa ter poucos amigos. Não que sofra *bullying*,

mas há quem lhe dê bom dia apenas para ver se ela consegue roubar o gabarito das provas da sua mãe. Foi enquanto a Ana escutava no rádio as primeiras notícias sobre a Covid-19 no Brasil e preparava o jantar que Esperança postou palavras sobre a misoginia e o racismo, que a fizeram refletir acerca da sua condição:

Ao falarmos de nós, estamos denunciando o quanto essa categorização que tem como base o homem branco é falsa. Apontar isso é ampliar a universalidade, fazer com que abranja um número maior de possibilidades de existência. Se racismo e machismo são elementos fundadores da sociedade, as hierarquizações de humanidade serão reproduzidas em todos os espaços. Desse modo, a ciência já foi utilizada para legitimar racismo [...] introduziram o conceito de ‘racismo biológico’, assim como para tentar provar uma suposta inferioridade da mulher. [...] Nada é isento de ideologia. [...] Não é possível falar de política, sociedade e arte sem falar de racismo e sexismo. (RIBEIRO, 2018, s/n).

Não se passaram muitos dias para que fosse iniciada uma quarentena no país. Esperança e a sua mãe acompanhavam a dedicação do Roberto em seu trabalho, pois ele gostava de frisar que, mais do que um funcionário da prefeitura, era um cuidador dos seus vizinhos, dos amigos e daqueles que o viram crescer. Dona Graça se prontificou a confeccionar máscaras para serem distribuídas, o que de início foi motivo de brigas com o Seu João, que reclamava do tempo gasto pela esposa em se preocupar com todos, menos com ele. A rotina, como os horários das refeições e a limpeza da casa e das roupas, não foi alterada, mas o ranzinza colocava defeito em tudo. O velho também estava furioso com a queda nas vendas de fichas para jogos e de cervejas em seu bar, “tudo por conta de uma gripezinha!”, como resmungava. Sozinho a maior parte do tempo em seu estabelecimento, exceto aos fins de semana, Seu João desatinou a beber como quando perdeu Ângelo. Uma ferida na perna, por conta da diabetes, começou a necrosar. Mais uma preocupação para a família, principalmente para a Dona Graça.

São tempos de sacrifício e de tristeza na comunidade. Causa aflição ouvir Roberto quando conta como foi o seu dia, tentando passar tranquilidade para pessoas que sabem que vão morrer doentes ou de fome. Não é um pânico infundado, haja vista que o presidente Jair Bolsonaro repete aos quatro ventos, mesmo com o crescimento contínuo de vítimas da Covid-19, que a economia não pode parar e que morram tantos quantos tiverem que morrer. Ainda, ouvir os relatos das barbaridades que dizem os moradores vizinhos para defender o presidente revira o estômago. Ana e a filha começaram a ficar preocupadas com a saúde física e emocional do Roberto. Os caboclos Zé do Côco e Pena Branca são aqueles que, como sempre, acalmam os corações da mãe e da filha.

Os casos de vítimas da Covid-19 se transformaram em rostos conhecidos da família da Esperança, que permanece em luto. Quando soube do falecimento dos seus vizinhos que não puderam cumprir a quarentena por questões de sobrevivência, Seu João comentava que, se não fosse o “Luladrão” e a sua corja interferindo para que os doentes não pudessem utilizar a cloroquina, todas as vidas seriam poupadas. Mas foi quando a virose vitimou Sandra, uma ex-amante da rua de baixo, que o homem destilou o seu veneno, dizendo que a doença havia chegado ao Brasil em boa hora para extirpar os degenerados e graças a ela já nem se falava na morte da “sapatona comunista”- Marielle Franco. O beberrão sabe dos sentimentos da neta pela vereadora assassinada, mas não a poupou. Ali, Esperança observou mais uma vez que o seu avô, além de homofóbico, nunca superou ser trocado pelo açougueiro. A ferida da perna já fedía, mas o Seu João se recusava a tratá-la, mesmo quando Dona Mirtes se ofereceu para ajudar. Esperança aprendeu a cuidar dos curativos e, depois da desfeita do avô, no dia seguinte, a mocinha apareceu com a sua camiseta vermelha que dizia “Fora Bozo!”, um presente do Roberto. Com toda a certeza, conseguiu devolver a irritação. Além da falta de empatia do Seu João com as pessoas, Esperança sente pena do avô porque o considera uma pessoa ignorante. Não pelo fato de não ter concluído os estudos, mas por nunca ter se preocupado em aprender algo que o tornasse uma pessoa melhor.

Com um espírito de insistência, a neta envia vídeos do seu ídolo, o historiador e educador popular pernambucano, negro e periférico como ela, Jones Manoel. Cada vez que pergunta sobre a possibilidade de ceder, o avô lhe diz que isso aconteceria, talvez, no dia em que ela deixasse o futebol e de ouvir aquelas barbaridades, que chamam de música, mas são um lixo produzido por marginais. O avô ignora que o *rap* tematiza muito mais a resistência à política social do capitalismo racial do que a legalização das drogas, sem curiosidade nenhuma em saber sobre a necessidade de uma revolução, que possa enfrentar aquilo que Roberto diz tratar-se de um projeto nefasto: a necropolítica. Seu João também acredita que as mulheres não devem se envolver com a política, pois não possuem a capacidade de raciocinar como os homens. Uma vez, no Natal, quando Roberto ainda frequentava a casa do sogro, o homem estúpido jogou a indireta de que as mulheres não conseguem desempenhar nem mesmo o papel que a própria natureza lhes dera, não aguentando cólicas menstruais ou as dores do parto.

O fato é que a Esperança vê em seu avô o mesmo idealismo totalitário, o ódio e a mediocridade que vê no discurso político que infestou o país, e considera que militar pelas causas das minorias políticas é emergencial. A necropolítica, como um projeto de nação,

ficou evidente com a postura do governo federal e de seus seguidores. Incluem-se integrantes de células neonazistas, que não só tripudiam sobre a grande parte da população que vive em condições de miséria, como perseguem as pessoas pela sua cor da pele, gênero, idade, convicções religiosas e políticas. Mbembe (2018) descreve que essa tecnologia militar é terrorista e considera os indivíduos dominados como animais, enquanto o seu massacre não é considerado um crime¹. É criada uma ficção acerca da existência de um inimigo absoluto, o que convém para justificar o combate.²

Ainda falta algum tempo para que a Esperança ingresse na Universidade. Ela não vai (nem pode) fazer parte da demanda por cotas, pois estuda num colégio particular. Ana sabe que só conseguiu ingressar numa instituição federal por conta das cotas e, assim, foi subjugada por alguns colegas e professores. A preocupação das duas é se Esperança poderá usufruir de um ensino público de qualidade e de uma bolsa de estudos, caso precise. Os cortes de investimento e o descrédito dos cursos das Ciências Humanas, por parte do governo, são constantes e preocupantes. Se perguntam: “haverá um amanhã”? Quando conheci a Esperança, a sua história de vida me chamou a atenção. Porém, não mais do que aquilo que ela me disse sobre o seu nome. A adolescente me contou que há outro nome incomum pelo qual gostaria de ter sido batizada. Para a minha surpresa, a garota escolheria como nome “Liberdade”, pois, “é a chama que aquece e ilumina a sua busca”. Para finalizar e se justificar, me questionou se, por acaso, ser livre não é aquilo pelo qual cada indivíduo espera numa democracia.

Referências

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Cansado de ouvir sobre machismo e racismo? In: RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

¹ De acordo com filósofo, historiador e teórico político camaronês, advinda de uma técnica europeia de controle que visa a soberania, desenvolvida durante a colonização e levada às suas últimas consequências com o nazismo e o stalinismo, a necropolítica é uma política de Estado moderna que tem a morte e a despersonalização dos subjugados como finalidade para a manutenção do poder. O necropoder instaurado com o *apartheid*, na África do Sul, por exemplo, negava a cidadania aos locais, em seu próprio território.

² Política semelhante opera no Brasil submetido às diretrizes do governo Bolsonaro, com a perseguição a indígenas, quilombolas e demais grupos que constituem as minorias políticas.

O teto revela imediatamente sua razão de ser.
*Gaston Bachelard*¹

Liberdade é pouco:
O que desejo ainda não tem nome.
*Clarice Lispector*²

Um teto nada seu

Por Catherine Santana Souza

Catherine Santana: Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras - Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em Letras: Linguagens e Representações – UESC. Professora do Centro Juvenil de Ciência e Cultura da Bahia.

¹ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 36.

² LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 73.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Um teto nada seu

Catherine Santana Souza

A porta estava novamente entreaberta, impossível ignorar aquele quarto, Marta caminhava pela casa, varrendo e olhando de soslaio às reminiscências incrustadas nas paredes daquele cômodo. Sonhadora, vagava pelos corredores que pareciam ainda menores naqueles dias que haviam tirado a paz e a liberdade, dentro do seu cárcere. Caminhava sorrateiramente, como se buscasse na invisibilidade manter sua sanidade e poder cumprir sua promessa de proteger os filhos. Percebia-se num labirinto, embora a casa que morasse já há muito tempo não fosse tão grande, parecia perder-se continuamente. Rastejar sob aquele teto que em nada parecia ser seu, tornava-se agora sua *via crucis*, pensava Marta enquanto procurava nos objetos algo que a fizesse reconhecer-se naquele lugar. Resignada, esquecer de quem era, e isso já não mais tinha importância, sobreviver aos olhares e as reprimendas sofridas diariamente era o que a mantinha de pé.

Sentia-se perplexa diante daquele novo momento, não apenas pelo caos em que o mundo se encontrava diante de uma pandemia, mas o que viria a ser sua vida, protegida há anos, pela rotina que mantinha afastada, por uma boa parte do dia, uma ameaça constante. Havia aprendido a sobreviver às frequentes pressões, mas viu se aproximar dias tenebrosos e Marta agia como se não conhecesse as regras de um jogo feito para mantê-la sempre em desvantagem.

Marta era desatenta, a distração típica daqueles que preferem os sonhos à realidade e isso provocava irritações profundas no marido, quando buscava algum objeto e não encontrava ou mesmo quando exigia que os filhos ficassem quietos para que ele pudesse assistir a violência reproduzida pela verborreia midiática, influenciando seu caráter já disforme. Isso fê-la perceber que no isolamento de sua casa, essa violência ganhava eco e ressoava no comportamento do marido com a camisa verde e amarela gritando da sala e questionando a demora dos petiscos.

Refletir tornou-se um peso pra Marta, os afazeres domésticos, que outrora eram apenas parte de sua rotina organizada, passou a ser uma extensão do seu respirar, não trabalhava pra viver, mas vivia incansavelmente para servir, o que de alguma forma era também um bom motivo para, alienada, negar uma existência com a qual ela não compactuava. Estabelecia-se assim uma cumplicidade entre Marta e os móveis da casa, providenciada pela necessidade de proteger-se num lugar seguro e familiar, em horários

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

exclusivos, momentos em que aquele olhar de desaprovação não impunha sobre ela um sentimento de fragilidade e impotência. Não gostava de pensar, a constatação da bestialidade que invadia sua rotina tão bem delineada, a deixava absorta nos dias cinzas.

Acostumara-se à casa, era parte dela, a disposição dos móveis, os quadros, compunham sua história, uma memória herdada dos avós, gostava dali, construía desde menina fantasias de criança. Um dos quartos sempre fora seu lugar de refúgio e redenção para os momentos de tristeza e mesmo quando queria ensimesmar-se nas leituras que ela imaginava clandestina, para alimentar sua imaginação. Aprendera na solidão de menina, a satisfazer-se consigo mesma, na ausência de crianças que compartilhassem com ela da mesma sensibilidade de uma imaginação tão fértil. Tudo ali parecia impregnado de eternidade. Sua avó e mãe, experimentaram sob aquele teto iguais sensações, doçura e tristeza entrecruzando suas vidas organizadas, sob uma estrutura há muito reproduzida, pulsando em seus ouvidos através dos urros impacientes daquele homem que um dia jurou companheirismo. Sua cabeça latejava com pensamentos sobre Virgínia Wolf convocando as mulheres em ‘Um teto todo seu’ a refletirem sobre o motivo de estarem banidas do cenário da literatura e da necessidade de um teto e uma renda para que pudessem escrever.

Marta gostava de escrever, embora nem sempre fosse possível, e o teto já não era tão seu assim, pensava nisso olhando os filhos brincarem e a porta do quarto entreaberta, gostava de fitá-la sob essa perspectiva, essa indefinição trazia uma certa paz à Marta, o devir, a confirmação de que as coisas não deveriam ser assim. Atravessar aquela porta tornou-se um desafio, gostava de apostar nisso e agarrava-se a essa possibilidade como um fio de esperança, gostava de rememorar o poema de Brecht e sempre dizia de si pra si baixinho: ‘nada é impossível de mudar’ e repetia como um mantra: ‘nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar’. Num desses momentos foi surpreendida pelo seu algoz que se aproximou e com um riso debochado no olhar, questionou o que fazia Marta, diante da porta.

- O que faz aí, mulher?

- Nada de importante!

- Estou com fome, isso sim é importante!

Marta continuou ali parada, sem dar atenção a Benito que voltou à sua poltrona, para assistir, confortavelmente, a *live* do presidente. A imprecisa sensação de segurança que se agarrava à imagem daquela porta incomodava o marido, sobretudo porque fazia Marta perder tempo, e deixá-lo sempre esperando. Ele sabia o quão era importante aquele quarto

pra Marta e passou a ameaçá-la entrando no cômodo e fingindo estar procurando alguma coisa, ou fechando a porta com força, para assustá-la.

Conheceram-se na Universidade, ainda muito jovens, Marta cheia de sonhos engravidou e não pôde concluir o curso, Benito, no entanto, antes mesmo de terminar a faculdade de Administração empregou-se numa empresa de renome e pôde garantir uma vida tranquila financeiramente. Foram morar na casa deixada para Marta, pelos avós. O desejo de voltar a estudar foi substituído pelo segundo filho que veio um ano depois por insistência do marido carinhoso e defensor dos valores da família. Viveram dias bons, pelo menos era o que parecia, evidente que a violência e a opressão foram se mostrando aos poucos, na calada da noite, leve como uma brisa, e foi se instando, se ramificando e se instalando sumarento nos dias em que ficar em casa, isolada, tornou-se necessário à sobrevivência.

Mesmo triste e mais sozinha do que comumente se sentia, Marta buscava o sorriso nesses dias tão estranhos em que a esperança parece esmaecida no olhar das crianças e na falta de respostas concretas sobre o que podemos aguardar, buscando no faz de conta a mais terna fantasia e na voz embargada a performance de uma contação de história para os filhos assustados, cujos vilões e mocinhos negociam a vida e os pássaros decidem pela volta à normalidade dos beijos mágicos que curam feridas físicas e aquelas do coração. Decidiu que encontraria uma saída daquele labirinto, e ainda absorta nos dias cinzas, recolhidos num recorte de tempo e espaço, ela preparou o café, atravessou a porta, sentou-se sobre a escrivaninha e pensando no mantra, completou dizendo agora em voz alta: ‘não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar’ e iniciou sua escrita na rotina indisciplinada que vislumbra ser capaz de colorir a impermanência dos objetos e dos seres que dividem com ela o acaso da existência e o assombro ante a realidade que se inscreve como ficção.

O preconceito de idade enfrentado pelas mulheres ao envelhecer está composto pelo sexismo e pela dupla mensagem que considera velha a mulher com idade inferior à do homem. Essa dupla mensagem da velhice leva a aceitar a visão de que enquanto os homens de idade avançada são “durões, rudes e viris” as mulheres estão “enrugadas”. Os cabelos brancos e a calvície que fazem os homens parecerem “distintos e muito atrativos”, mostram uma mulher em “decadência” [...] A sobrevivência da mulher, tanto física quanto psicológica, tem sido vinculada à habilidade de corresponder ao homem e aos padrões sociais estabelecidos que reforçam constantemente o poder que emana do patriarcado.

*Carmen Delia Sánchez Salgado*¹

Reflexões acerca do isolamento social: a solidão da mulher idosa em tempos de pandemia

Por Catherine Santana Souza

[...] nunca se fala de “bela velha”; no máximo se dirá “uma encantadora anciã” [...] Ao passo que admitimos certos “belos velhos”; o macho não é uma presa; não se exige dele nem frescor, nem doçura, nem graça, mas força e a inteligência do sujeito conquistador; os cabelos brancos e as rugas não contradizem esse ideal viril.

*Simone de Beauvoir*²

¹ SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002., p. 11-12.

² BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 364.

Reflexões acerca do isolamento social: a solidão da mulher idosa em tempos de pandemia

Catherine Santana Souza

Velhice é um modo de sentir frio que me assalta e uma certa acidez.
Adélia Prado

A marginalização do idoso na sociedade contemporânea é um dos problemas enfrentados na velhice e em tempos de pandemia, durante o combate ao COVID-19, cujo isolamento social torna-se necessário, o idoso sente-se perplexo diante da solidão. Discriminados pela idade e agora pela saúde, são violentados pelo discurso de que são frágeis e incapazes, pois muitos veem-se impossibilitados de atuar nas atividades que geralmente se dedicam. O dinamismo que marca as sociedades modernas, a partir da segunda metade do século XIX, compreende a velhice como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais. A pandemia que eclode no ano de 2020 no mundo vem marcando profundamente a vida das pessoas e sobretudo dos idosos, que tiveram suas vidas modificadas em função de uma doença, e das incertezas por ela provocadas.

A velhice como uma construção social e política produz concepções negativas como *velhismo* ou *velhofobia*, expressões que traduzem a solidão que se produz na velhice, o frio e acidez evidenciados na epígrafe, no poema de Adélia Prado. Para (Barbosa, 2003), em muitos casos, os significados culturais que ‘velhismo’ incorpora, equiparam-se a outros ismos como racismo, classicismo e machismo. Essa conotação negativa demonstra como a sociedade lida com seus velhos, muitas pesquisas e notícias que circulam atualmente no mundo abordam a falta de preparo e cuidado com os idosos. O Brasil não foge à regra, assistimos estupefatos à falta de estratégias do atual presidente Jair Bolsonaro no combate ao novo coronavírus e suas declarações acerca da falta de ações concretas de proteção e cuidados aos idosos, numa entrevista concedida a um programa sensacionalista, ele afirmou: “Devemos, cada família, cuidar dos mais idosos. Não pode deixar na conta do Estado. Cada família tem que botar o vovô e a vovó em um canto e evitar o contato a menos de dois metros”.¹

¹ A declaração foi feita na entrevista dada ao apresentador do programa *Brasil Urgente*, em 08 de abril deste ano.

A declaração do presidente reforça a discriminação ao tratar os idosos como vovô e vovó, como se a velhice estivesse circunscrita meramente a uma função no âmbito familiar, reafirmando estereótipos de homogeneização da velhice e negando a diversidade, além da rejeição quando sugere que os idosos precisam ser colocados ‘num canto’. Para Ecléa Bosi (1987) a sociedade rejeita o velho, não oferecendo nenhuma sobrevivência à sua obra, ao velho é negado a possibilidade de participação da produção e por não fazer nada, deve ser tutelado como um menor.

O mesmo acontece com as mulheres negras, que precisam ser constantemente tuteladas e controladas pelo Estado e por segmentos mais conservadores da sociedade que se acham no direito de controlar suas vidas. Grada Kilomba (2019) afirma que as mulheres negras (diferente das brancas que possuem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o ‘outro’ do homem branco, porque são brancas, mas não homens), não são nem homens, nem brancas e acabam por exercer a função de o ‘outro’ do outro. E acrescentamos que sendo idosa e negra, a exclusão tende a ser ainda maior.

A maneira de se pensar o envelhecimento de forma homogênea é criticada por Guita Debert (1999); para a antropóloga, esse modelo alimenta uma ideia de velhice como um período de retraimento em face da doença, numa perspectiva de dependência e passividade que legitima as políticas públicas, baseadas na visão do idoso como um ser doente, isolado, abandonado pela família e alimentado pelo Estado. Não podemos negar, no entanto, que a desigualdade social no país e a falta de perspectiva econômica para muitos indivíduos, reflatam em suas vidas, sobretudo na velhice. Uma das primeiras vítimas do COVID 19 no Brasil foi uma idosa negra de 63 anos, empregada doméstica no bairro Leblon, zona nobre do Rio de Janeiro. Cleonice Gonçalves foi infectada pelos patrões que haviam retornado recentemente de uma viagem à Itália. Impossibilitada do isolamento social, porque precisou continuar trabalhando, Cleonice amargou a solidão da exclusão por ser mulher pobre, negra e idosa.

Muitos programas voltados para estes indivíduos, como as escolas abertas, as universidades para a terceira idade e grupos de convivência de idosos, foram desenvolvidos por governos anteriores. Estes programas voltam-se para o incentivo à busca da autoexpressão e a exploração de identidades como é comum na juventude, possibilitando espaços com experiências inovadoras que podem ser compartilhadas (idem, 1999). A reorganização dos espaços de atuação do idoso decorre de uma tendência contemporânea que consiste em rever os estereótipos associados constantemente ao envelhecimento. O processo de envelhecimento e a própria velhice têm sido ressignificados, e a ideia de perdas

cede espaço para a constatação de que a velhice e o seu decurso são momentos de desfrutar de conquistas pessoais e tranquilidade. Esse movimento, no entanto, demonstra-se ambivalente, pois ao passo que avançamos com políticas de incentivo e qualidade de vida aos idosos, percebemos o retrocesso nas ações do presidente ao demonstrar descaso e desconhecimento ao Estatuto do idoso (2003) que assegura a efetivação do direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito e a convivência familiar e comunitária, garantias de apoio e proteção.¹

Pensar a velhice, especialmente numa sociedade tão heterogênea quanto a brasileira, deve-se levar em consideração as relações de gênero, não apenas porque existam mais mulheres do que homens idosos, mas, principalmente, porque a trajetória de vida em cada um dos gêneros desenvolveu-se de forma tão distinta que acaba por marcar diferencialmente determinadas situações e sentimentos específicos que velhos e velhas vivem hoje, como aponta Alda Motta (1999). A mulher na velhice sofre duplamente a invisibilidade e a discriminação, por ser mulher e por ser idosa. E acrescentamos que sendo negra, esse sofrimento é intensificado pelo racismo.

Envelhecer para as mulheres é geralmente um fardo muito maior do que para os homens. A cobrança por estarem sempre belas e jovens começa desde muito cedo com os apelos da mídia e da sociedade para que recorram a plásticas e utilizem cremes anti-idade para atenderem a um modelo corporal. Adélia Prado, no conto intitulado ‘O tempo’ relata o conflito de uma mulher que se sente envergonhada e rejeitada por sua condição:

O que é mesmo que a chateava? Onde era exatamente o ponto que doía tanto? A vergonha. Ser velho dá vergonha e dá vergonha porque é impudico, arrazoou fugindo do problema. Invejou as freiras teimosas que ainda usam seus hábitos. Deu-se conta de um sentimento ruim, o de que além de velha pecava pela rejeição de sua velhice e pecava feio, aumentando-se por consequência e castigo em mais velhice e mais feiura. (2010, p.126).

A dor, vergonha e rejeição descritas pela personagem são capazes de nos dar a dimensão de como se sentem as idosas que já sofrem com a solidão e o isolamento a despeito da pandemia em que nos encontramos. A crise experimentada pela personagem confirma o que Beauvoir discute em seu livro *A velhice* (1990), quando afirma que se o

¹ Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

destino da mulher é ser, aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade. A objetificação mencionada por Beauvoir demonstra a opressão na qual as mulheres foram submetidas historicamente, a naturalização e a perpetuação de um discurso em que a coloca como inferior, assimétrica em relação ao homem. Tal objetificação, alimentada pela ideia de beleza, reforça o binômio juventude e velhice como categorias situadas em polos opostos, denunciando que a velhice é a negação dos atributos que compõem a juventude e que esmaecem com o tempo, restando ao idoso a solidão, rejeição e resignação à espera da morte.

As situações degradantes nas quais as mulheres idosas são submetidas advém de um preconceito já mencionado aqui anteriormente, que é a homogeneização da velhice, a maneira como a sociedade comumente enxerga o velho e principalmente a mulher idosa, encarando a velhice não como um processo no qual todos passamos ou iremos passar, desconsiderando as várias formas de envelhecer, porque a perspectiva de cada um é diferente e que depende das condições socioeconômicas, a forma de perceber o mundo e atuar sobre ele. Ao contrário, acreditam que a velhice é um estágio da vida, não levando em conta o dinamismo inerente ao processo de envelhecer, como diria Beauvoir: “viver é envelhecer, nada mais.” Para as mulheres pobres, o preço da velhice costuma ser mais caro, sobretudo porque historicamente as mulheres não são remuneradas como os homens, recebem menores salários. Apesar de nos últimos anos, como podemos observar em pesquisas do IBGE e IPEA, as mulheres terem superado os homens em quase dois anos em tempo de estudo formal, ainda assim, costumam receber salário menores, impactando sobre a velhice.

A solidão torna-se maior no isolamento social, porque muitas idosas construíram uma rotina de atividades fora de casa, justamente para fugir dessa condição, mesmo muitas delas morando com suas famílias, ainda assim sentem-se sozinhas e pensam que sejam mais úteis realizando tarefas como ir ao supermercado, fazer exercícios, encontrar amigos, ressignificando a forma como a velhice foi e ainda é concebida. Guita Debert (1999) apresenta o resultado de algumas pesquisas em seu livro *A reinvenção da velhice*, mostrando como a solidão pode ser ainda mais perversa no convívio familiar, demonstrando dados e comprovando que a manutenção de unidades domésticas plurigeracionais não deve ser vista como garantia de uma velhice bem sucedida e o fato de morarem juntos não representa que existam relações amistosas entre os idosos e seus filhos. A partir desses resultados, podemos concluir ainda que para as idosas essa situação pode ser ainda pior, pois muitas, enquanto mulheres, são tratadas como empregadas e babás dos filhos e netos.

O poema *Páscoa*, de Adélia Prado, já apresentado com o seu primeiro verso, na epígrafe, descreve a solidão experimentada pela idosa: “Divido o dia em três partes: a primeira pra olhar os retratos, segunda pra olhar espelhos, a última e maior delas pra chorar”. Cumpre refletir que o poema apresenta três condições que apontam para a angústia e solidão, provocadas pela passagem do tempo, refletidas em ações passivas como olhar retratos, possivelmente rememorando o passado, pessoas e lugares, olhar espelhos e por fim chorar, três elementos que apontam para a rejeição e a tristeza.

Refletirmos a velhice em tempos de pandemia é um convite a repensarmos sobre a condição do velho em nossa sociedade, sobretudo a da mulher idosa, não enquanto seres improdutivos e incapazes, mas como atores sociais que lutam para serem reconhecidos por suas ações. A velhice é uma etapa da vida que não deve ser interpretada apenas como o final da vida, mas importa considerarmos as contribuições acumuladas a partir das múltiplas experiências dessas pessoas. Tema recorrente na escrita de Adélia Prado que nos faz despertar para a velhice enquanto um processo no qual estamos submetidos, ora denunciando a maneira como o velho é visto e a solidão decorrente do tratamento que lhe é dispensado, ora redimensionando com boas novas:

A boa notícia é que a alma pode permanecer com o humor dos dez, o viço dos vinte e o erotismo dos trinta anos. O segredo não é reformar por fora. É, acima de tudo, renovar a mobília interior: tirar o pó, dar brilho, trocar o estofado, abrir as janelas, arejar o ambiente. Porque o tempo, invariavelmente, irá corroer o exterior. E, quando ocorrer, o alicerce precisa estar forte para suportar.

Referências

- BARBOSA, Maria José Somerlate (Org). *Passo e compasso: nos ritmos do envelhecer*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2ª ed. São Paulo, T.A. Queiróz / Ed. Univ. de São Paulo, 1987.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: *Cadernos Pagu* (13), Unicamp, Campinas, n.13, p. 191-221. 1999. Disponível em: <https://bit.ly/2Mlzjoh>.
- DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesb, 2012
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: ARX, 1991.

Todo interesse de minha razão (tanto o especulativo quanto o prático) concentra-se nas três seguintes perguntas: 1. *Que posso saber?* 2. *Que devo fazer?* 3. *Que me é dado esperar?* (Grifo no original).

*Immanuel Kant*¹

Viver é melhor que sonhar.
*Belchior*²

O triunfo da esperança

Por Iago Moura Melo dos Santos

Iago Moura: Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestre em Letras (UESC). Bacharel em Direito (UESC) e Advogado (OAB/BA). É membro do Grupo de Estudos Discursivos (GED/UESC), do Grupo de Estudos Pecheutianos (GEP) e do Coletivo Contradit (Coletivo de Trabalho - Discurso e Transformação).

¹ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*: Os pensadores. Vol. II. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 833.

² BELCHIOR. Como nossos pais. In: BELCHIOR. *Alucinação*. Rio de Janeiro: Polygram, 1976. Faixa 3. Lado A. Disco de vinil.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

O triunfo da esperança

Iago Moura Melo dos Santos

Noam Chomsky, considerado um dos maiores linguistas da contemporaneidade, inicia a sua fala *The Delphic Oracle: Her message for today*, no evento “Abralín ao vivo”, em 4 de maio deste ano, com um breve, mas razoável, diagnóstico a respeito da pandemia e de seus efeitos sobre a vida. Vejamos parte de sua introdução “política” ao tema de sua conferência:

Hoje o mundo não é um lugar muito feliz. Nesse momento, ele mergulhou numa crise de pandemia severa que provavelmente levará a economia mundial aos tempos da grande depressão e vai matar um número incalculável de pessoas. Mas esse é apenas o começo. Nós nos recuperaremos da crise com um custo muito alto, mas não haverá recuperação do derretimento das calotas polares [...]¹.

O linguista ensaiou, ainda, pertinentes aproximações entre os governos de Trump, nos EUA, e de Bolsonaro, no Brasil, em relação à gestão da pandemia. Sintetizo: o “consenso científico” é um dos alvos que se quer atingir; Trump e Bolsonaro ignoram a opinião dos especialistas e maximizam o impacto do vírus sobre a população, tratando dele como uma “gripezinha”; eles diminuem o significado da ciência. Mais algumas palavras, e: “Bom, vamos deixar *isso* pra lá e vamos falar do que a gente veio aqui pra falar. Vamos falar do Oráculo de Delfos [...]” (eu grifo). A partir daí, a “faculdade de linguagem” ocupa o lugar de objeto estável na enunciação do linguista. O que acontece, no entanto, com *isso*? Tudo se passa como se a transição do político ao linguístico não constituísse problema. De um lado, a língua. De outro, o mundo. Não é assim desde Saussure e mesmo antes dele? Não é este “o contínuo” que se mantém com o advento da gramática gerativa, em sua parcial oposição ao estruturalismo?

Isso dá lugar à forma. Ocupemo-nos da forma e deixemos *isso* pra lá, diz o linguista. Poderíamos perguntar, entretanto: não é no tema da “ambiguidade” que *isso* retorna, sem sabê-lo o linguista? “A estrutura da língua não está nem aí para a comunicação”, aduz, ao mencionar os problemas languageiros da externalização da gramática universal no nível do desempenho do falante. Não é aqui mesmo que o político faz cintilar o não-todo da língua?

¹ CHOMSKY, Noam. The Delphic Oracle: Her message for today. *Youtube*, 04 de maio de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_3KpQA1ooKM. Acesso em: 10 mai. 2020.

Não-todo sustentado num amor pela língua¹, cuja realização se converte numa espécie de “esperança” que o recobre em favor da promessa de autonomia absoluta daquela com relação ao mundo? *Isso* insiste.

Para Freud², a religião não passava de uma ilusão. Para Lacan³, um campo do humano, uma estrutura, que não “[...] triunfará apenas sobre a psicanálise, triunfará sobre muitas outras coisas. É inclusive impossível imaginar quão poderosa é a religião”⁴. Pronta para fornecer sentidos, recobrir “o que não funciona”, aquilo mesmo a que o revisor de Freud designou “real”. Na psicanálise, *isso* encontra escuta. Na contramão dessa nova discursividade, a religião e sua truculência. De outra parte, o sintoma, mais real que o real: o analista. Seria, então, este último e seu discurso recoberto pela religião? A esperança, articulada no discurso dos “missionários da Verdade”, triunfará mesmo sobre o sintoma. Parece, ter entendido Lacan, em sua época, positivamente. A fixão da estrutura religiosa seria uma contraparte para a fixão da Lei, do Simbólico, do fato de que há castração⁵. Mas, nós contemporâneos o sabemos de uma forma cada vez mais presente em seus efeitos, o sexo pode falhar. Isto significa dizer que a Lei não é eterna, que os termos da castração podem ser rearticulados, que o falo pode deslizar, de onde as posições de homem e mulher abrem descontinuidade perante o suposto “destino anatômico”. O que é expulso do simbólico é, assim, um horizonte futuro⁶. Aí se incluem os corpos abjetos, poderíamos dizer, sustentando-se como um campo de espessura para o sintoma. Nós, igualmente, experimentamos, entretanto, o triunfo da religião, o seu poderio.

O triunfo da religião é, eu leio, também o triunfo da esperança. Como tal, ela é solidária a um tipo de niilismo que assegura que se possa imaginarizar um futuro sempre melhor, positivo e progressivo. Espera-se por fantasmas: a Justiça, a Ordem, a Razão, o

¹ Conforme discussão de feita por MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Tradução de Sercovich. México: Editorial Nueva Imagen. 1980.

² FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 15-80. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

³ LACAN, Jacques. “O triunfo da religião” precedido de “Discurso aos católicos”. Tradução André Telles. Revisão técnica de Ram Mandil. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

⁴ Idem, p. 65.

⁵ A grafia é de Lacan, para designar, no jogo com a ficção, o impossível que se fixa desde a estrutura da linguagem. *Fixion*, no francês. Ver: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003[1972].

⁶ BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Tradução Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 edições, 2019.

Direito e, mais recentemente, o do retorno da Normalidade pré-pandêmica. Substantivos abstratos. Objetos ideológicos. Esperar, então, realiza uma espécie de quietismo que se volta contra toda e qualquer possibilidade de luta, de transformação radical, de “mudança de terreno”. É da fé que depende a esperança. Igualmente, depende do esquecimento do “aqui”, da miséria cotidiana dos explorados e exploradas, que, nas temporalidades contraditórias e não lineares do “agora”, ganha corpo e é efeito histórico (e não mecânico) da formação social econômica e concreta em que domina o modo de produção capitalista. A normalidade é aquela da exploração, da lógica da mercadoria, em que a liberdade e a igualdade, cujo real somos perpetuamente “convidados” a subjetivar, alude, em sua materialidade, ao campo dos contratos e do sistema de equivalências de valor. A bem da esperança, domesticam-se as pulsões desagregadoras, de onde as formas abstratas podem passar como sempre-já aí, a fantasia pode se manter como o concreto empírico e fenomênico. É assim que leio, desde o materialismo spinozista¹, que “A esperança é uma alegria inconstante nascida da ideia de uma coisa futura ou pretérita de cujo sucesso duvidamos até certo ponto”², profissão de fé de que o “progresso” se faz paulatinamente, deixando-se a humanidade a mesma. Às expensas da religião se dissimulam as possibilidades concretas da utopia de destituição da propriedade privada.

A esperança se diz nas ciências, no apelo de que essas possam nos “salvar”. Salvar do fato de que temos um corpo, de que esse corpo é falante e de que a carne perece. Salvar de quem nós somos, daquilo que esse nosso modo de ser no mundo capitalista implica em relação a nossa sobrevivência. A era espacial e a procura por outras Terras habitáveis aí se coloca. É imperativo que colonizemos o espaço, uma questão de tempo e de progresso científico. Expansão necessária do capitalismo em esfera global e além dela. Escaparemos, então, da morte? A ciência nos salvará? A esperança triunfará? Se sim, há custo de que e de quem? A produção de conhecimento é afetada pela contradição econômica, a qual, em minha leitura, toma a forma do desenvolvimento da contradição entre objeto concreto e objeto de conhecimento, enquanto materialidades que não se equivalem, mas que se relacionam por alusão³. Em outras palavras, o concreto sob o qual as ciências se autorizam exige um trabalho de desnaturalização perpétua, para que se possa fazer apreender enquanto objeto teórico, de valor heurístico. É, precisamente, em face disso que, no campo

¹ ALTHUSSER, Louis. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. Tradução Mónica G. Zoppi Fontana. *Crítica Marxista*, [s./l.], n. 20, p. 9-48, 2005[1982].

² SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução Oscar Cohan. Madrid: Gredos, 2011, p. 150.

³ Discussão, de que me aproprio aqui, desenvolvida no campo da teoria do discurso, por exemplo, através de HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1992.

da ciência da língua, podemos dizer que o analista de discurso sustenta-se no lugar do sintoma. No campo do linguístico, a esperança autoriza leituras religiosas (O que o texto diz? Qual a intenção do autor? etc), codifica a língua sob o amálgama da transparência, da infalibilidade, da literalidade; de onde a metáfora, o conotativo e o literário parecem restritos à Retórica. Esperança que é também de uma língua ideal, inequívoca, toda e completamente autônoma em relação ao mundo. Por outro lado, de que a língua não exista, que seu papel seja meramente instrumental e ignorável, de que possamos ganhar o mundo sem que ela intervenha (no campo de um certo marxismo?). Em última instância, de que não sejamos sujeitos, de que *isso* não possa falar. Esperança que incomodou Pêcheux e que nos incomoda a mudar de terreno, em relação ao social, mas também em relação à língua e ao impossível de que o sentido lhe seja inteiro e de que ele seja primeiro, pois, com aquele, retorna o sujeito. *Isso* fala e é, então, escutado sob a forma de duas alteridades irreduzíveis entre si: a do interdiscurso e a do inconsciente. A forma existe e com materialidade, não no nível das superestruturas (ideológica, política), mas como estrutura. É no campo do discurso (linguístico-histórico), de que aquela é suporte material, que há a inscrição do ideológico, não como ideia abstrata, mas enquanto mecanismo igualmente material. Há sentido porque algo do mundo ressoa (precisa ressoar) na língua.

Sentidos de quarentena: um gesto de análise

Podemos aqui pensar a esperança, compreendendo como o funcionamento do discurso trabalha a injunção à identificação dos sujeitos com a ideologia da Igualdade. Trata-se da esperança de que os direitos sejam universais. O compromisso ideológico desse tipo de esperança é, portanto, com a metafísica do direito natural, a qual sustenta, dentre outras coisas, que os direitos são preexistentes às leis amplamente consideradas, isto é, ao direito dito positivo e, por isso, reivindicáveis por meio de luta. Em nossa formação social econômica e concreta, o discurso dos direitos humanos, que se fundamenta após a segunda guerra mundial, é que desenvolve, de modo mais saturado, a mencionada ancoragem jusnaturalista, pela via da promessa de igualdade. Recortando um campo de questões dentre as inúmeras possibilidades de construção de arquivo em relação ao objeto “pandemia”, eu me propus a pensar a esperança em relação à igualdade jurídica, a partir do funcionamento discursivo da oposição direito/privilegio, na forma como ela se atualiza em discursos sobre a quarentena em distintos espaços enunciativos.

O par direito/privilegio toma formas diferenciadas conforme os relativamente distintos lugares em que circula - tais como o acadêmico, a militância, as mídias digitais e mesmo o jurídico - constituindo um complexo feixe de questões. Admite oposição e/ou

negação, bem como sinonímia, já que sobreterminado pelo interdiscurso, em relação às regiões de sentidos de que os sujeitos “recebem” já-pronto o saber que subjetivam e diante do qual tomam posição. Esse funcionamento contraditório se materializa desde as oposições direita/esquerda, conservador/progressista e admite partilha social de sentidos, inclusive, entre as esquerdas e os ditos novos movimentos sociais, nesse último caso, atualizando a contradição quietismo/voluntarismo sob a forma da disjunção teoria [lacração]/ prática [luta real]. Trago, a seguir, duas formulações recortadas da página de um usuário do Twitter, que integram o arquivo que constituí para pensar o aludido funcionamento.



Temos, no recorte acima, duas formulações que se cruzam sob a oposição direito/privilégio. Tanto na primeira, quanto na segunda - em que se discursiviza um efeito de comentário - podemos notar um tipo de modalização dos sujeitos da enunciação em relação à noção de privilégio. Este distanciamento autonímico significa, como lugar da heterogeneidade, do discurso-outro, a dita noção: a) num primeiro momento, pelo gesto de aspeamento, e b) num segundo momento, pela outorga ao outro, precedida da adversativa *mas*, do sentido de quarentena como privilégio, sob a forma do “muita gente/tem gente”. Nas duas formulações, materializa-se como mais ou menos evidente o sentido de quarentena como “direito”, bem como duas maneiras distintas de “manter distante” a palavra “privilégio”. No funcionamento, o emprego das aspas constitui marca formal de uma menção (e não uso) da palavra aspeada, indicando que o elemento não se representa como apropriado pelo sujeito da enunciação, sendo apenas “mostrado” ao interlocutor. Antilapso mediante o qual aquele suspende a sua responsabilidade (“Digo, *mas*”). Um “narcisismo ofensivo” através do qual o sujeito se representa para si mesmo como irreduzível ao discurso, senhor do dizer, causa de si, capaz de significar o discurso outro

como inadequado. É aí que ele é pego pela constitutividade daquilo de que acredita manter distância¹. Na leitura que estou a empreender, “[...] são as formas de assujeitamento ideológico que governam os mecanismos enunciativos”², razão pela qual passo do outro mostrado ao Outro constitutivo (interdiscurso), ou ainda, da enunciação, no nível da língua, à história. É assim que podemos compreender que é pelo efeito de uma tomada de posição esperançosa, opaca para os sujeitos, que a oposição imaginária direito (de todos)/ privilégio (de alguns) alude à contradição de classes, sob a forma da oposição entre igualdade jurídica/ desigualdade concreta. A esperança que atravessa e constitui, portanto, os sujeitos, é a de que sejamos (ou que somos) todos iguais, de que os direitos sejam universais, e/ou inatos, passíveis de reconhecimento (“atendido pelo patronato”) ou, em sua falta, de reivindicação mediante luta (“enfia do goela abaixo”). É aí que a desigualdade se faz triunfar um pouco mais, ancorando-se na ideologia democrática³, a qual, sob a tónica de seu universalismo, dissimula o real da igualdade na sociedade de classes: o fato de que alguns são mais iguais que outros⁴. Precisamente, é em razão daquilo que é opaco para o sujeito, pelo que, portanto, *isso* insiste, que a oposição direito/privilégio reinveste, determinada pelo juridismo⁵, a legalização da luta, cujo destino possível é o campo do lícito⁶.

Podemos, neste exemplo de análise, compreender *no quê* patina a resistência, a revolta e a tendência revolucionária das ideologias dominadas⁷. A despeito de uma resposta

¹ A propósito do funcionamento enunciativo das aspas, ver: AUTHIER, Jacqueline. Palavras mantidas a distância. In: CONEIN, Bernard. et al. *Materialidades discursivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

² MALDIDIÉ, Denise; NORMAND, Claudine; ROBIN, Régine. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, E. (Org et al). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

³ Ideologia que funciona, frequentemente, pela interdição de sua crítica, sob o paradoxo de que ninguém pode ser contra a democracia! Criminaliza-se, assim, o caráter político das lutas que excedem os limites da legalidade, isto é, do espaço democrático, o que realiza a substituição do marxismo pela ideologia jurídica, sob as formas das muitas versões do humanismo e do economicismo (primado das forças produtivas e da circulação mercantil. Ver: NAVES, Márcio Bilharinho. A democracia e seu não lugar. *Ideias*, v. 1, n. 1, p. 61-69, 2010.

⁴ Retomando a conhecida síntese sobre a hipocrisia democrática. Ver: ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1945.

⁵ Sobre o conceito de juridismo, ver: LAGAZZI, Suzy. *O juridismo marcando as palavras: uma análise do discurso cotidiano*. Dissertação de Mestrado pelo programa de Pós-Graduação em Linguística, IEL-UNICAMP, 1987.

⁶ Em sentido semelhante, Edelman afirma ser o direito de greve [e não a greve] um direito burguês. Ver: EDELMAN, Bernard. *A legalização da classe operária*. São Paulo: Boitempo, no prelo [1978].

⁷ Estou a me apropriar da discussão feita em PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. *Décálogos*, v. 1, 2014[1984].

política a uma espécie de quietismo, articulado sob as formas conjugadas do “espetáculo” e da “anestesia”, permanece intacta a questão da dominação ideológica, fazendo funcionar nos sujeitos “as respostas” da ideologia burguesa. É a maquinaria dos dilemas (interior/exterior, teoria/prática, discurso/ação etc) que repele por todos os meios a possibilidade da revolução proletária, cuja âncora é a esperança, em suas mais diversas faces. Com efeito, a contradição de classes deve ser aqui interpretada como a contradição de dois mundos em um só, precisamente em face do que o “buquê invertido” da democracia encena a desigualdade concreta sob o signo da igualdade jurídica. O que estou a reivindicar é aquilo a que Pêcheux¹ designou “duplo primado”: da luta de classes sobre as classes, do inconsciente sobre a consciência. Reivindicação que é solidária com outra: a da materialidade do discurso, naquilo em que sujeito e sentido excedem, tendo como base, à materialidade da língua e pelo que, sobre ela, não cessam de retornar. Retomando a indagação que intitula este texto, jogo com Dante e Sartre, conclamando: abandonemos, diante do fato de que há Outro², toda a nossa esperança.

¹ Ousar...

² Que significa aqui interdiscurso, isto é, história, bem como inconsciente, no sentido em que esse é o discurso do Outro.

13 de Maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição.
Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

- Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:

- "Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude catar papel. Agradeço, Carolina".

Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros.

Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome!

*Carolina de Jesus*¹

Carta aberta àqueles que acham que nesse país não se tem fome

Por Jairo da Silva e Silva

Jairo Silva: mais um sobrevivente. Sobreviveram também: sua mãe, dona Rosa, e seus cinco irmãos, Jean, Toinha, Deide, Toim e Jorge.

¹ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 32.

Carta aberta àqueles que acham que nesse país não se tem fome

Ilhéus-BA, julho de 2019.

*“O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome.
A fome também é professora.”*

*(Carolina de Jesus, in: 09/maio/1958,
Quarto de despejo: diário de uma favelada).*

Fome dói, e como dói!

Há dias que iniciei esta carta, quase não consigo finalizá-la, um misto de memórias e lágrimas tentaram me impedir, engoli a seco e cá estou! Testemunha ocular de o quanto a fome dói, e como dói, viu?! Meu nome é Jairo, tenho 34 anos e como diria um certo poeta “paraíba” cearense, Belchior, “Eu sou apenas um rapaz, latino-americano, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes, e vindo do interior”. Sou um desses “paraibas” também, nascido e criado no interior do Maranhão, filho de nordestinos que, devido às agruras da sofrida vida no interior daquele estado, aprenderam apenas assinar seus nomes.

Sem a presença do pai, eu e meus cinco irmãos [Jean, Toinha, Deide, Toim e Jorge] fomos criados por uma mulher guerreira, a mãe (que se chama Rosa Amélia – “♪Ai, meu Deus, que saudade da Amélia. Aquilo sim é que era mulher. Às vezes passava fome ao meu lado. E achava bonito não ter o que comer. E quando me via contrariado, dizia: Meu filho, que se há de fazer” ♪), que nos anos finais da década de 80, para não morrermos de fome, literalmente, nos levou com “a cara e a coragem” para a capital, São Luís. Preferiria nem comentar como foram os nossos anos seguintes, pois, assim como Carolina de Jesus sentiu que “a pior coisa do mundo é a fome! (In: 26/agosto/1959, Quarto de despejo: diário de uma favelada), eu e minha família sentimos muitíssimo também! No entanto, se “navegar é preciso”, narrar é imprescindível!

No começo, sem reais condições de nos sustentar, a mãe “nos deu” para familiares paternos [eu para tios em Açailândia/MA; Toinha para tios de Marabá/PA; Deide e Toim para tios em São Luís/MA; e Jorge - o caçula, para tios em Santa Inês/MA] e ficou apenas com meu irmão mais velho, Jean [acho que ele tinha uns 10 anos]. E assim, a mãe rumou-se a São Luís, “fazendo das tripas, coração”, “vendendo o almoço, para comprar o jantar”, e com muita luta e sofrimento, consegui nos reaver [voltei ao lar em 1990].

Desde muito cedo, coube a Jean, o mais velho, o papel de provedor da casa. Ele trabalhava na Central de Abastecimento (Ceasa), como carregador das compras das “patroas”, das grã-finhas e demais compradores, depois passou a trabalhar como ajudante de pedreiro. Os estudos? Abandonou. Àquelas alturas não aguentou o serviço de madrugada e boa parte do dia; conciliar o batalho com os estudos, era algo quase que surreal.

Onde morávamos? No Coroadinho – com mais de 55 mil habitantes, é a 4ª maior favela do Brasil [a maior do Norte e Nordeste]. Da primeira à quinta casa, todas

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

alugadas e feita de taipa (pau, barro e coberta de palha de coco babaçu, ou de outros) e por muito tempo, cozinhando no carvão. “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (Carolina de Jesus, in: 27/maio/1958, Quarto de despejo: diário de uma favelada).

Lavar a roupa para vizinhança, esse era o serviço de minha preta mãe. Elza Soares é certa ao descrever a cena: “♪Lata d'água na cabeça. Lá vai ‘a Rosa’, lá vai Maria. Sobe o morro e não se cansa. Pela mão leva a criança. Lá vai ‘a Rosa’. Maria lava roupa lá no alto. Lutando pelo pão de cada dia. Sonhando com a vida do asfalto. Que acaba onde o morro principia♪”.

Quando criança, ajudava a mãe como eu podia. Ela descascava as laranjas, colocava-as numa bacia, arribava à minha cabeça e, em dias de jogos no campo da Vila Conceição, eu me destabocava ladeira abaixo para vendê-las. Fazia o mesmo com minha caixa de suquinhos (ou dindim, sacolé, chop, geladinho ou ainda, outros bonitos nomes dados à porção congelada de suco num saquinho plástico). Éguas da alegria quando segurei minhas primeiras moedas de 01 e 05 centavos, em 1994! E quantas vezes, somente as moedas nos salvaram da fome, o quanto nos serviram para comprar o arroz, tomates, cebolas e ovos, ou ainda, o café, açúcar e farinha de mandioca. Por vezes, café com farinha era nosso café da manhã, almoço, merenda e jantar. Mas quando nada tinha para jantar, o meu já era garantido, pois desde pequenino, eu chupava meu dedo polegar até dormir: “O que eu tinha era fome. O que eu tinha era fome, e já estava embalado, aprontado [...] Dentro de mim eu tenho um sono, e mas fora de mim eu vejo um sonho – um sonho eu tive. O fim de fomes. (Guimarães Rosa, In: Grande Sertão: Veredas, p. 458; 620)”.

Na década de 1990, no nosso bairro ainda não havia o ensino fundamental maior. O caçula estudava na Escola Estado do Ceará. Toinha, Deide e eu na “Estado do Maranhão” [Toinho ainda morava com a tia Maria do Coroado]. Como nossa escola era demais longe (a pé, pelo menos 2h de tempo), sem dinheiro para pagar as passagens dos 4 ônibus de ida e volta, por questões de saúde, Toinha foi a primeira a desistir dos estudos; em seguida, Deide interrompeu seus estudos também.

Enquanto podia, eu passava por debaixo da catraca do ônibus (chamávamos de borboleta), mas quando chegou minha época de pagar passagem, já grandinho (com uns 13 anos), tive que trabalhar mesmo. Iniciei como meu irmão mais velho: carregando as compras das “patroas” e das grã-finas nas feiras livres noturnas de São Luís: 3ª feira, na Cohab – onde hoje é a Maternidade Marly Sarney; 4ª feira no Vinhais e na 5ª feira, meu dia preferido: era na Praia Grande, Avenida Beira Mar, coladinha do espetaculoso Park Center – confesso que nunca pisei neste parque de diversões, mas só de vê-lo em seu pomposo funcionamento noturno, já me sentia satisfeito. Por vários natais, pedi tanto um ingresso dali ao Papai Noel, mas acho que ele se esqueceu de mim também – “Será que Deus sabe que existe as favelas que os favelados passam fome?” (Carolina de Jesus, in: 30/maio/1958, Quarto de despejo: diário de uma favelada).

As feiras livres. Nessas mesmas feiras, “subi de posto”, vendi de tudo e um pouco mais: com meu “patrão” Pirrita, vendi tomate, cebola e pepino; Com Nhô Gonde, abacaxi! E quantos outros abacaxis tive que descascar, hein? Pois vendi picolé

no carrinho até o dia em que uns trogloditas chuparam todos os nossos picolés e não pagaram; depois vendi jornais nos sinais de trânsito, no inverno não dava certo! Então, passei a trabalhar na “Padaria do Donald”, no começo? Antes das 5h da manhã, ali estava eu, com uma bicicleta cargueira, distribuindo pães entre várias quitandas do bairro, que vendiam pães, mas antes de ir, atravessava a cerca de casa e deixava os pães da mãe (era anotado num caderninho, para ser descontado dos meus 10 reais semanais). Para aumentar o saldo, ataquei de ajudante de padeiro, afinal de contas, já estava acostumado mesmo a comer o pão que o diabo amassou com a bunda!

Já cursando o ensino médio, trabalhei como zelador de uma igreja evangélica, até que não deu mais. E “♪se você vier me perguntar por onde andei♪”, eu bati às portas das casas de vários bairros de São Luís, dessa vez, para vender produtos fitoterápicos. Aí descobri um projeto de extensão da Universidade Federal do Maranhão, o “Vestibular da Cidadania”, destinado às famílias ludovicenses de baixa-renda (e ainda recebia uma bolsa de 100 reais). Lá conheci a minha 1ª professora de Espanhol, que me ajudou a conseguir uma bolsa integral num curso de espanhol para comunidades carentes numa faculdade privada da capital – (Mi querida maestra María José Ordoñez ¡Muchísimas gracias!).

Sou prova viva de o quanto os programas de extensão e de iniciação científica das universidades públicas brasileiras funcionam e as oportunidades dadas a milhões de estudantes que vêm de um passado escasso e sem muitas certezas de futuro, adentrar ao ensino superior, não significa apenas a busca por um canudo. Significa a conquista da dignidade, da igualdade e de novas oportunidades. Assim, foi comigo! E com todos aqueles que foram alcançados pelas políticas públicas promovidas nos últimos 15 anos neste país. E hoje, mãe, sabe onde estou? Lembra quando a senhora dizia “♪Eu consolo ele, ele me consola. Boto ele no colo pra ele me ninar. De repente, acordo, olho pro lado. E o danado já foi trabalhar, olha aí!. Ai, o ‘teu’ guri [...] Desde o começo, eu não disse, seu moço? Ele disse que chegava lá? Olha aí, o ‘teu’ guri♪” vai ser Doutor!

Infelizmente, nem todos foram alcançados. Não por que não quiseram, mas porque as adversidades não permitiram mesmo. Quantos e tantos meninos e meninas que cresceram comigo tiveram que parar no meio do caminho, impedidos pela pobreza extrema e sobretudo pela fome. “Os meninos estão nervosos por não ter o que comer” (Carolina de Jesus, in: 03/maio/1958, Quarto de despejo: diário de uma favelada). A fome dói, e só sabe quem sente: “Para acompanhar, nem farinha não tinham. E eu lancei. Outros também vomitavam. A mulher rogava. Medeiro Vaz se prostrou, com febre, diversos perrengavam. – ‘Aí, então, é a fome?’ – uns xingavam. [...] (Guimarães Rosa, In: Grande Sertão: Veredas, p. 70).”

Passados exatos 30 anos desde o nosso êxodo rural, infelizmente a fome – “♪na parede da memória, esta lembrança, é o quadro que dói mais♪ - não é um quadro que ficou para trás, ainda dói, e como dói, pois, até hoje continua latente aos nossos olhos. Segundo o relatório apresentado pela FAO (Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura) e outras quatro agências da ONU, a fome aumentou pela primeira vez em quase 15 anos¹, e só no Brasil, são mais de 5,2 milhões de pessoas passando fome.

¹ Fonte: Fome aumenta pela primeira vez em quase 15 anos. Edição de 16/09/2017, do jornal *El País*.

No nosso já conhecido quadro diário “*♪Lá vem o Brasil descendo a ladeira♪*”, na última 6ª feira (19/07/2019), o presidente disse que “falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira”. Quão desinformado e despreparado é este senhor, oh céus! Só demonstra que não conhece o país e o quanto despreza o maior número de seus habitantes: os pobres. Mas isso não é novidade, facilmente, parece que ele faz questão de deixar claro quanto os despreza, basta lembrar, por exemplo de quando vetou a gratuidade do despacho de malas nos aviões, em maio passado: “Não é pelo o autor ser do PT. Se bem que é um indicativo. Os caras são socialistas, comunistas, estatizantes. Eles gostam de pobre, quanto mais pobre melhor”. Enquanto isso, ao povo brasileiro, sobretudo aos mais pobres, medidas salgadas e amargas, a seu filhinho, o filé mignon – a possibilidade da imoral indicação à Embaixada dos Estados Unidos: “Lógico que é filho meu. Pretendo beneficiar o filho meu sim. Pretendo, tá certo? Se eu puder dar um filé mignon para o meu filho eu dou”. Ao meu rico pobre estado do Maranhão? Nada! “Daqueles governadores de 'paraíba', o pior é o do Maranhão. Não tem que ter nada para esse cara”, ordenou o presidente.

P.s 1: Hoje, os seis filhos da mãe estão assim: Jean não concluiu o ensino fundamental [ele procurou Deide esses dias, dizendo que quer voltar a estudar]; Toinha, depois de décadas, voltou a estudar, acabou de concluir o ensino médio e já quer ir para o ensino superior; Deide cursa Pedagogia pelo PROUNI; Toinho trilha pelos percursos dos Recursos Humanos; Jorge, o caçula, formou-se em Jornalismo; e eu, sigo por aqui: “*♪Ando devagar, porque já tive pressa, e levo esse sorriso, porque já chorei demais, hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe, só levo a certeza, de que muito pouco sei, ou nada sei♪*”, mas de uma coisa eu sei, e como sei: Fome dói e como dói!

P.s 2: Esta escrita é uma homenagem “*♪àquele amigo que embarcou comigo, cheio de esperança e fé já se mandou♪*”, outro bravo retirante nordestino que ontem nos deixou, o tio compadre Alonso, único irmão da mãe. Até mais ver, tio Alonso!

Jairo da Silva e Silva.

(...) no antigo Brasil era uma humilhação ser jovem. Só me lembro de uma meia dúzia de rapazes. Os rapazes escondiam-se, andavam rente às paredes e, para eles, a velhice era uma utopia fascinante. Por toda a parte, havia uma paisagem de velhos em flor. A palavra do velho parecia soar numa acústica de catedral. Bem me lembro de um de oitenta anos, nosso vizinho. Muitas vezes, por cima do muro, eu o espiava. Ainda por cima, hemiplégico. Pois eu achava linda essa hemiplegia. Com meus sete anos, gostaria de tremer como ele e de ter a mão entrevada, os dedos recurvos. E tudo mudou. Agora o importante, o patético, o sublime é ser jovem. Ninguém quer ser velho. Há uma vergonha da velhice.

*Nelson Rodrigues*¹

Existem, no entanto, várias formas de pobreza. E, há, entre todas, uma que escapa às estatísticas e aos indicadores: é a penúria da nossa reflexão sobre nós mesmos.

*Mia Couto*²

*EnvelheSER em tempos de quarentena: entre a ojeriza e a incerteza*³

Por Jairo da Silva e Silva

Jairo Silva: 5º filho de um casal de idosos. A mãe, 70 anos; o pai, 78. Com apenas o ensino fundamental menor incompleto, meus pais sempre quiseram um filho professor e doutor, por isso, sou professor no Instituto Federal do Pará e curso Doutorado em Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz.

¹ RODRIGUES, Nelson. O septuagenário nato. In: *O óbvio ululante*. Primeiras confissões. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 92.

² COUTO, Mia. Os sete sapatos sujos. In: *E se Obama fosse africano?*. E outras intervenções – ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 15.

³ À memória de pessoas incríveis, acima de 60 anos, que nos deixaram órfãos de seus talentos agora em 2020: Flávio Migliaccio, Aldir Blanc, Rubem Fonseca, Moraes Moreira, Daniel Azulay, Zé do Caixão, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Sérgio Sant'Anna, ... Mas, principalmente à memória de milhões de pessoas idosas, anônimas, vítimas da Covid-19, ou vítimas da ojeriza destilada a elas, diariamente.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

EnvelheSER em tempos de quarentena: entre a ojeriza e a incerteza

Jairo da Silva e Silva

“Me desculpem, mas não deu mais. A velhice neste país é o caos, como tudo aqui. A humanidade não deu certo. Eu tive a impressão que foram 85 anos jogados fora.... Num país como este. E com esse tipo de gente que acabei encontrando. Cuidem das crianças”. Com essas derradeiras palavras, grafadas em uma carta encontrada em 4 do maio passado, o grande ator Flávio Migliaccio, aos 85 anos de idade, despediu-se dos palcos da vida para entrar na História da arte nacional.

Ledo engano nosso pensar que se trata de uma carta-suicida. Não, não é carta-suicida. É testemunha ocular, é tristeza, é dor. Mas também é súplica, é apelo, é protesto; noutros termos, é um documento histórico sobre os dias que se seguem no país, em que “a velhice é o caos”. E continua o artista, “...como tudo aqui”.

Basta lançarmos nosso olhar à recém e nefasta reforma da previdência; à tolerância ao atual ministro da saúde – o médico Nelson Teich –, que disse que escolheria mandar velhos morrer em casa para reservar UTI a jovens; ou ainda, às incontáveis falas de desprezo do presidente Jair Bolsonaro, sugerindo que o novo coronavírus “só mata velho”¹:

“Olha, quem está são, o risco é quase zero. O problema é acima de 60 anos ou quem tem algum problema de saúde. É isso”; “A Itália é um país parecido com o bairro de Copacabana, onde cada apartamento tem um velhinho ou um casal de velhinhos. Então, são muito mais sensíveis. Morre mais gente”; “Não será como na Itália, no meu entender. É! Geralmente é isso: um senhorzinho, uma senhorinha, um casal de velhinhos. Se chegar neles, a chance de entrar em óbito é grande, porque já tem uma série de problemas”; “Você quer que eu faça o quê? Eu tenho o poder de pegar cada idoso lá e levar para um negócio? Fica aí, vai ter um pessoal para te tratar. É a família dele que tem que cuidar dele... Em último lugar, se não tiver ninguém, daí um asilo”.

O efeito de sentido que se apreende dos dizeres do mandatário do país é: ora, se alguns vão partir [entenda-se morrer], os velhos já estão com as passagens compradas. Nada acontecerá aos mais jovens, será algo como um simples *resfriadinho*, uma *gripezinha*. E se a população toda se contaminar, certamente que não é má ideia; desta feita, todos serão

¹ Disponível em: <https://bit.ly/2L5BEmq>; <https://bit.ly/2A91pQE>; <https://bit.ly/3bfh7GA>; <https://bit.ly/2WdHDfy>; <https://bit.ly/3drH7QF>; <https://glo.bo/35Jla5>. Neste texto, todas as fontes coletadas da internet, foram acessadas entre os dias 04 a 08 de maio de 2020.

imunizados. Exceto os velhos. Para eles, a lei da seleção natural, pela qual só os mais fortes sobrevivem. Para eles, que caia “a tarde feito um viaduto”, como poetizou Aldir Blanc¹.

Deixando um pouco de lado o repugnante discurso neoultraconservador de Bolsonaro, que difunde sentidos mórbidos de violência, ódio e horror por meio de tecnologias necropolíticas² e que persistem como parte do nosso repertório cotidiano, eu apresento, contudo, a seguinte indagação: e nós, demais cidadãos? Em se tratando das relações que constituem as malhas das *microfísicas de poder*³, tecidas nas redes discursivas de nosso dia a dia, principalmente agora, que estamos acossados pelo novo coronavírus.

Vários discursos do nosso cotidiano narram as pessoas idosas, criam lugares para elas, descrevendo-as, confinando-as, tornando-as objetos de pena, de riso, de escárnio, de desprezo. Quem de nós, pois, não recebeu, não assistiu/leu, não deu risadas, ou até mesmo compartilhou nas redes sociais infames piadinhas no formato de memes e/ou montagens de vídeos [sendo algumas até *fake news*] que discursivizam a velhofobia?

Velhofobia? Perguntam alguns desavisados. Exato! Conhecido também como *ageísmo*, *idadismo* ou *gerontofobia*, o termo velhofobia descreve não só os preconceitos, estigmas e tabus associados ao envelhecimento, mas também o pânico de envelhecer. Assim, a epidemia imposta ao mundo trouxe em sua esteira a prática escancarada da velhofobia. “Estamos assistindo horrorizados a discursos sórdidos, recheados de estigmas, preconceitos e violências contra os mais velhos”. É a denúncia que nos faz a antropóloga e escritora Mirian Goldenberg em entrevista à *BBC News Brasil*⁴ – Mirian é professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro onde pesquisa há décadas as dinâmicas do envelhecimento. Sobre a evidência da velhofobia nos dias atuais: “Os velhos sempre foram vistos como um peso para a sociedade, ou seja, já experimentam o que chamo de ‘morte simbólica’. O valor que se dá a essas pessoas mais velhas é quase nulo, socialmente e dentro de casa. Ocorre que, agora, isso ficou mais evidente”.

Adverte-nos Mirian: “Esse tipo de discurso já existia antes da pandemia: os velhos são considerados inúteis, desnecessários e invisíveis. Mas agora está mais evidente. *Políticos, empresários e até o presidente da República* já vieram a público dar declarações velhofóbicas”.

¹ Eternizada na voz de Elis Regina, *O bêbado e a equilibrista* foi escrita por Aldir Blanc, mais um idoso vítima da Covid-19. Blanc nos deixou no dia que iniciei a escrita deste texto. A metáfora aqui utilizada supõe que, assim que a tarde cai, o céu fica vermelho, a queda de um viaduto também, que quando desaba, deixa tudo vermelho, mas neste caso é sangue, é dor, é morte.

² MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, v. 32, dez. 2016, p. 123-151.

³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

⁴ Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil, diz antropóloga. Disponível em: <https://bit.ly/2YGP3JA>.

Os grifos acima nos lembram a denúncia de Migliaccio em sua carta de despedida: “E com esse tipo de gente que acabei encontrando”. Esse tipo de gente teve coragem de ofender agressivamente profissionais da Saúde enquanto protestavam pacificamente na Praça dos Três Poderes, em Brasília, no feriado do dia do trabalhador. Esse tipo de gente, inclusive, sob uma horda, tem coragem de marchar rumo a Brasília, promovendo manifestações antidemocráticas e inconstitucionais, agredindo profissionais da imprensa, e de cara limpa [isso mesmo, a maioria sem máscaras], ignorando todas as orientações recomendadas pela OMS e demais autoridades científicas e acadêmicas, e, principalmente desrespeitando a dor das famílias brasileiras que já perderam mais de 10 mil queridos seus para a Covid-19. E esse tipo de gente tem coragem de tudo! Cuidado, eles estão à solta. Como cantado por Elis Regina/Belchior: “Por isso cuidado meu bem, há perigo na esquina, eles venceram, e o sinal está fechado pra nós, que somos jovens”.

Ora, se para nós, os ditos jovens, o sinal está fechado, o que dizer então sobre o que se tem reservado para os nossos idosos, principalmente nesse tempo de quarentena, em que “tanta gente [...] partiu, num rabo de foguete. Chora, a nossa pátria mãe gentil, choram Marias e Clarisses, no solo do Brasil”? Eis a esclarecedora análise da chilena Michelle Bachelet, Alta Comissária da ONU para Direitos Humanos¹: “A covid-19 nos fez ver novamente o que já sabemos: as enormes desigualdades do mundo, mesmo em países poderosos. Mulheres, imigrantes, refugiados, LGBTs, indígenas, idosos, pessoas com deficiência e todo tipo de minoria são os mais afetados”.

É certo que as minorias são as mais afetadas em tempos de Covid-19, mas sou instado a crer que os idosos são as grandes vítimas dessa pandemia. São sobre os idosos que temos visto diariamente “discursos de que as pessoas velhas devem morrer para a epidemia acabar logo [...] memes zombando deles, dizendo que eles são teimosos e desobedientes, como se fossem crianças malcomportadas”, como denuncia Mirian Goldenberg; o que apenas ratifica a visão de Migliaccio: “A humanidade não deu certo”.

As pessoas idosas não são apenas as mais expostas ao vírus. São as mais relegadas na hora da escolha a quem a ambulância deve socorrer de imediato, ou, a quem testar primeiro, a quem colocar um respirador mecânico, e, tristemente, a quem atribuir um leito em uma UTI. Basta lembrarmos da opinião do ministro da Saúde sobre isso.

A título de exemplo de como ocorre a desvalorização de pessoas idosas também na literatura, recorremos ao cenário de horror descrito pelo argentino Adolfo Bioy Casares em seu romance *Diário da guerra aos porcos* (1968). Conta o escritor que, um certo dia, de forma

¹ “Grupo de risco da Covid-19 são os marginalizados”, diz comissária da ONU. Disponível em: <https://bit.ly/3fvlrnu>.

inesperada, os jovens de Buenos Aires decidem que quem tem mais de cinquenta anos é inútil à sociedade. Inicia-se, desse modo, uma misteriosa e terrível “guerra aos porcos”, na qual, durante uma semana, os jovens da cidade fazem uma caça aos velhos com o intuito de eliminá-los. Os velhos, então, ficam trancados em suas casas. A ameaça não é como hoje, um inimigo invisível, um vírus, mas jovens, capazes de intimidá-los, linchar e até matá-los¹.

É certo que o exemplo mencionado se constitui na esteira da ficção, servindo-nos de reflexão sobre como jamais caminhar nessa direção. Pelo visto, os estranhos dias em que vivemos agora, decerto não se passam conforme o cenário descrito por Adolfo Casares, mas não deixam de trazer significativas representações anunciadas em seus pormenores.

“Dão-me cicuta todos os dias. E eu a bebo”, é a metáfora para uma morte lenta e diária, como diria a poetisa baiana Valdelice Pinheiro². É isso que parece que estamos fazendo. Em tempos de quarentena, o envelhecer denuncia a humanidade, ou melhor, a sua falta! Estereótipos, preconceitos, deboches, ojeriza apenas revelam os valores de nossa sociedade, a qual comunga da torpe visão da passagem do tempo, associando-a à decadência, à invalidez. Não sabemos nós, que este comportamento denuncia o quanto nós outros sim, chegamos ao opróbrio. É a miserabilidade humana que se diz. O que fez com que o horror sobrepujasse a sensibilidade à dor do próximo? Regredimos à barbárie? Esquecemos, por acaso, que, se tivermos sorte, um dia chegaremos à fase idosa também? É assim que gostaríamos de envelhecer, em meio a tanta ojeriza e incerteza?

Em recente entrevista concedida à revista *Veja*³, o septuagenário ator Antônio Fagundes é cirúrgico ao analisar o preconceito contra às pessoas velhas nessa pandemia: “Acho que essas pessoas devem ser órfãs, pois ninguém pode em sã consciência não se preocupar com a morte dos pais e dos avós, certo? Outra coisa: elas marcaram a data para morrer? Porque, depois dos 40 anos de idade, já estamos todos mais perto da velhice do que da juventude. É horrível quem não valoriza idosos”. Para o ator, esse cenário lhe faz lembrar da frase do pensador irlandês Edmund Burke: “Quem não conhece sua história, está condenado a repeti-la”. Esse mesmo tipo de preconceito já foi visto na história, com a eugenia. Na Alemanha, o nazismo eliminava idosos, uma história que não pode se repetir”.

Nessa mesma esteira, concordo com Simone de Beauvoir, em seu livro *A velhice* (1990, p. 12): “[...] paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro

¹ CASARES, Adolfo Bioy. *Diário da guerra aos porcos*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2016.

² SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *Expressão poética de Valdelice Pinheiro*. 2ª ed. Ilhéus: Editus, 2007.

³ Fagundes: “O nazismo eliminava idosos, a história não pode se repetir”. Disponível em: <https://bit.ly/2YKTRhi>.

que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles.”¹ Para que isso aconteça, talvez nos falte vergonha, e o principal: respeito e empatia.

Quanto mais empatia houver, haverá menos gente maltratando, menosprezando, até mesmo encaminhando para a morte as pessoas idosas. Mais pensaremos nos nossos próprios familiares idosos para imaginar a dor porque passam as milhares de famílias que perderam queridos seus. Se a empatia não for assimilada enquanto corolário da existência humana, realmente, estamos muito mal. Urge a necessidade de mais empatia. Não é preciso chegar à velhice nossa para compreender a importância do valor ao outro, ao respeito, à solidariedade, à empatia.

Voltemos à mensagem que inaugura este texto: a carta deixada por Migliaccio, que a essa altura deve estar brilhando em outros palcos, afinal de contas, “sabe que o show de todo artista, tem que continuar”, como musicou Aldir Blanc. As palavras de Flávio são cortantes, soam como uma navalha na carne. Se pedíssemos, talvez, para Blanc interpretar a dor sentida por Migliaccio, certamente nos diria: “Mas sei que uma dor assim pungente, não há de ser inutilmente. A esperança dança na corda bamba de sombrinha, e em cada passo dessa linha, pode se machucar”. Mas, ambos os artistas rumaram às suas “Pasárgadas”, no mesmo 4 de maio.

A interpretação coube a outro grande nome da teledramaturgia brasileira, o ator Lima Duarte. Em um vídeo divulgado em sua rede social² no dia seguinte ao da morte de Migliaccio, o nonagenário ator nos emociona ao dizer que entende Flávio. Lembra de momentos difíceis enfrentados pelos atores durante a ditadura militar e menciona: “[...] Eu te entendo, eu te entendo Migliaccio. Agora, quando sentimos o hálito putrefato de 64, o bafio terrível de 68, agora, 56 anos depois, eu tenho 90, você com 85, quando **eles promovem agora a devastação dos velhos**. Eu não tive a coragem que você teve. Mas me espera aí amigo, eu vou logo, eu vou me encontrar com você [...]”. Lima encerra o vídeo com uma referência a uma fala de um personagem interpretado por ele, Pedro Jáqueras, da peça *Os fuzis da senhora Carrar* (1937), de Bertolt Brecht: “Os que lavam as mãos, o fazem numa bacia de sangue”. Tomara que não sejamos nós, um Pilatos também.

Que valorizemos o envelheSER do hoje, e oxalá façam o mesmo por nós quando chegar a nossa vez. Que amanhã, no nosso envelhecer, sejamos tratados da mesma forma que tratamos os seres humanos que são velhos e velhas, hoje.

¹ BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/LimaDuarteOficial/>.

Era uma vez um ex-militar que decidiu entrar para a política. Ele se aproveitou da insatisfação da população com o cenário político e econômico para impor suas ideias preconceituosas e racistas. Desemprego, alta inflação, criminalidade e corrupção reinavam em seu país. Então ele ressaltou o patriotismo e a religião para justificar suas ações. Colocou a culpa da desgraça da sua nação nas minorias e seguiu com seu plano. Era aclamado como a salvação da pátria, usando de propaganda com notícias falsas e soluções simplistas para problemas complexos. Exaltava o militarismo, o machismo e a violência. Seu nome era Adolf Hitler.

Eduardo Rapper¹

Mudaram as estações. E as palavras também

Por Jairo da Silva e Silva

Jairo Silva: Professor e aluno, ambos os ofícios, Letras (IFPA/UESC).

Mais aprende que ensina. Pede licença ao poeta: “Anda devagar porque já teve pressa, e leva esse sorriso porque já chorou demais. Hoje se sente mais forte, mais feliz, quem sabe. Só leva a certeza de que muito pouco sabe, ou nada sabe.

¹ RAPPER, Eduardo. Postagem em sua página na rede social *Facebook*, em 09 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/faccaedu/posts/1473244206153510/>. Acesso em: 12 mai 2020.

Mudaram as estações. E as palavras também

Jairo da Silva e Silva

“Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre, sem saber que o pra sempre, sempre acaba” – como poetizou Renato Russo? Mas como diria Drummond, “No meio do caminho tinha uma pedra”, o novo *coronavírus*, o qual chegou colocando nossas vidas de cabeças para baixo. Sim, mudaram as estações. *Tá* tudo assim tão diferente. Eu preciso dizer que as nossas estações mudaram realmente? Basta olhar ao lado. Sem sair de casa. E não venha me dizer que não tem tempo para isso! Quer ver só?

Já lavou as mãos ou passou *alkingel* quantas vezes hoje? – Sei que já tem gente aí me corrigindo com um “se diz álcool em gel, rapaz”. Nos últimos dias quantas *lives* assistiu? Somente hoje, em seu *smartphone*, quantas vezes usou um *app* para acionar o *delivery* de qualquer *serviço* que seja? Eu chamei o *homem da padaria* e o *homem do gás de cozinha*. Aliás, meu gás acabou faz tempo. Eu não havia percebido. Acho que essa quarentena nos deu a oportunidade de descobrir que já estávamos doentes. Doentes não de *Covid-19*, ou de qualquer outra doença do corpo. Mas da alma, da mente, da humanidade. Não seria a falta?

Junto com as estações, nós também mudamos. E quando isso acontece, *as palavras e as coisas* mudam. Não lembro as últimas vezes em minha vida em que teria usado as palavras *quarentena*, *pandemia*. A própria palavra *coronavírus*. E olha que esse aí é o novo. Confesso que a primeira vez que ouvi falar de *coronavírus*, estava adentrando na universidade. Início da década de 2000. Mais precisamente em 2002. O *corona* da vez era o *Sars-CoV*, o qual provocou a epidemia de *Síndrome Respiratória Aguda Grave* (SARS). Passados 10 anos, o *coronavírus* de 2012 foi o *Mers-CoV*, responsável pela *Síndrome Respiratória do Oriente Médio* (MERS). O SARS matou 774 pessoas até a declaração do fim da epidemia pela *Organização Mundial da Saúde*. O MERS matou 898 pessoas entre 2012 e 2019.

Mas as estações mudaram. Sempre mudam. E lá se foram 7 anos para a palavra que nomeia esse inimigo invisível, pudesse chegar até nós. Em dezembro de 2019 o mundo conheceu o novo *coronavírus* e a *Covid-19*, “que vieram como gotas em silêncio tão furioso, derrubando homens entre outros animais”, como diria a letra da canção *Eternas ondas*, de Zé Ramalho. Nesse caso, a *Covid-19* é doença provocada pelo novo *coronavírus*. É a sigla em inglês para *coronavirus disease 2019*.

Falando *em inglês*, nossa linguagem cotidiana está desse jeito mesmo: *para inglês ver*. E entender. Eu escrevo desde o litoral sul baiano, e uma conhecida minha que mora num pequeno município da Amazônia brasileira – para ser mais preciso, em Bagre, na ilha de

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Marajó, estado do Pará –, entrou em contato comigo, me perguntando como baixar o *lockdown* para receber seu auxílio emergencial de 600 reais, a ser pago pelo governo federal nesse período de quarentena. Mãe de 3 crianças pequenas, teria direito, sim. Mas não sabia como fazer o *lockdown*. Tentara ver o que dizia o *site* da Caixa: - Favor, entre em contato com nosso *call*, pelo 111. Mas quem diabos lá é Call? Eu mesma não conheço nenhum Call!

Havendo me explicado o feito, comecei a digitar. Parei. A impressão que tive foi que se eu tentasse responder por palavras escritas, seriam “palavras apenas, palavras pequenas... palavras, palavras, palavras ao vento” como diria a saudosa Cássia Eller. Nessa hora, entendi quando a letra perde lugar para a imagem e para o som. Tive que responder através de uma *vídeo-chamada*, pelo *zap*. Pois precisava explicar para minha comadre o que seria o tal *lockdown*.

- Ah, tá, *tendi!* Pensei que isso era *pra* baixar o aplicativo. Disse minha conhecida.

- Isso é *download*, mana. Escutei uma voz que vinha de alguém ao lado.

- É a irmã da igreja. É dela esse celular. O meu não pega essas coisas.

Eu, passional do jeito que sou por línguas estrangeiras, inclusive, leciono *la lengua de nuestros hermanos* desde 2003, vejo como um fato superpositivo que enriquece nossa língua. Mas nesse momento, em tempos de pandemia, em que tudo mudou, em que tudo *tá*, assim, tão diferente, porque não tornar mais acessível a linguagem, a informação àquelas e àqueles que de fato mais precisam da ajuda dos governantes? Mesmo sem *smartphone* que *não pega essas coisas*, minha conhecida deu um jeito de entrar em contato comigo. Diz ela que sou *por demais sabido*. Modéstias à parte. Minha comadre teve a mim para lhe explicar sobre seus direitos. E quem não tem a quem recorrer? E quem nem celular tem? Quem não tem um teto, quem nada tem? A qual *por demais sabido* recorrer? Sim, o preconceito é contra o social.

No meio de todo esse furacão, as palavras. “Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência a vossa!” É a reflexão que Cecília nos proporciona ao poetizar a relação entre o homem e a linguagem. As palavras dão significados às relações humanas. E nesse momento em que o novo *coronavírus* adentra o país, promovendo um lodaçal de horror, dor, desespero, morte, a linguagem tem e deve ser acessível a todas e a todos. “Se eu fosse muda, e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português”. Hoje, nos diria novamente Clarice.

Hoje são 12 de maio de 2020, e já são mais de 12 mil vidas ceifadas pela *Covid-19*. E muitas foram perdidas para a má informação e/ou ausência/omissão desta. E cadê o

homem que governa este país? Como diria o linguista Deonísio da Silva, autor de *A vida íntima das palavras*: “Nós evitamos certas palavras pelo pavor que inspiram. O demônio tem dezenas de nomes no Brasil porque não queremos dizer Diabo”. Pelo menos aqui, não quero ouvir dizer o nome desse senhor. Mas eis a pergunta que não quer calar: O que o governante maior, o mandatário do país, o chefe do Executivo anda fazendo para *achatar a curva* (desacelerar a disseminação do vírus para que o número de casos se espalhe ao longo do tempo em vez de haver picos no início)? Só consigo imaginar duas coisas apenas.

Talvez passeando de *jet ski*, como fizera no final de semana passado, quando atingimos a horrorosa marca de 10 mil mortos – “Se continuar assim, vai afundar”, alerta outro *ex-salvador da pátria* que tivemos nos idos da década de 90. Fernando Collor de Melo. Esse fala por experiência própria. Adorava tais passeios de moto aquática. Como inquilino do Planalto, Collor foi destituído, mediante processo de *impeachment*.

Se não estiver todo serelepe, saltitante, regozijando-se em seu brinquedinho aquático, com bajuladores à sua espera para tirar *selfies* [sim, há quem o teste positivo, há quem ache o presidente *cool*]; é possível que o inquilino da vez esteja *deitado eternamente em berços esplêndidos*, com a cabeça em outro mundo, o virtual. Diria ele: - *E daí?* Estou em *home office*. Claro, isso não vale para todas as cidadãs e todos os cidadãos. Urge a necessidade de todos desobedecerem às recomendações da OMS e voltarem aos seus postos de trabalho. E rapidamente! A economia não pode parar. Os CNPJ estão à beira da morte. Estão na UTI. Aos CPF, a *gripezinha tá* passando. É só um *resfriadinho*.

Vê inimigos em todos que não rezam sua cartilha. Coisa de sua cabeça. Mas não é loucura, não! Aluado em seu mundinho virtual, à essa altura, é possível que o mito de muitas *famílias* brasileiras esteja com seus *gadgets* em mãos. Fazendo suas *lives* para alegria de seus asseclas. Quem sabe, fazendo *binge-watching* no *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* ou *Youtube*. E claro, entre um *post* e outro, *fake news*. Como ontem, em que o *Insta* bloqueou um *post* seu. Era *fake* sobre a diminuição de mortes por *Covid-19*, *tá ok?* Palavra estrangeira demais, *né, minha filha?*

Tomara que nesse *game over*, o messias de 1990, aquele *impichado* com dois anos de governo, por nome de Collor, tenha razão. Pelo menos dessa vez. Se digo isso é porque sou sabedor que não é à toa que as palavras também têm poder. Quando mudam as estações e somos renovadas e renovados, as palavras vêm juntas, e juntas também se vão. Nascem, quis dizer surgem, amadurecem, e quando menos esperamos, apodrecem e caem – como alguns governos metidos a ditatoriais. As palavras se transformam, esperando novas estações.

- Que som é este?
- É a flauta que apressa a colheita, acalma os vulcões, afasta a tempestade, e leva a gente para qualquer lugar.
- Quem está tocando?
- Um pastor.
- Pastor de cabras?
- Não.
- De quê?
- De lembranças. Vamos, agora respire fundo, feche os olhos e vamos lembrar.

*Ana Maria Machado*¹

Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.
*Conceição Evaristo*²

Em tempo de quarentena eu teço memórias para abrigar o futuro

Por Josane Silva Souza

Josane Souza: Professora Assistente/Visitante do Departamento de Letras e Artes - UESC e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações- UESC.

¹ MACHADO. Ana Maria. *De olho nas penas*. São Paulo: Salamandras, 2003, p. 25.

² EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008, p. 11.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Em tempo de quarentena eu teço memórias para abrigar o futuro

Josane Silva Souza

Se alguém me perguntasse, há quatro meses, como estaria minha vida hoje, 14 de maio de 2020, eu diria:

-Normal, né? Acordando mais cedo do que eu gostaria, todavia estaria animada com o ritual antes de ir ao trabalho, que basicamente compreende tomar um banho quentinho, escolher um vestido confortável, ficar indecisa entre meu salto preto, vermelho ou verde, passar um batom vermelho, ou talvez cobre, ou quem sabe nude, sentir o cheirinho de café fresco, comer um bolo *low carb* de banana para manter o sabor em alta e o açúcar baixo, entrar no carro, ligar o som com uma *playlist*, que já estava sendo planejada desde o banho, e percorrer 34 km até a universidade, onde leciono e faço meu doutorado. Em seguida, daria minhas aulas, tomaria cafés e mais cafés e abraçaria meus amigos e colegas de trabalho, daria uma bronca aqui ou faria um afago ali nas minhas orientandas. Depois, estaria escrevendo minha tese de doutorado, sob pressões nada estimulantes, mas necessárias. Por fim, desaguaria todos esses pequenos estresses, gargalhando em um bar, tomando uma cerveja gelada com os amigos, conjecturando reações políticas acerca do governo Bolsonaro, tudo para não enlouquecer com a quantidade de trabalho, demandas de leituras e caos político em que vivemos.

Mas se esse alguém, ao ouvir esse desabafo, me perguntasse o que eu gostaria de fazer de fato, eu diria:

- Eu gostaria mesmo é de ter tempo para ficar em casa, trocando os lençóis da cama que vou dormir, organizando os livros na estante e percebendo que ainda tem muita coisa para ler e que isso é uma delícia. Eu me sentaria no sofá de frente pra janela, tomando um chá de gengibre com mel, olhando o coqueiro, sendo balançado pelo vento, e pensando como cuidar das próprias necessidades básicas é um ato de autoamor. Lavaria os pratos, faria minha própria comida, cheia de temperos e sabores. Vestiria uma camiseta furada e andaria descalça pelo chão frio e limpo da minha casa, que eu mesma limpei. Ah, também, regaria as plantas que consigo deixar vivas. Faria um café com canela e sentiria o aroma se espalhando pela casa. Colocaria uma música no som e ficaria dançando bem entusiasmada, rindo, até cair no chão e ficar deitada ali por uns bons minutos, ainda rindo e feliz. Deixaria o celular no silencioso, enquanto o mundo explodiria lá fora. Ficaria sem evocar uma palavra o dia inteiro e, no silêncio gostoso, teria acesso ao meu interior mais profundo.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Trocaria a foto dos porta-retratos. Não teria acesso ao espelho e nem teria ideia de como anda a cara e o cabelo. Acenderia um incenso e encheria uma taça de vinho. Então diria a mim mesma: - em vez de querer um trabalho que te dê muito dinheiro, queira um que te dê tempo, tempo para ficar em casa, tempo para o autoamor.

Entretanto, hoje, 14 de maio, depois de dois meses, passando por uma pandemia mundial, com quase 15 mil mortos no Brasil, eu invariavelmente optaria pela primeira situação, com todos os pequenos estresses cotidianos. Isso porque vivo a segunda situação e nela não existe prazer de estar encarcerada em casa, sem poder sair nem para tomar sol e revitalizar a vitamina D. Hoje, sair para tomar sol é um privilégio ou uma inconsequência que pode levar à contaminação por COVID-19 e morrer.

O panorama atual era inimaginável pra mim e, certamente, para a maioria da população mundial. Um cenário como esse talvez só pudesse ser imaginado por nós em obras ficcionais, como a série de ficção científica *Black Mirror*.

Faz dois meses que não abraço ninguém, que minha vida mudou drasticamente. Nesse tempo, saí três vezes de casa e para necessidades essenciais, como ir ao mercado. Na primeira vez, ainda não estava experienciando o caos mais profundo, portanto, escrevi, de forma jocosa, para meus amigos nas redes sociais:

-Dia de mercado. 2 horas comprando. 14 horas lavando as coisas. Alguém sabe como esteriliza alho? E remédio? Coloca álcool? Lavar saco de farinha de trigo mexeu com meu psicológico. Vou ter pesadelo. Ai, gente, e pra piorar, lavei a calabresa com água e sabão. Nem sei se pode, já que tem uns homens aí que não lavam a calabresa não, tudinho cheio de coronavírus.

Ao voltar pra casa, apesar de ver um pouco de graça nessa experiência, eu tive que ficar nua, na varanda, e guardar toda a roupa usada em um saco cuidadosamente fechado para, em seguida, lavar e desinfetar. Tive que higienizar alimento por alimento, embrulho por embrulho. Como poderia pensar, há meses antes, em lavar saco de farinha de trigo? E alho? Calabresa? Nem na obra ficcional mais *nonsense* da literatura moderna.

A segunda vez que fui ao mercado, 17 dias depois, a experiência já foi um pouco mais traumática, por isso dividi com meus amigos *online*:

- Ontem voltei das compras, chorando. Eu vi tanta coisa errada e estranha na rua, que me peguei arrasada, refletindo sobre as consequências das atitudes das pessoas nesse momento. Muitas vezes pensei em parar o carro e estacionar na rodovia, pois as lágrimas já estavam impedindo a visão da estrada. Respirei, inspirei e segui acelerando para chegar logo em casa. Isso tudo ocorreu porque, ao chegar à cidade, para comprar comida, percebi que o

medo e o deserto que eu tinha presenciado 17 dias antes, foram substituídos por aglomerações e pessoas extremamente irresponsáveis e descuidadas, rindo, cumprimentando com as mãos, falando de perto. Eu vi quatro homens jogando carteados, enquanto outro assistia ao momento cotidiano de boa parte dos homens brasileiros de meia idade. No mercado, famílias inteiras fazendo compras, crianças correndo pra lá e pra cá. A ideia de ir uma pessoa por família às compras fora substituída pela ideia de passeio em família. "Não tem pizzaria? Nem shopping? Nem praia? Ah, vamos ao mercado, lá está aberto, cheio de gente. Vamos lá fazer parte da tal da aglomeração". Ao ver um casal junto, fazendo compras, me peguei pensando o porquê de não ter ido apenas um. Tentei justificar mentalmente aquela atitude, repetida por tantas outras famílias inteiras no mercado. Comumente, na família, quem dirige o carro é o homem, quem "sabe" fazer mercado é a mulher. Em tempos de pandemia, é uma dinâmica que não fecha, mas nunca deveria ter fechado antes. Em meio à pandemia, atitudes que antes já eram arrasadoras, agora se tornam mortais.

Essa mudança de comportamento das pessoas, entre a primeira e a segunda ida ao mercado, foi reforçada de forma cruel e irresponsável pelo presidente da república, o senhor Jair Messias Bolsonaro, que considerou a COVID-19 como uma "gripezinha", estimulou o relaxamento das medidas por isolamento social, indicadas pela Organização Mundial de Saúde, demitiu o ministro da saúde por ter atuação, diante da COVID-19, aprovada pela maioria da população e, mais adiante, ao ser perguntado sobre o fato de o Brasil já somar mais de cinco mil mortes, mais que a China, que teve o epicentro de contaminação meses antes, respondeu aos jornalistas:

- E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre.

Essa resposta gerou muita incredulidade e revolta não só na mídia brasileira, mas na mídia mundial, que entendeu a posição do presidente da república nessa situação, e em muitas outras, como genocida. Em consequência disso, um texto anônimo, que traça boa parte dos dados trágicos provenientes de atitudes do governo, começou a circular na internet. Ao verificar todas as informações, transcrevo esse texto a seguir:

"Para não esquecer. Hoje é sexta-feira, 01 de maio de 2020.

- Hoje completamos 46 dias de distanciamento social.

- Nas ruas, quem não usa máscaras recebe olhar fulminante. Quando não leva multa administrativa.

- O dólar está valendo R\$ 5,59, o euro R\$ 6,05 e a libra R\$ 6,83.

- As escolas estão fechadas.
- Há linhas/fitas dentro das lojas para afastar as pessoas.
- Bares e restaurantes somente para entrega em domicílio.
- Parques, praias e locais de passeio não estão acessíveis ao público.
- Todas as competições esportivas foram canceladas.
- Todos os festivais e eventos de entretenimento foram proibidos.
- Casamentos, celebrações de família e aniversários foram cancelados.
- As crianças estão sem contato com outras crianças, com os avós e tios.
- Abraços e beijos não são bem-vindos.
- As igrejas estão fechadas.
- Temos que nos manter afastados uns dos outros a mais de um metro.
- Escassez de máscaras e luvas nos hospitais.
- Há menos respiradores artificiais do que deveria haver.
- Voltamos a encontrar álcool em gel, mas por um preço exorbitante.
- Os EUA e a Europa fecharam as suas fronteiras.
- Ninguém mesmo está viajando por lazer. Aeroportos vazios. O Turismo tem a pior crise da História.
- Há pouco mais de uma semana, o Bolsonaro substituiu o ministro da saúde para tentar acabar com o distanciamento social.
- Ministro da Justiça Sérgio Moro pediu demissão. Bolsonaro queria interferir nas investigações no STF para proteger seus filhos.
- Pessoas em Manaus estão sendo enterradas em valas comuns e o número de enterros diários indica uma severa subnotificação de casos da COVID-19.
- O ministro das relações exteriores disse que a COVID-19 é um complô comunista organizado pela OMS, além de criticar o que chamou de cientificismo.
- Neste momento temos o pior governo de toda a história democrática do Brasil.
- Pessoas desobedecem às recomendações de isolamento, baseadas em falas irresponsáveis do presidente Jair Bolsonaro.
- Estamos longe do fim da pandemia.
- Nosso país virou chacota mundial por conta da irresponsabilidade e ignorância dos atuais governantes diante de uma Pandemia mundial.
- A Renda Básica emergencial, aprovada para profissionais mais vulneráveis, tem a cada dia mais problemas de acesso e constantes falhas em pagamentos aprovados. O sistema é precário de informações e dificulta o esclarecimento de dúvidas.

Por que eu publico isso? Dentro de um ano e depois todos os anos, esse *status* aparecerá no meu *feed* de memórias do *Facebook*. E será um lembrete anual de que a vida é preciosa. Esse texto é anônimo, não é meu, mas eu copiei porque também quero lembrar.”

Pronto. Ao ler isso, percebo que viver em um país em que a ignorância é ditada, via de regra, pelo mais alto cargo da república, o resultado é esse: caixões cheios de corpos, pois o real sempre se impõe. O Brasil, possivelmente, ultrapassará os EUA em quantidade de mortes. Quem votou no Bolsonaro faz coro a esse genocídio. Preparem as valas, pois vamos precisar.

Apesar dos fatos apresentados e de não saber o que nos espera, no agora temos urgência de futuro. Queremos deixar para trás toda essa comoção que tem sido viver no claustro. E com esse passado, queremos deixar as memórias do que vivemos, não queremos lembranças desses momentos. E essa urgência de futuro me incomoda muito, pois ela denuncia nossa dificuldade em lidar com memórias, pois quanto mais rápido chegarmos ao amanhã, mais longe estaremos do caos. Mas, se não valorizarmos a memória como dispositivo de resistência, é muito provável que não tenhamos aprendido nada com esse processo e possamos vivenciá-lo todo novamente. Essa prática, de ignorar a memória, em seu sentido *stricto*, já nos colocou em rota de colisão social por diversas vezes, principalmente quando ignoramos o processo de escravidão ou a ditadura ou holocausto. Perder-se desses trágicos acontecimentos históricos, é a possibilidade de perder-se de nós mesmos. Como vamos olhar para o agora quando estivermos no futuro? O que vamos sentir? Aliás, será que estarei viva? Pensar nessas questões é pensar o tempo todo em morte.

Sendo assim, a minha resposta a tudo isso é: estou tecendo memórias para abrigar o futuro. É! memórias!!!! Considero que essa tem sido minha mais importante atividade e meu principal pacto social.

“A gente combinamos de não morrer”

Conceição Evaristo¹

*A esperança equilibrista na corda bamba chamada
Brasil*

Por Leila Cunha Raposo

Leila Raposo: Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações,
pelo PPGL-UESC. Bolsista FAPESB. Pesquisadora, gorda e feminista.

¹ EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Pallas: São Paulo, 2014. p. 83.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

A esperança equilibrista na corda bamba chamada Brasil

Leila Cunha Raposo

Hoje, 07 de maio de 2020, dia em que inicio a escrita desse texto, o Brasil ultrapassa, tristemente, a marca de mais de 9 mil mortes por Covid-19. Ironicamente, neste mesmo dia, o presidente do país faz uma marcha ao Supremo Tribunal Federal – STF, acompanhado por empresários, a fim de defender a volta da economia, para que não haja a “morte de CNPJ”¹. *E daí* que nove mil pessoas morreram, né?² O que são nove mil CPFs mortos em razão da “possibilidade de morte” de um CNPJ?

Também hoje, a secretária nacional de cultura, Regina Duarte, deu uma entrevista à rede CNN³ e, diante da recente morte de Moraes Moreira, de Aldir Blanc e de Flávio Migliaccio, a atriz perguntou: “A secretaria de cultura deve virar um obituário?”. A fala se deu em razão de Regina ser questionada por não ter emitido nenhuma nota oficial de pesar pela morte desses artistas que são, respectivamente, importante cantor, compositor e ator no cenário cultural brasileiro. Num tom ainda mais enviesado e irritado, a atriz disse que era preciso que os nomes fossem relevantes para a cultura e que, por exemplo, ela nem sabia quem era Aldir Blanc, nunca o conheceu pessoalmente. Nada a se estranhar, para quem flerta com o fascismo e defende a ditadura – consequentemente, falseia o passado e não se importa com memórias, ainda mais memórias de uma cultura popular.

Nessa entrevista, Regina, há anos conhecida como a “namoradina do Brasil” em razão de suas atuações nas novelas globais, mostrou-se enamorada, em realidade, pelos tempos da ditadura. Entusiasmada, cantou: “Pra frente, Brasil, salve a seleção, de repente é aquela corrente pra frente... [e, rindo, disse:] Não era bom quando a gente cantava isso?”. Respondo: Não! Jamais será bom comemorar a ditadura, os seus mortos e a censura.

¹ Fala dita por Synésio Batista da Costa, presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos – ABRINQ, no encontro entre o presidente, empresários e ministros do STF, conforme reportagem publicada em: <https://bit.ly/2ZpQOv8>. Acesso em 08 mai. 2020. A sigla CNPJ refere-se a Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, utilizado para empresas, em oposição a CPF – Cadastro de Pessoa Física, usado para a identificação de pessoas.

² Quando questionado sobre a morte de mais de 5 mil pessoas por Covid-19, Bolsonaro respondeu: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o que? Sou Messias, mas não faço milagres”. Informações extraídas de: <https://glo.bo/2zfKJa1>. Acesso em: 08 mai. 2020.

³ A entrevista concedida por Regina Duarte pode ser acessada na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=v9gLHrP7RNw>. Acesso em: 08 mai. 2020. As falas de Regina Duarte citadas neste texto foram extraídas dessa entrevista.

Constrangido, o repórter lembrou à entrevistada que a música é do período ditatorial, no qual ocorreram muitas mortes. A secretária, ainda rindo, disse: “Cara, desculpa, eu vou falar uma coisa assim, na humanidade não para de morrer, se você falar vida, do lado tem morte. Por quê que as pessoas ‘oh, oh, oh, oh’ [imitando uma expressão de espanto]? Por quê?”. O repórter, então, afirmou que houve muita tortura, que a cultura foi censurada. E a ex-atriz global respondeu: “Bom, mas sempre houve. Meu Deus do céu! Stalin, Hitler, quantas mortes! Se a gente for ficar trazendo essas mortes, arrastando esses cemitérios... Desculpe, mas não, não quero arrastar um cemitério de mortes nas minhas costas”.

Em seguida, continuou: “Sou leve, estou viva, estamos vivos. Vamos ficar vivos. Não vive quem fica arrastando cordéis de caixões. Eu acho que tem uma morbidez nesse momento, o Covid tá trazendo uma morbidez insuportável. Gente, não tá legal”. A CNN, então, tentou exibir um vídeo gravado pela também atriz Maitê Proença e Regina Duarte se irritou mais uma vez, falando exaltada: “Vocês agora vão desenterrar mortos?”. Prontamente, a repórter que, nesse momento, iria entrevistá-la, disse que, frente à pandemia, estamos enterrando mortos e não os desenterrando. Exasperada, Regina se recusou a continuar a entrevista, que foi encerrada.

Alinhada às práticas do governo federal, Regina banaliza a ditadura, menospreza a cultura popular, desfaz de memórias históricas e, sobretudo, tripudia sobre as mortes que estão ocorrendo durante a pandemia ao ignorá-las. Mais que isso, a secretária de cultura demonstra ojeriza pelo que ela chama de “morbidez insuportável”. Atenta às diretrizes governamentais, parece ser mais uma que acredita que “se não falamos, se não abordamos, deixa de existir” ou, quem sabe, uma entusiasta do “a imprensa deveria divulgar coisas leves, mais notícias boas e não mortes”¹. A negação da pandemia causada pelo novo coronavírus, que foi chamada de “apenas uma gripezinha” pelo presidente, também se acentuou quando ele disse: “Sou Messias, mas não faço milagres” ou “Não sou coveiro”, quando perguntado sobre as mortes causadas por Covid-19².

Desde o fim de semana passado, há um acampamento no gramado do Palácio do Planalto, patrocinado pelas Lojas Havan e um grupo conhecido como “Movimento dos 300”. Neste fim de semana do dia 09, data em que Bolsonaro prometera fazer um churrasco em sua residência, mas como de costume, voltou atrás e acusou a imprensa de mentir; os apoiadores do presidente, que estão acampados, fizeram o churrasco. Dentre os cartazes de

¹ Referência à fala do Ministro General Luís Eduardo Ramos, que em entrevista concedida no dia 28 de abril de 2020, pediu à imprensa que noticiasse menos mortes e mais notícias boas. Mais informações podem ser obtidas em: <https://bit.ly/2Zu5BFo>. Acesso em: 08 mai. 2020.

² Cf.: <https://glo.bo/3cQmWMj>. Acesso em: 08 mai. 2020.

apoio que apresentam, alguns deles, segurados por pessoas com a camisa verde e amarela da seleção brasileira, trazem escrito: “Pra frente, Brasil, junto com Bolsonaro”. Nas manifestações que têm ocorrido neste acampamento, constantemente, são apresentados muitos cartazes pedindo o fechamento do STF e um novo AI-5. Além disso, desde o início da pandemia no Brasil, vários apoiadores do presidente têm feito carreatas pelo país, pedindo a volta do comércio – que está paralisado – e retomada da economia. Lutam, provavelmente, pela vida dos CNPJs e ignoram a morte de 10 mil CPFs por Covid-19 no país¹.

A proposta macro da presente coletânea é trazer um olhar para o presente, rever (quem sabe) o passado e/ou pensar o futuro. Ao ver, portanto, em contextos diferentes, a repetição do “Pra frente, Brasil”, música que é um ícone da ditadura brasileira, fiquei me questionando sobre como seria possível tentar visualizar algo sobre o futuro, diante de um tempo presente em que vemos muitos insistirem em projetos necropolíticos e autoritários do passado; e, sobretudo, quando o país está entregue a uma gente tão despreparada, desqualificada e sádica, a ignorar, negar e/ou rir o tempo todo dos mortos – seja aqueles que morreram na ditadura, seja as vítimas do Covid-19. O atual contexto das práticas federais de governança nos direciona para os ventos putrefatos da ditadura, como disse recentemente Lima Duarte²; para a desigualdade socioeconômica que assola o país em fendas ainda mais devastadoras; e, como se fosse pouco caótico o cenário, enfrentamos a pandemia do novo coronavírus, desencadeador da Covid-19, tendo no (des)comando do Brasil um presidente que age a favor da contaminação social em massa.

Nesse momento, me recordo do poeta baiano Jorge de Souza Araújo, quando, em *Os becos do homem*³, apresenta-nos os seguintes versos: “suores noturnos / tremores soturnos / senhores coturnos”. Não necessariamente, na atualidade, os tremores que nos fazem tremer apresentam-se apenas usando coturnos, numa referência à ditadura militar, muito menos agem somente durante a noite. Sem vergonha alguma, as práticas genocidas se apresentam em políticas públicas autoritárias, veladas ou não, que conduzem ao encarceramento em massa da população negra e pobre; ao genocídio da juventude negra; à implantação de uma agenda neoliberal ultraconservadora e privatista alinhada ao neopentecostalismo conservador; às práticas de higienização social com a tentativa de

¹ Marca atingida no fim de semana, no dia 10 de maio de 2020. Sobre as informações apresentadas neste parágrafo, consultar: <https://glo.bo/2XeEHOW>; <https://glo.bo/2Tmgm8v>; <https://bit.ly/2zjvf4T>. As reportagens foram consultadas entre os dias 08 e 09 mai. 2020.

² Canção composta por Miguel Gustavo, em 1970, a qual tornou-se símbolo do período ditatorial no Brasil. Cf.: <https://glo.bo/2WOEXoM>. Acesso em: 10 mai. 2020.

³ ARAÚJO, Jorge de Souza. *Os becos do homem*. Editus: Ilhéus-BA, 2009. p. 91.

apagamento das dissidências sexuais e de gênero, bem como, de forma ostensiva, com as tentativas de padronização dos corpos e subjetividades.

Frente à pandemia, tais políticas se acentuam pela negativa implícita do distanciamento social, pelo estímulo do presidente Bolsonaro à quebra das regras desta medida preventiva e de isolamento social, ao menosprezo da pandemia, à ação de ignorar a gravidade da doença e, especialmente, à tentativa de minimizar ou, mesmo, apagar o alto número de vítimas da Covid-19. É preciso lembrarmos que cada uma dessas pessoas que morreu, inclusive as que estão incluídas no grupo das subnotificações, não pode ser apagada. Há, em cada uma delas, uma memória pujante, uma história de vida, afetos envolvidos, sonhos interrompidos, risadas silenciadas, amores que, agora, vivem apenas no espaço da memória. Cada Jaciane¹, que lutou e não resistiu; Cada Maria, que era um dom, uma alegria, para lembrar Milton Nascimento²; Cada José, que caminhava, para lembrarmos de Drummond³, não pode ser esquecido.

Todos eles formam essa gente que ria quando devia chorar, pois, em larga escala, a Covid-19 se tornou também uma questão de classe, vitimando de forma mais ostensiva àqueles que estão na parte de baixo da pirâmide social. Cada sujeito que foi abruptamente tirado de sua família e colocado em isolamento para ser tratado não teve, em razão do risco de contágio, o direito a se despedir da sua família. Na solidão do tratamento, seja nas Unidades de Terapia Intensiva – UTIs, seja em casa ou, ainda, no desespero por auxílio na porta de um hospital público colapsado, a morte desses pacientes irrompe em dor pela impossibilidade de despedidas. Quem vai, não pode dizer que está indo. Quem fica, não pode dar um adeus.

Uma das faces mais perversas da Covid-19 é justamente a dor da ausência. Não bastasse a necessidade do distanciamento e do isolamento social, quando alguém morre dessa doença todos os procedimentos precisam ser imediatos. Não há velório, não há tempo para despedidas, não há enterro acompanhado por toda a família, não há a presença dos amigos, não há reais abraços de conforto. Não há ritos de passagem, somente há a dor para quem ficou. E há a inevitável sensação de solidão, desamparo, desalento. A gente pode imaginar como deve ser difícil, mas não tem a mínima noção de como é doloroso viver isso, até que deixa de ser uma imaginação, um número, uma estatística e passa a ser a nossa realidade. Mas, *e daí?* – pergunta o presidente Jair Messias Bolsonaro.

¹ Homenagem a Jaciane Jácome de Carvalho, uma das vítimas da Covid-19 em Ilhéus, BA.

² Referência à canção “Maria, Maria”, de Milton Nascimento, apresentada no álbum *Clube da esquina*, em 1978.

³ Referência ao poema *E agora, José?*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1942.

Em sua política genocida e ditatorial, como quem entende que governar é exercer o medo e transgredir todas as leis destruindo a democracia, o agora de Bolsonaro é feito do culto a torturadores, ditadores, do desrespeito à vida, à cultura e do falseamento de memórias. Desse modo, presidente, ministros e seguidores arrastam o Brasil para uma corda bamba, afundando o país em incertezas, ódios e desigualdades. Neste momento do país, a esperança equilibrista¹ enfrenta, numa corda bamba, o autoritarismo e a pandemia.

Bolsonaro e seus apoiadores podem, momentaneamente, flertar enamorados com a ditadura e menosprezar a vida de cada um dos mortos por Covid-19, visto que é somente assim que agem. O que não sabem é que cada memória, seja dos mortos pela ditadura militar brasileira, seja dos mortos pela Covid-19, traz em si a resistência do existir. E cada uma dessas memórias frutifica em outras, vivas naqueles que ficaram e que se dispõem a reexistir cotidianamente, resistindo ao ódio, ao medo, ao autoritarismo, ao genocídio e às muitas formas com as quais a necropolítica bolsonarista se manifesta, a exemplo da gordofobia, da homofobia, do machismo e da gerontofobia.

Apesar de Bolsonaro, Regina Duarte e demais bolsonaristas, “amanhã há de ser outro dia”², como canta Chico Buarque, e lutamos para que no futuro não insistamos em práticas de violência e autoritarismo como políticas de governo. A ideia do amanhã se junta à esperança equilibrista, mesmo que o Brasil esteja como uma corda bamba, para construir um futuro no qual não nos esqueçamos do passado nem de nossas memórias, pois, tal como cantou Aldir Blanc, “uma dor assim pungente não há de ser inutilmente”. Afinal, não serão em vão as mortes de todos os que já partiram no período ditatorial e agora por Covid-19.

Longe de pieguismos ou romantizações daquilo que é urgente, grave e doloroso, desejamos que este momento histórico que vivemos auxilie a sociedade a perceber quem é Bolsonaro e quais são os seus intentos autoritários, sádicos, insensíveis e genocidas. Acreditamos que, como cantou Lulu Santos, “existirá, para todo mal, a cura”³. Por isso, a esperança equilibrista, flamejante, “tremulará a velha bandeira da vida / acenderá todo farol iluminará uma ponta de esperança” numa corda-Brasil mais forte, rumo a um futuro que não será impulsionado pelo canto da ditadura, mas sim pelas memórias e saudades dos nossos mortos que não serão esquecidos, pelas resistências e pela luta em favor da democracia, da cultura, da arte e da livre expressão das subjetividades, memórias, corpos e afetos. Até lá, força e esperança a todos nós!

¹ Referência à canção *O bêbado e o equilibrista*, composta por Aldir Blanc e João Bosco, em 1979.

² Referência à canção *Apesar de você*, de Chico Buarque, lançada em 1970.

³ Referência à canção *A cura*, de Lulu Santos, lançada em 1988.

arte (s.f.)
é fuga. é lar. é para onde correm as pessoas que procuram se encontrar. é filha primogênita de quem tenta se expressar. nem sempre é o nosso melhor lado, mas é sempre o mais sincero. é o rosto do Criador por de baixo de qualquer máscara. é um incômodo na existência. é uma boa razão para se estar vivo.
é o ofício dos corações inquietos.

*João Doederlein (@akapoeta)*¹

Quarentena, dia 17

Por Leila Raposo

intolerância (s.f.)
é quando você se incomoda demais com a forma como ele se veste e quem ele ama; pra quem ele reza e pra quem eles deixam de rezar. é quando o incômodo se torna violência (e nem todo o ato violento é físico). acontece dentro de casa. acontece na estação do metrô. é a erva daninha no pé do amor. é um coração incapaz de abraçar. filha do ódio. é a palavra sujo significado só traz dor.

*João Doederlein (@akapoeta)*²

¹ DOEDERLEIN, João. arte. In: *O livro dos resignificados*. São Paulo: Paralela, 2017, p. 28.

² *Post* na página (@akapoeta), no *Instagram*, em 29 de novembro de 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B5eDj_nhccq/. Acesso em: 19 de mai. 2020.

Quarentena, dia 17

Leila Raposo

Clara acordou às 10h e, ainda despertando, pegou seu smartphone. Precisava conferir os compromissos do dia e, principalmente, se a sua postagem programada havia funcionado mais uma vez. Acessou o seu perfil no Instagram – Kiara Luz – e lá estava: às 07h, sua foto foi postada. Na imagem, a jovem na sala de casa, mesa posta com frutas, sucos, bolos, cereais integrais, iogurte natural, mel e queijo frescal. Como ainda não tinha renovado o contrato com a empresa S, de Saudável, decidiu tirar o peito de peru do cardápio matinal. A mesa estava devidamente organizada e a prataria brilhando, como ela sempre exigia que estivesse.

Seus cabelos loiros estavam presos num rabo de cavalo, a maquiagem quase natural, passou lip tint nos lábios e nas maçãs do rosto, para ficar levemente corada; vestia um top nadador, uma calça legging e, dessa vez, optou por um cardigã rosa com fios dourados, pois as manhãs estavam um pouco frias em São Paulo. Ao seu lado, os óculos Prada descansavam num belíssimo estojo preto com dourado. Aliás, tudo que ela pudesse teria a cor dourada, pois era Kiara Luz. Na legenda da foto, colocou: “Bom dia, sol! Vamos acordar cedinho, queimar calorias e agradecer à vida. Lembrem: autocuidado é tudo, controla essa alimentação e vamos emagrecer, seguimores. #partiuacademia #gratiluz #kiaraluz”. Conferiu direitinho e viu que todas as marcas e patrocinadores estavam devidamente tagueados.

Ainda contente porque a sua foto havia tido mais de 50 mil curtidas, Clara levantou e foi tomar banho. Antes, se olhou no espelho e não gostou do que viu, afinal, tinha chegado em casa às 5h da manhã e se jogou diretamente na cama. Simplesmente detestava skin care, mas, claro, nem seus seguidores nem as marcas de limpeza de pele precisavam saber disso!! Ao sair da festinha promovida por Renanzinho, no Condomínio Vivendas da Barra Pesada, tomou muito cuidado para não ser vista por ninguém. É verdade que não achavam nem o tal do Queiroz, mas, vai que a encontrassem, né? Em época de pandemia, é preciso manter todo aquele blá blá blá sobre cuidado e isolamento social. É bem verdade que parte do seu público a apoiaria, pois muitos fãs adoravam as suas fotos com armas – que ela sempre dizia ser para autodefesa, pelo risco de violência contra a mulher – mas, outra parte iria reclamar e ela não queria ser cancelada como a Gah Publi. “Foda-se a vida, mas nem tanto” – pensou Clara.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Após o banho, foi tomar café e comeu tudo o que mais gostava: bolo de chocolate recheado com mousse de leite Ninho e Nutella, cacetinho com muçarela e presunto, bolo salgado de salsicha (sim, cada vez que comia, lembrava que é comida de pobre, mas, fazer o que se é gostoso!?!), tinha aprendido a comer com a sua babá, que agora é sua empregada doméstica), queijos, geleias e um suco para balancear. Não se preocupava com a alimentação, é verdade, porque sempre tomava remédios para emagrecer e manter a forma, às vezes ia na academia para disfarçar e, também, tinha as salvadoras plásticas. Para que se preocupar, então? A imprensa especulava as plásticas, mas ela pagava muito bem aos médicos e enfermeiros pelo silêncio deles. “Tudo natural, tudo meu, querida!”, era a sua resposta padrão.

Naquele dia, o 17º da quarentena, tinha marcado uma importante reunião com sua assessora para assuntos digitais. Melissa chegaria às 13h, pois sabia que compromisso pela manhã, só quando envolvia muito dinheiro. Clara se pegou pensando na jovem que contratara. A princípio, só deu uma chance porque Maria, a sua empregada, pedira muito. Melissa era filha da ex-babá, até chegaram a brincar juntas quando pequenas, em dias em que a creche da menina estava fechada e a mãe era obrigada a levá-la para a casa dos patrões. Não incomodava, ficava quietinha e sabia seu lugar, estava sempre na cozinha com a mãe. Agora que a jovem tinha acabado de concluir a faculdade de comunicação, Maria pediu e Clara, como estava precisando, contratou.

Inclusive, a influencer se surpreendeu. “Não é que a menina era mesmo inteligente e esperta? Só era muito pretinha, coitada. E gorda. Aquele cabelo então, parecia que nunca tinha visto pente”. Mas servia para a função, foi ela que veio com aquela história de post programado no Insta e também tinha ajudado Clara a ganhar mais seguidores. Quiseram chamar a blogueirinha de racista, acusar de apropriação cultural e, para calar a boca dos mimizentos, ela logo postou foto com Melissa. “Como seria racista se tinha até assessora negra?”. Às vezes, Melissa vinha com uns discursos muito chatos, falando sobre feminismo, gênero, racismo... mas, Clara disfarçava o incômodo e aceitava alguns dos temas, porque é época do politicamente correto. Até fez stories sobre usar máscara e ficar em casa, mesmo tendo participado da carreta contra o fechamento do comércio. Para ela, quem pode, fica em casa; quem precisa, vai trabalhar, pois Deus protege.

Melissa mandou uma mensagem: se atrasaria um pouco, porque os ônibus estavam com frota reduzida, em razão da pandemia. Clara lembrou do dia que a menina perguntou se poderia trabalhar home office diante do contexto de expansão do novo coronavírus. A influencer ficou boba com a atitude. Quanta audácia! Por causa de uma gripezinha à toa, a

peessoa quer fugir do trabalho? – pensou Clara. Decidiu, então, ser bem direta: “quem não quer trabalhar, fica em casa. Aí vem com essa história de isolamento, para receber sem trabalhar. Se for assim, vá pedir auxílio emergencial pro governo”. Melissa se desculpou e até adiantou o tema da reunião: o novo normal.

Elas iriam discutir e ver como Kiara abordaria a questão, mas Clara já estava sofrendo por antecipação. Ouviu dizer que isso se referia a uma estética mais clean, a menos exageros na moda, a uma suposta simplicidade... Ainda bem que, pelo menos, não inventaram que era normal ser gorda, pois usaram a Gysa Bünd como estrela da campanha. Ficou, então, pensando: Como abriria mão das fotos com os colares dourados e a taça de champagne na piscina? Ou do vestido bordado com pedraria francesa? Das poses com carros caríssimos? Clara não entendia por que as pessoas não percebiam que pobre gosta mesmo é de acompanhar a vida luxuosa e exuberante dos ricos. Ela conquistou 170 mil seguidores como? Exatamente assim: rica, magra, loira e bela. “E daí que tem gente que passa fome? Alguns são ricos, outros pobres. Essa é a vida” – pensou. Melissa ainda não chegara, mas Clara já estava decidida: “Fosse como fosse, continuaria a criar necessidades irreais para corpos igualmente irreais. E daí que o povo gosta de se enganar?”.

foi tirando a liberdade
pra dançar
que eu aprendi
a voar

*@historiadefogo, Instagram*¹

Brasil, um país insólito! insólitudes políticas em tempos de pandemia no país do carnaval

Por Luciana Helena Cajas Mazzutti

Luciana Mazzutti: Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações, na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BA. Professora de Ensino Básico Técnico e Tecnológico e Coordenadora Geral de Iniciação Científica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano.

¹ Post na página *@historiadefogo*, no *Instagram*, em 16 de abril de 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_EMb50jIPn/. Acesso em: 19 de mai. 2020.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Brasil, um país insólito! Insolitudes políticas em tempos de pandemia no país do carnaval

Luciana Helena Cajas Mazzutti

Em que ano estamos mesmo? É verdade tudo que é noticiado? Onde estamos? Quem somos? E, para onde vamos? Pois é, parece loucura, mas estamos vivendo uma dita realidade que não condiz com os planos que fizemos no passado; e estou falando de um passado a curto prazo, tipo em 2019. Culturalmente, somos acostumados a criar e alimentar expectativas, baseados naquilo que plantamos para colher depois; e, de repente, somos colocados dentro de casa para aprender a conviver com aqueles que escolhemos dividir nossa vida, ou, ainda que decidimos amar. Entretanto, nesse momento, até o amor que dizemos sentir parece não bastar para que façamos nossa parte e, ainda mais, suportar o estranhamento que esses novos tempos têm nos trazido. Inquietada por tal contexto e sensações, me proponho, então, neste ensaio, a mostrar como a chegada do *coronavirus* (SARS-CoV-2) fez com que a insolitude do presente em nosso país ganhasse plateia e destaque.

Insolitude, nesse sentido, é uma modalidade de produção narrativa que irrompe a malha discursiva; e, nessa perspectiva, “fixa-se como uma categoria cujos traços textuais evidenciam o extranatural, o extraordinário ou o sobrenatural que, de uma forma ou de outra, causam estranhamento, medo, ou, pelo menos, inquietação no leitor” (MAZZUTTI¹, 2016, p. 8). Trago tal explanação e, ainda, acrescento a imbricação entre “real” e “ficcional” que de alguma forma pode causar desconforto recorrente da confusão que se instaura na espacialização e temporalização que se estabelecem nas narrativas. A partir da conceitualização, provooco algumas reflexões que acredito serem relevantes para que de alguma maneira me ajudem a articular os enunciados que compõem o título deste texto.

Brasil, “um país tropical abençoado por Deus” (BEN², 1969) e governado por alguém que declara relação próxima e em nome de Deus. Mas, é nessa perspectiva que surge outra pergunta: se abençoado por Deus, por que mais de 10 mil mortos por COVID-19? Recorro a outras fontes e mais uma vez questiono: Deus não era brasileiro? Pelo menos no filme dirigido por Cacá Diegues (2003), o título afirma que *Deus é brasileiro*, sendo a obra fílmica baseada no conto do baiano João Ubaldo Ribeiro, “O homem que não

¹ MAZZUTTI, Luciana Helena Cajas. *A insólita hibridação do romance Sagrado*. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus. 2016.

² BEN JOR, Jorge. *País Tropical*. Intérpretes: Gal Costa, Caetano Veloso e Gilberto Gil. In: COSTA, Gal. CBD-Philips, 1969. LP estéreo.

queria ser santo,”¹ de 1991; e pode parecer ironia, mas a narrativa faz parte da coletânea intitulada *Já podeis da pátria filho e outras histórias*. E será que podemos? Ops! *Podemos*, partido político – e o que isso tem a ver? Para que tentar fazer todas essas ligações e questionamentos? Porque tudo é político, e, ora, pois, é nessa seara que encontro o Insólito de forma indelével no Brasil do agora: na política!

Se não me engano, a possibilidade de pandemia começa a ser aventada em fins de janeiro, início de fevereiro. O vírus viajou pelo mundo e chegou ao Brasil em março, segundo noticiado pelos meios de comunicação. Os meios de comunicação chegaram a divulgar a descoberta do primeiro caso de COVID-19 no Brasil², uma mulher de 75 anos, residente em Minas Gerais, foi a óbito em 25 de janeiro de 2020. No dia seguinte, o Ministério da Saúde, em nota oficial, declarou que foi um engano de digitação, erro humano. Uma notícia insólita que por algumas horas mudou a história, foi erro e não pressão nem manobra política, pois seria muita irresponsabilidade escamotear uma informação tão importante.

Assim que por coincidência, a pandemia não atrapalhou nosso tão famoso carnaval, nossa marca de brasilidade reconhecida mundialmente: Brasil, o país do carnaval!; mais uma coincidência literária, o romance de Jorge Amado, *O país do carnaval*³ (1931) – vale destacar o ano de publicação e o discurso crítico que se instaura na narrativa por meio da festividade, alienação e imagem contraditória do Brasil. O certo é que nunca teremos certeza de que o “bichinho” só chegou aqui depois da festa que movimenta milhões com turismo de todo tipo, do cultural ao sexual. De um lado, temos os que querem conhecer as festas, a riqueza cultural que abunda na brasilidade que se espalha por território extenso, diverso e plural; por outro lado, há aqueles que acreditam na liberdade e libertinagem referendada e autorizada na festa pagã, onde ninguém é de ninguém e o que conta é o poder do dinheiro e do estrangeiro.

Março chegou e, com ele, “O dia em que a Terra parou”; lembramos aqui do finado Raul Seixas (1945 – 1989), não vamos ressuscitar ninguém, mas ele estava certo e foi assim, pois “O dia em que a Terra parou”, canção lançada em 1977⁴, descreve exatamente o que

¹ RIBEIRO, João Ubaldo. O santo que não acreditava em Deus. In: RIBEIRO, João Ubaldo. *Já podeis da pátria filhos e outras histórias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1991, p. 121-135.

² Investigação aponta que 1ª morte por coronavírus no Brasil ocorreu em janeiro, diz ministério. Disponível em: <https://glo.bo/3e834EW>. Acesso em: 10 mai. 2020.

³ AMADO, Jorge. *O país do carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

⁴ SEIXAS, Raul. O dia em que a Terra parou. Composição Raul Seixas e Cláudio Roberto. Disco sonoro: *O dia em que a Terra parou*, Gravadora Warner Chappell, 1977.

os noticiários mostravam. Espanha, Itália, Reino Unido, dentre outros países da Europa; todos literalmente parados, fechados; a arrogância dos Estados Unidos da América resistiu e foram assolados pelo *lockdown*¹. Enquanto isso no país da injustiça, fazendo uma alusão à Liga da Justiça, desenho animado dos EUA, dos anos 70 que trazia esta célebre frase; a pandemia é tratada como uma gripezinha ou, se por acaso, tiver físico de atleta está livre de qualquer mal que o “bichinho” possa pretender causar.

Passamos abril brincando de distanciamento, customizando máscaras, trabalhando de casa, mas sem deixar de lado as atividades físicas; afinal, precisamos manter o físico de atletas, logo, vamos às avenidas paulistas e orlas para bronzear o corpo e exercitar-nos. Está tudo sob controle, assim ouvimos das autoridades irresponsáveis e o número de contaminados e mortos simplesmente explode; se a curva subiu? Não, a curva é tão reta e tão íngreme que desafia a geometria, ou não, talvez em algum momento e de longe, a gente consiga ver essa curva; conceitos geométricos que me fazem lembrar do antigo ginásio ou colegial (na minha época não se chamava Ensino Médio).

Ouvimos também as famosas progressões que vagamente são resgatadas de minha memória: PA (progressão aritmética, essa eu sei porque dando aulas aplicamos para atribuir média aos alunos) e PG (progressão geométrica, essa faz muito sentido em tempos de pandemia), para falar a verdade, gostaria que essas Ps continuassem guardadas no fundo do baú. Baú²? Mais uma vez Raulzito! Só para não perder a oportunidade de trazer outras fontes, destaco “Pastor João e a igreja invisível”, as igrejas não são invisíveis, mas as bênçãos se restringem ao virtual – Será que isso explica se Deus deixou de ser brasileiro em tempos de internet e mundo digital?; “Metamorfose ambulante³”, podemos adequar, já que as metamorfoses acontecem, porém, não devem ser ambulantes (#ficaemcasa); “Eu sou egoísta⁴”, trilha sonora daqueles que não se preocupam com o coletivo, fazem carreatas dentro de seus carros luxuosos e, ainda, justificam a não adesão ao distanciamento porque sentem saudade, porque a economia não pode parar ou porque, realmente, acreditam que a Terra é plana e essa pandemia é uma praga do Egito ou um boicote dos discursos vermelhos esquerdopatas, sociopatas e comunas. Ah, claro, também pode ser explicada

¹ De acordo com os mais variados dicionários de Inglês-Português, trata-se de confinamento, bloqueio, proibição na circulação; enfim, impossibilidade de sair de casa.

² SEIXAS, Kika (Org). *O baú do Raul*. São Paulo: Globo, 1993.

³ “Metamorfose Ambulante”. In: SEIXAS, Raul. *Krig-ha, Bandolo!* 1 disco (aprox. 38 min.): 33 1/3 rpm, microsulco, estéreo. Rio de Janeiro: Philips/Phonogram, 1973.

⁴ “Eu sou egoísta”. In: SEIXAS, Raul. *Novo aeon*. LP, vinil – estéreo. 78 rpm. Rio de Janeiro: Philips/Phonogram, 1975.

como uma conspiração da Globo para derrubar o *Messias*. Poderíamos encontrar diversas aproximações, passaríamos uma eternidade destacando a imbricação e verossimilhança.

A partir das fontes elencadas, ratifico que outras não foram mencionadas, vou tentar responder às perguntas que propus no início do ensaio. Em que ano estamos? Pois é, alguns responderiam sem titubear 2020. Eu tenho dúvida, baseada nas referências, romances e músicas, está mais fácil afirmar que estamos em um ano que compila vários anos, décadas e talvez séculos. Já ouvimos tanta comparação com a gripe espanhola¹ ocorrida em 1918, considerada devastadora com mais ou menos 50.000.000 (cinquenta milhões) de mortos; será que vamos bater essa marca mórbida? Os religiosos mais fervorosos atribuem a pandemia à limpeza do mundo; segundo suas crenças, esse é o retorno que temos por maltratar o mundo; mas, o que tenho acompanhado é que estamos em um ano que haverá uma reforma previdenciária muito efetiva, porque os mais idosos estão morrendo e, paralelamente, a diminuição da pobreza com a morte dos pobres que não podem se isolar, já que precisam manter seus trabalhos servindo à casa grande e ao senhoril. Enfim, datadamente, estamos em 2020, ano em que a desigualdade social é reforçada pela escravatura posta e imposta por aqueles que não puderam deixar de ir à Europa nas férias de janeiro – isso é Insólito, mas é real. Arrisco dizer, com minhas insolitudes, que estamos numa realidade paralela, perdidos no espaço-tempo entre a Idade Média e os anos 2000.

No que diz respeito à verdade do que é noticiado, é mais um tema que não tem uma única resposta. Não posso deixar de destacar como a imprensa, a depender do interesse social e/ou político, ora tem o compromisso com a verdade, ora não, já que apresenta compromisso maior com a política. Aliás, em tempos de *mamadeira de piroca*, *gripezinha à toa* e terraplanistas, como falar em verdade com tantas *fake news*? Nesse sentido, em relação à imprensa, quando se trata de derrubar o “inimigo político” eleito pelo grupo político que está no poder, as notícias são declaradas como verdadeiras, o compromisso com a sociedade é desempenhado e louros lhes são conferidos. Porém, se os jornalistas criticam ou explanam o quantitativo de vítimas acometidos pelo “bichinho”, trata-se de uma supervalorização de uma simples gripe que uma hora ou outra será enfrentada por todos.

Será que os noticiários não perceberam que estão atrapalhando a economia do país do carnaval? Será que não consideram que os pobres precisam trabalhar para colocar

¹ Dados retirados da matéria intitulada *Pandemia de gripe de 1918*. Escrita por Juliana Rocha. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7>. Acesso em: 05 mai. 2020.

comida na mesa? Será que não percebem o quanto afetam a imagem turística do país, afastando os estrangeiros? A economia do país quebrada, a alta taxa de desemprego, as indústrias na UTI, a quebradeira na Bolsa de Valores; esse será o resultado do distanciamento social recomendado pela Organização Mundial de Saúde, é para o colo deles que vai essa conta negativa. Será que não entendem que aglomerações, passeios aos finais de semana, protestos contra a Constituição, carreatas em carros de luxo, dentre outras atividades; faz parte do que a “maioria” da *society* deseja? Afinal de contas, são eles que detêm o capital e sabem o que é melhor para o país que idealizaram, sem ter que pagar aposentadoria e, melhor ainda, sem pobres. Logo, a resposta insólita é: depende do grupo social – para os ricos, é tudo mentira, mesmo sendo real; já para pobres, a realidade concreta é: são eles que estão nas filas dos hospitais aguardando leitos, respiradores, medicamentos, a fim de que sobrevivam para que continuem a ser explorados por seus patrões.

Onde estamos? Ou melhor, onde fomos/vamos parar? Estamos no país do carnaval, na terra de ninguém ou na terra de poucos. O lugar para ficar, nesse momento, é em casa. Talvez essa seja a tarefa mais difícil, estamos aprendendo a conviver com nossos monstros, nossos conflitos; muitas vezes disfarçados ou fantasiados pelos problemas externos. Isolar-se passou a ser sinônimo de respeito, de solidariedade, de coletividade; parece contraditório, até mesmo configura um oxímoro – as duas últimas sílabas me remetem a outra questão, mas essa não será abordada agora. Recuperando as causas que mencionei ao explicar o Insólito, perceba como é insólita a condição de ficar em casa já que não é mais o estar fora, o estar na rua que provoca estranhamento, medo e, até, inquietação. Pelas insólitas políticas em curso, as estratégias são induzir para que a pessoa estranhe estar em casa e não na rua, quando é na rua que está a maior possibilidade de contágio pelo novo coronavírus.

A diferença entre as insolitudes literárias e as que estamos vivendo no agora é que neste caso não somos os leitores, ocupamos a posição de protagonistas e ainda autores de nossas ações; deveríamos colocar-nos algumas interrogações: estranhar ficar em casa por quê? medo de ficar em casa por quê? e, talvez a melhor/pior de todas as perguntas: por que ficar em casa causa inquietação? São respostas que nos fazem repensar escolhas, decisões e, inclusive, projeções que pretendemos num futuro que desconhecemos já que estamos vivendo uma época em que a Terra parou, menos o Brasil. Por fim, concluo minhas reflexões trazendo algumas possíveis respostas para o título proposto. Somos um país insólito porque optamos democraticamente por sair dos trilhos da igualdade, da valorização

da educação e da cultura. Vamos pagar um preço insólito para reconstruir o país do carnaval que atualmente não considera a necessidade de um olhar diferenciado aos pobres, idosos, homossexuais, mulheres e todos que não participam desse pequeno grupo de egoístas e bem-aventurados porque sempre tiveram quem lhes servisse.

Somos um país insólito e desigual onde 33% (segundo pesquisas divulgadas nas mídias) que assistem aos conflitos políticos, causados seja por um discurso sensato no que diz respeito ao enfrentamento do COVID-19, seja pelas declarações de ex-super ministro, deixando de lado ações necessárias para salvar vidas por adotar o *lockdown*, não é bem-visto politicamente. Há, então, que se considerar as próximas eleições e, possíveis, reeleições. É preciso entender que essa narrativa insólita não pode ser reescrita, não se trata de um rascunho que podemos revisar e rasurar; vale assinalar, também, que não há benção ou patriotismo divino que salve ou que nos livre da síndrome desencadeada pela pandemia, ainda mais em tempos nos quais a religião, de modo geral, mais se assemelha à mercadoria e moeda de troca do que a um encontro particular com o divino. No futuro, quando tudo passar, quem *extraexistir* (um neologismo que alude à condição insólita do *extranatural* e demais variações) poderá acrescentar ou substituir referências à malha discursiva; porém, com a certeza de que, assim como ocorreu o *Boom*¹ da América Latina, inaugura-se o *Boom* brasileiro do “bichinho” – *coronavirus* (SARS-CoV-2) – que deixará sequelas, marcas e ressignificações sociais, culturais e políticas.

¹ Movimento literário que ocorreu por volta do ano de 1960, coincidentemente, em paralelo com os efeitos da Revolução Cubana. Conforme Doris Sommer (2004), os novos romancistas, a exemplo de Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, Júlio Cortázar e Mario Vargas Llosa “[...] delineiam a densidade histórica sobre um mapa repleto de projetos mutilados” (p. 44). O *Boom* não foi somente um fenômeno comercial promovido pelas editoras, oportunizou o apoio às revoluções e aos projetos socialistas na América do Sul. Ver: SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte, UFMG, 2004.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

*Paulo Freire*¹

É uma grande verdade a que diz que o pior cego foi aquele que não quis ver.

*José Saramago*²

Sobreviver ao hoje, esperançar o amanhã: a cegueira da humanidade em Rabhia

Por Maiane Pires Tigre Rocha

Maiane Tigre: Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Ilhéus-BA). Membro do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC). Bolsista FAPESP.

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 110-111.

² SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 283.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Sobreviver ao hoje, esperar o amanhã: a cegueira da humanidade em *Rabha*

Maiane Pires Tigre Rocha

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.
José Saramago (1995)

A humanidade caminha cega, perambulando sobre um terreno irregular de pedras obtusas e pontiagudas, cega de justiça, cega de afetividade, perseguindo a paz, sem direção, tomada por uma cegueira indisfarçável, porque se estende em todos os níveis: física, emocional e espiritual. Alguns defendem, ao olhar a história, que já há algum tempo a humanidade está “doente”, cujos sintomas demonstram tratar-se de profilaxia duradoura e periclitante: corrupção, injustiça, desigualdade social, todo tipo de ilegalidades, ilícitudes semanais, exploração predatória, improbidades diárias – em resumo – a vida é subjugada em favor do lucro. De resto, aferramo-nos à única válvula de escape que, para muitos, ainda não foi subtraída: a esperança. Esta última não como essência ou universalidade das coisas, mas, enquanto ponto de partida na crença inabalável em um porvir calcado na espera e esperando que um novo tempo chegará, porquanto não podemos duvidar da capacidade humana de se regenerar, refazer-se em meio às guerras, reconstruindo-se, reinventando-se no âmago do caos.

Atravessando eras nervosas, observamos como as diversas sociedades, ocidentais ou não, especialmente em se tratando das comunidades étnicas africanas, foram capazes de suportar a fome, o abandono e descaso dos organismos governamentais, sem falar nas constantes espoliações e pilhagens cometidas em escala nacional e internacional no concerto das nações. A tudo isso, os humanos sobreviveram e permanecem sobrevivendo, pois é preciso resistir e honrar a memória de todos os que foram escravizados, colonizados, subjugados... Agora, é mister pensar em novas formas de organização social por exemplo mudaram-se as estratégias para escalonar o tempo e medir o espaço no universo do trabalho, vigora o teletrabalho, a aula tradicional deu lugar à aula digital, remota, e em caráter *home office*, concomitantemente pode ser reformulada a cosmovisão sobre a vida humana. Contudo, também nos cabe perguntar: *Home office* para quem? Aula digital para quais alunos? Como grande parcela da população, que se encontra entre as minorias exploradas e marginalizadas, resiste? Sabe-se que os alunos da escola pública sem acesso sequer a internet se encontram muito distantes desta nova realidade virtual que como percebemos ainda é para poucos.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Pensar nessas questões, a partir da nossa condição de pesquisadores da literatura, faz nos lembrar da personagem *Rabhia* (2017), de Lucílio Manjate, uma prostituta que, em certa altura da narrativa, foge de Salim, um abusador de muitas moças. Todavia, a protagonista partilha desafortunadamente dos epítetos de mulher negra, prostituta e cega; apesar de sentir-se vulnerável e indefesa, decide correr pretendendo livrar-se do perigo iminente que a sentencia:

Rabhia desprende o braço da mão de Salim e saiu disparada da loja. Deu à Rua Consiglieri Pedroso e correu enquanto chamava por Boanar Momad, perdendo-se entre automobilistas que buzinaaram apavorados e transeuntes que abanaram as cabeças convictos da loucura da jovem. Mas um revendedor ambulante de recargas de telemóvel tratou imediatamente de esclarecer aos curiosos: Aquela senhora acaba de sair da Primeira Esquadra, entrou com um senhor, mas o senhor fugiu [...] Rabhia corre e a grita pela Consiglieri Pedroso até se esbarrar na vitrina da Minerva. Cala-se assustada e apalpa a montra até à entrada da livraria. Rabhia parou, sem norte, nem voz. (MANJATE, 2017, p. 38-39).

Algum tempo depois Rabhia será assassinada; a autoria do crime se converte em um enigma insolúvel, a ser desvendado pelo detective Sthoe e o seu estagiário. Imitando o mesmo gesto de Rabhia, a humanidade avança para frente, tendo na memória o passado recente ou o que para trás parece ter ficado apenas no arquivo pessoal: trabalhos na escrivaninha, projetos na gaveta, ações sobre a mesa carecendo de despachos. De fato, se pudermos olhar com mais acuidade, enxergaremos, talvez, o quão os seres humanos se encontram perdidos de referências, “sem norte nem sul, sem baixo nem alto” (SARAMAGO, 1995, p. 5), incapazes de enxergar alguma coisa, além do próprio fato incontestável de que estão imersos em um estado permanente de cegueira, assim como a protagonista Rabhia. Além disso, o risco do contágio desta pandemia que assola o planeta, não é apenas individual ou local, atinge a coletividade e se espalha pelo globo.

A narrativa de Manjate se debruça diante de uma imperiosa tarefa: levar a cabo a investigação sobre a morte da “prostituta mais amada e odiada do bairro Luís Cabral.” (MANJATE, 2017, p.18). Rabhia é uma jovem bela cujo andar demonstrava ser dona do seu destino, interrompido por alguns “saqueadores de futuros” (MANJATE, 2017, p.17), e, por que não dizer, saqueadores de sonhos? De modo coincidente, na ânsia de escapar a todo custo de uma situação de calamidade pública chamada Covid-19, que ameaça não apenas o presente, mas instaura uma “crise de futuro” no pós-covid, somos incitados a responder às seguintes perguntas: Será que as pessoas tornar-se-ão mais solidárias ou solitárias? Porventura, haverá um colapso na produção industrial do mundo? O mercado

financeiro internacional poderá quebrar? As pessoas sofrerão mais com doenças socioemocionais decorrentes do extenso período em isolamento, alavancando a depressão, a síndrome do pânico, o medo de sair, a suspensão da liberdade? Como, quando e de que forma sairemos deste isolamento social que abriu os olhos de muitos que não eram capazes de enxergar a engrenagem do Planeta Terra e o substrato invisível aos olhos, a quintessência da plenitude de Luz?

Até pouco tempo, estávamos na Idade da Pedra dando um salto, aportamos na Baixa Idade Média das cantigas trovadorescas; as Navegações mais uma vez serviram para dizimar milhares de vidas, enfim saímos da Era Clássica, de uma racionalidade extremada, em que o homem constituía o epicentro das revoluções ocorridas; outro salto chegamos à contemporaneidade, em que o homem, e não a humanidade, exerce mais uma vez poder arbitrário sobre os demais – estaríamos, quem sabe, na Idade do Homem? Só se for do politicamente incorreto, em tempos nos quais há a manipulação dos discursos para distorcer fatos, falsear a verdade e esconder crimes, tal como ocorreu quando do assassinato de Rhabia: E o agente Sthoe, mesmo na condição de culpado e réu confesso, acaba por burlar as instâncias jurídicas e criminais, tornando-se a personificação perfeita do “ninguém é culpado”, corroborando que “a vida é um erro que só a morte conserta.” (MANJATE, 2017, p 11).

Sobre a solução do assassinato da mulher cega, concordarmos com a análise de Macuácu (2019, p. 1), quando afirma que “[...] Sthoe é polícia, pertence a uma instituição moralmente degradada e que faz parte de um sistema igualmente degradado e mergulhado em ilegalismos.” Para o autor, o sistema policial é corrupto, dissimulado; e Sthoe, assim como seu estagiário, integra essa rede de dissimulações e chantagens, revelando que “este estado de coisas faz com que, mesmo após a investigação dirigida por Sthoe e pelo estagiário [...] ninguém seja punido, pois o criminoso é parte deste sistema falhado e, em última instância, ninguém é culpado.” (MACUÁCUA, 2019, p. 1).

Essa sensação de impunidade e corrupção também nos remete a outro texto, de Saramago, numa narrativa que traz personagens envolvidos por uma cegueira. Pensamos, entretanto, que apesar da humanidade estar morrendo vitimada pelo novo coronavírus, com estimativas que já ultrapassam os 300.000 mortos no mundo, a esperança é uma borboleta verde que bate as asas aqui e ali paralelamente, faz viverem todos aqueles que se aferram nela. Quando a mimese acontece, a realidade se metamorfoseia em ficção tal como ocorre na obra *O ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, em que os cidadãos são acometidos por uma espécie de epidemia global contagiosa, deixando os infectados

inexplicavelmente cegos. Esta cegueira destoa das outras por ser caracterizada como uma cegueira branca, luminosa, conforme escrito no trecho a seguir, e não negra, como de praxe:

Estou cego [...] Ninguém o diria. Apreciados como neste momento é possível, apenas de relance, os olhos do homem parecem são, a íris apresenta-se nítida, luminosa, a esclerótica branca, compacta como porcelana. As pálpebras arregaladas, a pele crispada da cara, as sobrancelhas de repente revoltas, tudo isso, qualquer o pode verificar, é que se descompôs pela angústia (SARAMAGO, 1995, p. 3).

Contraditoriamente, a cegueira que envolvia *Rabhia* era negra, pois os seus olhos, espelhos d'alma, pintavam uma retinta escuridão devido à história de marginalização a que estava submetida na condição de mulher negra, prostituta e cega. A morte da personagem ratifica o futuro cruel a que grande parte dos seres humanos estão destinados, assim ela morrerá para que Bernardo renascesse, conforme o excerto a seguir: “*Rabhia* morreu para tu renasceres, pensa nisso” (MANJATE, 2017, p. 116). Sem romantizar as mortes que estão ocorrendo na pandemia, com profundo respeito pela memória dos que partiram e imaginando a dor daqueles que perderam seus queridos entes, entendemos que, enquanto parte da humanidade morre, a outra parcela deve assumir a chance de renascer, fazendo as coisas de modo diferente: “Agora que estás aí, Bernardo, faça diferente, disse, suspirou, abriu a porta e saiu.” (MANJATE, 2017, p. 118).

Nesse quadro de pandemia global, consoante Giordano (2020, *on-line*), “[...] o que os escritores têm que fazer é lembrar às pessoas que elas continuam sendo únicas.” Na ótica deste autor, não é possível que a pandemia passe, sem antes deixar em nós marcado o desejo de mudança sobre a forma de obtermos lucro, valores, ética, governos autoritários que diante dos incêndios ocorridos na Floresta Amazônica proferem discursos do gênero: “a floresta é nossa”, chancelando a posse sobre uma riqueza natural que, na verdade, pertence à humanidade. Bem sabemos, entretanto, que as elites não estão dispostas a mudar, ao contrário, o que mais desejam é a manutenção dos seus privilégios e de seu poder. Portanto, nós devemos protagonizar com radicalidade esta revolução com o fito de resgatar a nossa humanidade, correndo e gritando como *Rabhia* palavras de ordem como: esperar, esperança e esperando, móbil sensível da resistência.

Afinal, se um livro é capaz de mudar vidas, o que não dizer sobre as situações mais triviais do cotidiano em que consiste a própria essência da vida: a fragrância de uma flor, o carinho dos namorados, o abraço da mãe, “mas o perfume de uma bucha de pão duro já seria, falando elevadamente, a própria essência da vida.” (SARAMAGO, 1995, p. 132). Palavras como pandemia, infectados, contágio, coronavírus, respiradores, máscaras

passaram a fazer parte deste novo capítulo da história e foram incorporados ao vocabulário e à realidade do mundo global. A humanidade “doente” segue contando os minutos que restam até o fim desta pandemia, acima de tudo sobrevivendo o hoje e esperando o amanhã. Este é um texto que sente as dores do presente, mas que também crê em novos tempos de paz. Portanto, imbuídos de fé – seja no divino, seja na natureza, seja no homem, somos impulsionados a pensar em um novo recomeço. Desejamos, assim, que a esperança deixe de ser um artefato substantivado para se transformar em ação efetiva e, tal como Bernardo, possamos renascer, enquanto pessoas melhores, resgatando parte de nossa humanidade perdida.

Referências

GIORDANO, Paolo. Italiano que lançou livro sobre pandemia fala sobre papel da literatura na crise. Entrevista concedida a Mariana Peixoto. *Jornal Estado de Minas Cultura*, abril, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Zp4jeC>. Acesso em: 10 mai. 2020.

MACUÁCUA, Albino. *Rabbia, de Lucílio Manjate: uma Narrativa Policial entre o Canónico e o Subversivo*. Texto de apresentação proferido no lançamento da edição moçambicana do livro *Rabbia*, de Lucílio Manjate. Jardim Acácias – Maputo, Moçambique, 31 out. 2019.

MANJATE, Lucílio. *Rabbia*. Maputo: Alcance Editores, 2017.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Esses nossos tempos se sobressaem por
desmantelar marcos e liquefazer padrões sem
aviso prévio.

*Zygmunt Bauman*¹

*Ecos discursivos em tempos de pandemia: um retrato da
desumanização no Brasil*

Por Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho

Elia Carvalho: Professora do Instituto Federal Baiano (IFBaiano/
campus Uruçuca). Mestra em Educação e Doutoranda em Letras
Linguagens e Representações – UESC.

¹ BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. José Gradei. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 160.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Ecos discursivos em tempos de pandemia: um retrato da desumanização no Brasil

Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho

“Agora” é a palavra chave da estratégia de vida, ao que quer que essa estratégia se aplique e independente do que mais possa sugerir.
Zygmunt Bauman (2001).

Gostaria, de início, saudar a todos/as os/as trabalhadores/as da saúde que militam por nossas vidas, pondo em risco suas próprias vidas. Posto isso, não poderia deixar de começar nossa reflexão sem trazer um dos pensamentos bakhtinianos¹ sobre o fato de nos constituirmos discursivamente, através da assunção de vozes que formam a interação verbal. Assim sendo, frente ao atual contexto vivenciado no Brasil, podemos nos perguntar: Quais os ecos discursivos e seus impactos no trato com as questões associadas ao novo coronavírus?

Caetano Veloso já nos fazia uma provocação relevante ao questionar “[...] o que quer e o que pode esta língua? ”. Talvez a resposta a essa inquietação não seja tão fácil, afinal, tudo o que se traduz em linguagens, quando se trata de poder, precisa ser questionado. Essa atitude de indagar envolve perguntas como: a serviço de quem, prioritariamente, está esse poder da língua? Que voz está sendo ecoada nos discursos predominantes neste período de pandemia? Em tais discursos, nos quais se faz necessário interpretar dados, ler as entrelinhas de outras discursividades e, especialmente, observar o local de fala de cada um que emite essas falas, quais/quem são as pessoas que estão autorizadas a externar seu ponto de vista sobre ovid-19 e o que expressam?

É oportuno lembrar que dessa relação íntima entre língua e poder pode advir também o silenciamento, o apagamento, a distorção, a exclusão, a omissão, o desrespeito, enfim, uma série de ações que geram implicações que corroboram para um abismo social. Costumeiramente, os discursos produzidos pela classe popular passam por um longo processo de aceitação, validação e autorização, enquanto isso ficam segregados a instâncias que possuem uma circulação mais reduzida. Quando essa produção consegue ultrapassar as barreiras sociais, ela torna-se acessível a um universo mais amplo, dando assim uma certa visibilidade à voz popular.

¹ BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

E dentro dessa relação de língua/poder, queremos questionar, neste tempo de pandemia, como alguns discursos autorizados se apresentam e quais as reverberações dos mesmos para a sociedade. Trazemos também outra inquietação: é possível não silenciar as representações, instâncias, entidades, classes que questionam um discurso tirano, opressor, portanto unilateral? O que se tem visto no atual cenário sociopolítico brasileiro é uma tentativa insurgente do “cala boca”. Vale lembrar que essa tentativa de silenciar o que é contrário ao projeto de poder instalado não é algo novo, pelo contrário, a atual gestão foi construída justamente calando a voz do respeito, da democracia, do direito de discordar, do pensar... Mas será que, realmente, “quem manda na minha boca sou eu”?

A título de ilustração da produção advinda da classe popular, temos o exemplo do uso das máscaras de tecido. No início da pandemia, devido à falta de acesso às máscaras cirúrgicas, a população começou a usar máscaras de tecido, o que também oportunizou uma alternativa de renda para muitas pessoas. No entanto, esse discurso do uso da máscara de tecido foi veementemente combatido, criticado pelos organismos da saúde. Mas, ao se darem conta, inclusive, da falta de matéria prima para a confecção das máscaras cirúrgicas, uma nova orientação discursiva autorizada começou a circular: Usem a máscara de tecido!

Além desse posicionamento de desautorizar/autorizar/incentivar, temos notado, igualmente, com muita frequência, desde o início da pandemia, uma preocupação econômica. Isto, por sua vez, justificaria o não incentivo ao distanciamento social, nos discursos de autoridades governamentais, em detrimento da preocupação com as vidas ceifadas pela pandemia. Falas como “é só uma gripezinha”, “o país precisa voltar à sua normalidade”, “nada justifica o fechamento de escolas”¹ ... passaram a reverberar no país, discursos estes advindos, muitas vezes, de autoridades que deveriam ter um compromisso maior com a preservação da saúde e da vida da população. Estes enunciados fragilizam as medidas protetivas relacionadas ao novo coronavírus e afetam a parte mais suscetível acometida pela pandemia: as pessoas em situação de vulnerabilidade.

A assunção desses discursos pela população acaba ecoando em ações como: resistência ao uso das máscaras, promoção de encontros sociais, destemor em quebrar as barreiras sanitárias, dentre outros. No quesito aglomeração, queremos chamar a atenção para filas quilométricas que se formam pelas pessoas que receberam o auxílio emergencial do governo. Quais leituras podem ser feitas sobre o não “respeito” ao distanciamento das pessoas nas filas? Possivelmente, muitas, mas queremos destacar algumas interpretações para essa realidade.

¹ Recortes de falas do presidente Jair Bolsonaro divulgadas pela imprensa em meio à pandemia.

Primeiramente, é que muitos de nós temos uma dificuldade em nos mantermos organizados em filas, nos distraímos, temos a impressão de que quando ficamos mais próximos de quem está à nossa frente, mesmo que o atendimento não tenha começado ainda, é que a fila “esteja andando”. “E daí?”¹ Daí a importância de ter uma estrutura com funcionários organizando estas filas.

Outra possibilidade é que há também nessas filas aquelas pessoas cuja exposição ao perigo é algo tão comum que a possibilidade de contrair a covid-19 lhes é indiferente, não é que sejam pessoas insensíveis à situação, simplesmente sobreviver é uma questão de “sorte”. “E daí?” Daí a importância da ampliação das políticas de inclusão.

Há ainda aqueles que, por serem trabalhadores informais, estão sem possibilidade de renda e no afã de prover a necessidade básica familiar dormem nas filas, pois imaginam que quanto mais cedo chegarem aos bancos e lotéricas, mais possibilidade de serem atendidos em suas necessidades. “E daí?” Daí que essa situação é um retrato da alta taxa de desemprego.

Também não poderíamos esquecer que um número significativo das pessoas que estão nestas filas simplesmente vai à procura de informação, ou seja, não têm acesso a meios digitais. Se submetem, desnecessariamente, a cenas desumanas por não terem acesso à informação. “E daí?” Daí a necessidade de políticas públicas de inclusão digital.

Talvez essas filas quilométricas também queiram nos dizer o quão destoante é o distanciamento social entre as classes sociais. Vale lembrar que nessas filas não estão contabilizadas aquelas pessoas que não se pode contar porque são os invisíveis, pessoas em situação de rua, por exemplo. Contabilizam-se, sim, autônomos, desempregados, ambulantes, estudantes, empregadas domésticas e demais categorias que, de algum modo, são vistas como produtoras ou possíveis produtoras de serviços. E, ainda assim, muitas destas pessoas, mesmo tendo direito e enfrentando as filas, não receberam o devido auxílio.

Frente às discussões aqui levantadas, defendemos que nenhuma ciência caminha sozinha, todas andam juntas e possuem a mesma importância. Portanto, quando a Organização Mundial de Saúde orienta a população a ficar em casa, há um discurso na materialização dessa linguagem, há uma interpretação do dito ou até mesmo do não dito, a exemplo da distorção de informação por parte de um grupo que a todo custo tenta minimizar os efeitos da pandemia.

¹ Recorte da fala do presidente Jair Bolsonaro ao ser questionado, por jornalistas, sobre o número de mortos pelo novo coronavírus.

Outra reflexão que precisamos trazer para o debate é que o discurso do #fiqueemcasa também mostra o lado desumano revelado pela pandemia: há políticas de abrigo para as pessoas que estão em situação de rua? Como pôr em prática a quarentena se um membro da família foi acometido do vírus e a casa se resume a apenas um cômodo? A pandemia vem trazendo à tona um pouco da radiografia social do Brasil, da vulnerabilidade a que está exposta uma parte significativa da população brasileira.

Nos parece oportuno lembrar que, mesmo com as tentativas de descrédito das ciências, posicionamento defendido por muitas instâncias do atual governo, é esta mesma ciência que tem empenhado esforços; quer seja pela vacina, contra o novo coronavírus, quer seja pela descoberta de remédios no combate, ou, ainda, na produção de respiradores. A título de ilustração, destacamos a atuação das Universidades Públicas e dos Institutos Federais de Educação. Tudo isso só reforça a narrativa de que Educação, Saúde e Ciência não são gastos, mas sim investimentos.

Na contramão dos discursos que desumanizam, excluem, expõem, silenciam... temos visto e ouvido um grande discurso: o discurso da partilha, da solidariedade, do altruísmo, da empatia, especialmente praticado por pessoas com recursos escassos. Estas, mesmo em um contexto adverso como esse da pandemia, conseguem acolher ao outro. Vimos exemplos de costureiras doando seu ofício na confecção de máscaras, pessoas servindo lanches nas filas do auxílio ou até mesmo levando uma cadeira para minimizar o cansaço em horas de espera do auxílio emergencial. Enfim, várias são as ações de anônimos que, imbuídos de uma prática inclusiva, reverberam em ações para acolher a dor do outro.

Entendemos ainda que os gestos sinalizados acima carregam em si um discurso que não carece de autorização, é legítimo por si só. A linguagem para estas pessoas dá-se enquanto prática social que se traduz na partilha, sem visar retorno. Esse discurso empático vai na contramão do discurso capitalista que só visa lucro, mesmo diante do sofrimento alheio. Para o capital, tempo é dinheiro, no entanto, numa perspectiva humanística, defendemos que o tempo se traduza no “agora” e a emergência deste tempo nos diz que agora importa salvar vidas, agora importa ter saúde, agora importa sobreviver, agora importa acolher, agora importa escutar, agora importa olhar a ciência, a saúde e a educação como um direito de todos. Agora, importa, principalmente, traduzir os discursos de esperança e empatia em prática real, concreta e cotidiana. Há muito a dizer sobre a pandemia e a desigualdade, a desumanidade no Brasil, contudo, há muito mais a fazer para ecoar um país mais justo, solidário e humano.

Multiplicam-se os vídeos, fotos e transmissões ao vivo de toda sorte, capitaneados por uma classe média privilegiada que pode se dar ao luxo de se proteger de um vírus mortal numa trincheira regada a vinho, delivery e conexões de internet ultrarrápidas, trazendo a sensação de que estamos dentro de uma edição do Big Brother Brasil e de que nossa programação alterna entre prova do líder, paredão e festas temáticas. Quem será o amigo ou artista da vez? [...] Com essa crítica, não proponho que devamos nos entregar a um movimento autodestrutivo de isolamento dentro do isolamento, nem que descuidemos de nossa saúde física e mental. Muito menos sugerir que movimentos artísticos que mobilizem verbas importantes em forma de doações sejam rechaçados. Todavia, esquecer que lá fora existem milhões de pessoas que já estão se alimentando apenas de desesperança e pavor, completamente desamparadas pelo Estado e pelos que poderiam contribuir para que essa crise sanitário-econômica pudesse ter um impacto menos destrutivo, é quase um escárnio.

*Victor Siqueira*¹

Lives, a nova “vida normal” que segue

Por Mayllin Silva Aragão

Mayllin Aragão: Mãe de Bruno e Stela, minhas duas maiores produções. Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora conteudista do Núcleo de Educação à Distância da UESC.

¹ SIQUEIRA, Victor Hugo. Corona Lives: Onda de streaming durante pandemia escancara privilégios. In: *Justificando: Mentis inquietas pensam direito*. Disponível em: <https://bit.ly/2Xf6A9l>. Acesso em: 19 de mai. 2020.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Lives, a nova “vida normal” que segue

Mayllin Silva Aragão

Desperto por volta de 1h30 da madrugada e percebo meu companheiro no celular, ele então compartilha uma inquietação: um amigo no *Instagram* havia iniciado uma *live* e mais ninguém além dos dois havia entrado no ambiente virtual. Para piorar, o amigo ficou tão feliz com a presença dele, que acabou deixando-o desconfortável para abandonar a *live*.

Essa cena acende um alerta: As *lives* são um fenômeno, um florescimento de telas, ao vivo, sobre os mais variados assuntos e temáticas. Algumas com tópicos pertinentes ao momento ou direcionamentos solidários louváveis, mas também há uma infinidade delas que erram a mão. Usando o preparo de uma comida como metáfora é certo que muitas *lives* usam sal de menos, açúcar em excesso ou abuso de condimentos e assim erram o ponto ideal de cozimento e isso ocorre sobre diversos aspectos. Mas como chegamos até aqui?

O “ficar em casa” mexeu muito com as estruturas psicológicas da maioria das pessoas. As redes sociais, que já ocupavam um espaço de grande destaque nas sociedades em geral, passaram a ser, para muitos, a única e mais segura forma de estar em sociedade, de dialogar, de cumprimentar. Elas se ampliaram também, como forma de saber o que seus ídolos, amigos, familiares, colegas de trabalho pensam e fazem no período de isolamento social, em detrimento do novo coronavírus.

Através das redes sociais é possível saber que muitos dos seus sentimentos e sensações não são exclusivos seus, mas uma consequência do estar confinado e isso é reconfortante. É ter a possibilidade de ser/estar no mundo através dessa janela virtual e ratificar que muitas pessoas, pela condição social desigual, são excluídas desse privilégio. É atestar que existe tanta gente em situação de vulnerabilidade social gritante e enxergar muita gratidão no que se tem. É ainda descobrir que várias pessoas querem que a maioria se foda e se sentir triste e impotente. Mas, também saber que existem muitas histórias de solidariedade, de sororidade, de união, de humor e de superação, que são tão importantes nos momentos que a montanha russa de sensações está em baixa.

Tecnicamente falando, as *lives* já existem há algum tempo, mas eram utilizadas em outras perspectivas. Agora, o formato ganhou dimensões para além da publicidade, do entretenimento ou de exibição de algum grande feito, se ampliou para o singelo. Explorando a espontaneidade do aqui e agora, as transmissões “ao vivo” possibilitam que as pessoas se sintam parte de um todo, que possam ser presença na ausência do tato e do

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

olfato, que se permitam a conversa informal com um amigo, ou simplesmente ser um mero espectador de outras conversas.

Percebe-se que muitas pessoas optam por fazer uma *live*, mas, pelo conteúdo exibido, poderia ser uma chamada de vídeo, ou vídeo conferência, que pela própria dinâmica reuni várias pessoas para uma conversa virtual, sem o risco de exposição que uma *live* exige, justamente por ser ao vivo. Mas, porque será então que as pessoas sentem necessidade de transpor o que poderia ser privado para uma *live*? Talvez, seja a necessidade de comunhão, de simultaneamente mostrar que a vida continua, ainda que via internet, de ratificar que mesmo universos distintos compartilham um comum interesse, estar em comunidade.

São muitas pessoas ao redor do mundo fazendo *lives*, porque isso é o real possível no momento. E numa espécie de efeito cascata muita gente passa a se sentir impelida a fazer *lives* ou participar como espectadores e se sentirem parte de um todo. A tônica do real através das *lives* é a vida em papo reto, sem gravação e edição para exibir um conteúdo, e isso com os mais variados assuntos, desde os mais rebuscados até o dia-a-dia, o que vale é o bate papo, a conexão emocional e afetiva, ainda que os diálogos assistidos possam ter relevância variável a depender do gosto de quem assiste.

Nesse processo, as *lives* passaram a somar, como espaços de conteúdo inédito, em tempos de reprises em TV's abertas, para a parcela privilegiada da população que pode se conectar pela internet. Por outro lado, amplia o abismo da diferença com as classes mais baixas da sociedade que não tem condições mínimas de vida, muito menos de acesso a internet e seguem alheias a muitas mudanças da vida social.

É uma nova “vida normal” que, para muitos, perpassa por uma *live*. Se não se pode estar na rua, em um banco de praça ou na academia, no “ao vivo” é possível ser/estar no mundo e criar um novo ambiente para conversar, dialogar, ir a academia ou compartilhar uma receita nova. As *lives* se transformaram em uma espécie de portal com o mundo real e o que se divide é a realidade individual, outrora particular, mas que pode ser partilhada pelas *lives*.

Dentro das redes sociais como *Facebook*, *You Tube* e *Instagram*, permite-se a transmissão desse tipo de conteúdo ao vivo e é inegável a força que as *lives* ganharam no período de isolamento. É tanta opção que, mudando de canal, ops, de *live*, passamos de discussão filosófica, para aula de francês, de *yoga*, de ginástica, de comida, com pausa para uma benção religiosa e, claro, para shows musicais. Ufa! E ainda ficam outras trezentas opções que não couberam nas mínimas 24h do dia. Me recordo de um artigo lido anos atrás, na *Revista Rolling Stones*, sobre a explosão no número de rádios na *web*. O título era

“Fala...que ninguém te escuta”, uma direta referência ao número abusivo de Rádios Virtuais ou físicas que passaram a existir na *web*, mas que tinham audiência pífia. Fato semelhante com as propagandas de TV’s por assinatura que anunciam mais de 400 canais, como forma de fisgar possíveis assinantes. Muitos desses potenciais clientes se sentem motivados a fazer parte desse universo de possibilidades, ainda que na prática assistam a poucos canais. Isso se repete na moda do ao vivo, um número excessivo de *lives*, tornando impossível o acompanhamento por parte dos usuários. É muito conteúdo sendo disponibilizado, mas, uma boa parte, se filtrado, revela apenas a necessidade de pertencer a modismos.

Não é raro perceber que muitas perdem o foco, saindo da perspectiva do mero entretenimento ao oportunismo, outras da responsabilidade social para o excesso de publicidade. As *lives* de cantores são um bom exemplo disso. Surgiram com uma proposta louvável de entreter quem, de uma hora para outra, precisou se manter em casa e não raro se sentiu entediado com isso. E começou de maneira informal, com apenas o artista sozinho, sem banda, animando seus seguidores. Assim, no maior estilo “fica em casa”, Chris Martin, vocalista da Banda Coldplay, iniciou um ao vivo, no dia 16 de março. Conversa leve, intercalando músicas e interação. Uma receita que foi seguida por outros grandes artistas como John Legend ou Elton John. As iniciativas foram tão bem aceitas que logo se multiplicaram e se ampliaram, com os festivais de música em casa. Além de entreter, as *lives* impulsionavam doações para ajudar pessoas afetadas pela pandemia e isso foi sensacional, mas muitas *lives* brasileiras perderam o bom senso.

Apesar da Organização Mundial da Saúde (OMS) ser clara ao orientar sobre os benefícios do distanciamento social, o que se vê em muitas *lives*, são além de cantores, equipe técnica, garçons servindo bebidas, cenários que indicam uma produção prévia e patrocínios que misturam responsabilidade social com oportunismo. Nada contra grandes produções, *lives* patrocinadas ou algo semelhante, mas nessa situação, contrasta com o amadorismo que seria pertinente a uma *live* caseira e ISOLADA que o momento pedia. Se existia a necessidade de expor técnicos, produtores, garçons e aglomerar pessoas, já deveria ser o sinal que algo estava errado. Além das megaproduções, se sucedeu uma “briga” de audiência na qual a luta agora é outra e vence quem consegue mais seguidores simultâneos numa *live*. Não é difícil encontrar um *ranking* dos artistas que arrebataram milhões de seguidores com suas *lives*, difícil é engolir que o mote principal de se manter isolado tenha sido escanteado em detrimento de superproduções camufladas de amadorismo.

Além dos shows, que erraram a mão ao elevar o nível das produções em detrimento do bom senso, essa espécie de abertura democrática das *lives* causou overdose de conteúdos. Recentemente, em entrevista ao canal GNT¹, o ator, escritor e diretor Miguel Falabella chamou atenção de muitas pessoas ao demonstrar sua opinião sobre as *lives*. "Quando vejo que alguém está fazendo uma *live* me dá vontade de sair gritando. Estou 'pelas tampas' com *lives*. O [Umberto] Eco tinha razão, a internet deu voz ao idiota da aldeia. Agora todo mundo se acha genial e quer fazer *live* o tempo inteiro"¹.

Ao mesmo tempo em que as *lives* são generosas, permitindo o acesso a qualquer um conectado através de redes sociais e que, potencialmente, alcancem muitas pessoas, nota-se que os conteúdos de shows ou artistas famosos sim, reúnem milhares de seguidores, mas muitos desses “ao vivo” são vistos por uma plateia regrada, pois o que se configura como relevante mesmo é a digitalização da vida, no maior estilo faça você mesmo, a *live* da maquiagem, da comida, da meditação, do papo cabeça ou de qualquer outra temática que julgar relevante expor.

A receita é bem trivial, pois muitas *lives* se resumem a duas pessoas conversando ou uma pessoa falando sobre alguma temática pré-estabelecida, de forma que seus seguidores possam assistir e interagir com perguntas. É tecnicamente fácil, com ferramentas auto-instrucionais ao alcance de um smartphone conectado a internet e é também com essa mesma facilidade que é bastante suscetível ao erro. Mas, nem mesmo os sucessivos e já comuns deslizes, em exibições ao vivo, inibem os mais ávidos por uma *live*. Desde o início da onda de “ao vivo”, já foi possível assistir artista caindo na piscina durante um show, e até a oração de um Padre regada a filtros de carinhas de bichos que foram acionadas por falta de traquejo com as ferramentas do celular. Não tem jeito, foi ao vivo!

Algumas reunindo multidões e outras um único espectador, as *lives* vão se multiplicando e se firmando como suporte na rotina de muitas vidas em isolamento social. Se constituindo como espaço real, permitindo conexão, instantaneidade e realidade, as *lives* já ocupam uma parcela significativa da nova “vida normal” de quem possui privilégios, dentre eles o conforto de acesso à internet, e com inumeráveis *lives* para serem acessadas ou compartilhadas.

Assim, a vida com *lives* segue, e nada indica que elas tenham previsão de acabar. Muito pelo contrário, especula-se que vieram para ficar. Resta, então, se acostumar e entender que como muitos conteúdos na internet, as *lives* vão precisar do filtro pessoal de

¹ Miguel Falabella critica lives: “Todo mundo se acha genial”. Disponível em: <https://bit.ly/2yKwQjM>. Acesso em: 12 mai. 2020.

cada um para se envolver ou não a tentação de entrar numa *live* ou mesmo iniciar uma, afinal de contas, desde os idos de março, um usuário do *Twitter* já alertava: “Tenho medo de abrir minha geladeira e encontrar uma *live* dentro”¹. A frase exagerada e que viralizou, não estava de brincadeira!

¹ Disponível em: <https://twitter.com/sukitabr/status/1242977151508496384>. Acesso em: 12 mai. 2020.

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para não, não para

*Cazuza*¹

*Tetris-19: qual teoria podemos “encaixar”?*²

Por Ricardo Afonso-Rocha

Ricardo Afonso-Rocha: “Não sou freira nem sou puta”. Sou uma bixa e ponto. Minhas circunstâncias: ser bixa. Fora isso, nada. Para além disso, bixa. Menos que bixa: doutoranda e mestra em letras: linguagens e representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Bacharela em direito pela mesma instituição. Advogada. Integrante do grupo de estudo “O espaço biográfico no horizonte da literatura homoerótica” (GPBIOH).

¹ CAZUZA. O tempo não para. In: CAZUZA. *O tempo não para*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1988. Faixa 6. CD, LP e VHS.

² Uma versão deste texto foi publicada em minha página no *site* Medium.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Tetris-19: qual teoria podemos “encaixar”?

Ricardo Afonso-Rocha

Desde que a OMS declarou que vivenciamos uma pandemia, decorrente do alastramento global do novo coronavírus (COVID-19), assistimos a uma verdadeira explosão discursiva (teórico-analítica) sobre esse catastrófico fato, inevitavelmente tratado como evento. De filósofos à linguistas, passando por historiadores, médicos, políticos, ativistas, parece-me que todos, alguns mais que outros, têm algo importante a falar sobre a situação. É preciso dizer a verdade do vírus?

Alguns apresentam diagnósticos, analisam o evento com os pés fincados no chão; outros, sejam pessimistas ou otimistas, fazem previsões. Como sábios, enxergam mais longe, sabem mais que os demais. É como se usassem um daqueles binóculos futuristas que vemos em filmes de agentes especiais, 007 é um bom exemplo ilustrativo. E nós, “não-intelectuais”, devemos confiar nessas leituras, afinal carregam o peso da unidade, autoridade, coerência e não-contradição de um projeto consistente de autoria. Em nome do pai, aceitamos o messianismo acadêmico...

Num primeiro momento, incomodava-me apenas essa última atitude. Já não mais queria ler análises sobre como seria depois da pandemia. Como estaríamos mais domesticados, uma vez que a quarentena expressaria o ponto mais condensado de controle social pelo qual passamos nos últimos três séculos ou, pelo contrário, como a pandemia iria dismantelar o perverso sistema neoliberal expondo seus limites e entranhas. Glorificamos quando Macron “assumiu” que o neoliberalismo teria falhas. Será que essa saída do armário do modelo neoliberal equivaleria a sua autodeclaração de estágio final? Não posso esquecer de leituras, menos otimistas, mas que ainda assim apontam para uma renovação da potência revolucionária. A crise teria forçado os estados neoliberais a tomarem medidas radicais, impensáveis até pouco tempo. Medidas que facilmente passariam como “comunistas”, como o auxílio emergencial. Há quem acredite, ou melhor, por enxergar mais longe, consiga visualizar com clareza que, passada a crise, tal medida transformar-se-á numa renda básica universal. Veja que é uma oração sem sujeito (sujeito da luta).

Ainda nessa linha interpretativa, com algumas diferenças, há quem reclame uma ação voluntarista. Essa leitura é mais complexa, pois faz um diagnóstico: constata-se uma diferença estrutural no gerenciamento da crise no Ocidente e no Oriente, principalmente na Ásia Oriental. Contudo, esse diagnóstico serve como instrumento decisório apenas.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Projetam-se duas possibilidades de futuro: mais controle social ou falência do neoliberalismo. As cartas estão postas na mesa, cabe a você decidir. Nossas decisões de agora teriam o peso de determinar o futuro da humanidade. Vejam que esta postura aponta para uma história global tomada como projeto linear, uma história de continuidades. O presente é o ponto de ligação entre o passado e o futuro.

O primeiro grupo, daqueles que oferecem um diagnóstico do presente, não me incomodava de início. Pensava que era o mais plausível a se fazer. É preciso fugir do messianismo. Em relação aos messiânicos, pensava: “Quem somos nós, ou melhor, quem são vocês, meros nomes escritos em folhas ou digitados em sites, para nos dizer o que fazer, como sentir, como ser afetado, como lidar, o que esperar dos tempos pós-Covid?”. Tomava partido, então, pelos diagnósticos que ousavam superar a tentação de prever o pós-Covid, bem como a de desenhar projetos coerente de ação que deveríamos seguir, implícita ou explicitamente.

Porém, com a rotina drasticamente afetada, vivendo na periferia de um pequeno bairro rural universitário, numa cidade do interior do Nordeste, percebi que vocês também me incomodavam. “Quem são vocês para me dizer o que é o presente?” Qual a legitimidade desses intelectuais que se arrolam no direito de me dizer o que estou vivendo? Ainda mais quando penso que há, deveras, uma diferença abissal entre a pequena casa quarto e cozinha na qual moro, numa rua sem asfalto e sem encanamento, rodeado de igrejas e bares, com uma população que não pode ficar em quarentena e seus belos escritórios aconchegantes e climatizados.

De repente, já sabia o que deveria me incomodar em suas análises do presente. Claro, como não vi antes? Lembrei do meu antigo game boy, talvez tenha lembrado porque acabei de assistir “Jonas”, de Christophe Charrier. Aquele videogame jurássico que tinha basicamente um jogo: o Tetris. Nesse jogo eletrônico soviético, que foi muito popular até os anos 2000, o objetivo é empilhar tetraminós que descem sem parar, formando linhas horizontais que desaparecem. Como cada tetraminó tem um formato, o jogador precisa fazer um malabarismo para completar as linhas, evitando assim que uma pilha de peças se forme e chegue ao topo da tela, o que acarretaria game over.

Se antes, a respeito de tais análises — os diagnósticos — eu debatia sobre a coragem em dizer a verdade (como atitude ética e não como enunciado), ainda que correndo o risco de serem “cancelados”, como alguns de fato foram acusados de defenderem o fim da quarentena; agora, eu só conseguia enxergar, com minha limitada visão, como esses diagnósticos sustentavam um modelo Tetris de análise. Ou seja, como

não havia nada de novo (será?). Eles estavam apenas aplicando suas teorias antigas, buscando “encaixar” uma singularidade numa moldura teórico-analítica que não foi desenhada para este evento. Esquecem-se que só há a priori histórico, singularidades e eventos não-factuais. Não há dimensões absolutas. Esquecem-se, penso eu, que não há Universal, Racional e Adequação.

Como jogadores de Tetris, esses pensadores tentam encaixar a “peça da vez” num jogo pré-moldado, pré-formado... joga a peça para direita, joga para esquerda, vira, torce, pronto, talvez sirva. Busca-se tão somente manter a coerência com seus escritos anteriores, garantindo unidade autoral. Não ousaram inquirir “como esta singularidade reclama deslocamentos em nossas teorias?”. No mais das vezes, não refletiram sobre os acontecimentos, apenas pensaram: “como minha teoria explica isso?” Ou, mais absurdo: “como minha teoria explica o pós-isso?”. Alguns poderiam indagar: “Mas as teorias não servem para explicar as singularidades, não são como ferramentas?” Recorrendo a esta velha e batida metáfora, digo: sim, não, talvez!

Um martelo só é útil quando martelamos? Ledo engano. A utilidade do martelo não repousa em sua martelidade, mas naquilo que podemos fazer dele. Se o utilizo como peso de porta, não tenho mais um martelador, apenas. Posso ainda utilizá-lo como item decorativo numa parede rústica ou até como dildo. A utilidade de uma ferramenta não é ela em si, mas o que podemos fazer dela. Não é o evento que deve ser torcido para caber na minha teoria de estimação, nem muito menos ela deve explicar tudo (incluindo o pós-tudo)... Como já disseram muitos, as teorias não suportam o passar das eras.

Certa vez, ouvi incrédulo de um foucaultiano: “Deleuze não entendeu Foucault, ele fez torções nas ideias foucaultianas para oxigenar seu sistemático pensamento”. Se isso foi assim, é como Deleuze que devo me comportar: fazendo torções nas teorias, vendo o que posso fazer delas, de modo que não mais terei apenas o martelo. É este choque-tensão, reconhecendo os limites das nossas velhas teorias, que podemos nos avizinhar dos eventos de agora, sem desprezar sua singularidade, sua não-facticidade, escapando, sempre que possível, do messianismo e da adequação.

O que ainda podemos falar sobre o Covid? Diante de uma ebulição discursiva, parece-nos que tudo já foi dito. Entretanto, podemos perguntar: Dito por quem? Para quem? Dizeres aceitos ou rechaçados por qual ou quais públicos? Há análises para todos os gostos e desgostos. Ótimas análises, boas previsões. Contudo, o óbvio escapa. Escapa porque em vez de torcermos as teorias, oxigenando-as, colocando-as em suspeita, torcemos o evento. O Covid precisa caber no marxismo, dirão alguns. E no foucaultianismo. Não

esqueçam do psicanalismo. Parece que reclamam a completude da visão. Ou seja, a disputa é saber quem consegue enxergar melhor o evento, qual lente é mais “hype”.

Aqui, perto de fechar este pequeno desabafo, sou tentado a fazer uma microanálise específica do Covid. Afinal, quem, além de mim, poderia melhor diagnosticar o presente que vivo? Se não eu, quem? Esta análise não foi gestada no conforto de um escritório, numa bela casa no campo, mas sim no caos barulhento da vida daqueles que são a escória do mundo, é uma análise que não tem na cabeça sua metaforizada beleza. Análise que tem no cu, este órgão-tecido-orifício desprezado, esquecido, sua potência dionisíaca. Se eles raciocinam com a cabeça, nós, a lama do mundo, só temos o cu para pensar.

Nas últimas semanas, recebi uma dezena de mensagens, em quase todas as redes sociais, a respeito do novo coronavírus como castigo divino. Vi notícias sobre pastores, rabinos e padres afirmando que o vírus seria uma resposta de deus (aquele ser vingativo do velho testamento) aos pecados e imoralidades cometidos pelas bixas. Numa dessas mensagens, chegava-se a enumerar nossos pecados: transsexual que se caracterizou de Cristo na parada LGBT, beijo gay em novelas, kit gay, mamadeira de piroca, ideologia de gênero, indução homossexual de crianças, filme do Porta dos Fundos com Jesus gay, sexo gay nas ruas de São Paulo no carnaval (há sim amor em SP, pelo menos isso) ...

Será que agora, mais do que nunca, precisamos de um bode expiatório? Alguém para culpar pelo mal que nos consome? Alguém para desviar o foco da maior crise político-econômica, sanitária e social que já enfrentamos? Alguém para distrair a opinião popular a respeito do mal gerenciamento administrativo da crise? Alguém capaz de nos desresponsabilizar, ao mesmo tempo que reatualiza a emergência e necessidade da moral cristã, num projeto cujo intuito é restabelecer a autoridade da pastoral? Diante do fracasso do modelo médico-esportivo, no fim de contas o vírus não afeta apenas idosos e pessoas doentes, como foi massificamente propagado, é preciso buscar uma justificativa ubuesca para o mal que nos assola. De preferência uma que reative a autoridade da religião cristã e que ataque as práticas sexuais dissidentes.

Inevitavelmente, pensamos na construção do “câncer gay”. Contudo, devemos resistir a esta tentação. O modelo médico-moralizante colocado em funcionamento durante a crise do HIV-AIDS não funcionaria na atualidade, não como outrora. A construção de um coronagay não pegaria, obviamente. Os eventos são outros. As narrativas também. Em comum, apenas uns rabiscos em torno do pânico sexual.

Em 2011, com o julgamento do STF sobre a possibilidade de união estável e casamento entre pessoas não-heterossexuais, intensificou-se, num campo de visibilidade

amplo, uma cruzada moral e religiosa contra os sujeitos desviantes da cis-heteronormatividade. Afinal, com esse evento, os nefandos profanaram a sagrada família. Uma plataforma grotesca de ridicularização ganha popularidade, ainda que não tenha aqui sua origem. Políticos, religiosos, pseudointelectuais e cartomantes vão das redes às ruas clamar por respeito e proteção à família, à religião cristã e às crianças. Acusam o Estado de negligência. Sentindo-se “inseguros”, afirmam que o pacto social fora desrespeitado. Daí, ladeira abaixo. Algumas outras decisões judiciais são tomadas em favor das bixas, uma ou outra migalha é jogada (ou apenas cai) da mesa petista... Pronto, estamos numa ditadura gayzista, afirmam.

Lógico que sabem que nada disso é real. Manipulam e produzem o medo como forma de legitimação da autoridade. Há uma gestão do medo, da esperança e do pânico. Por isso, a figura da criança desprotegida é tão eficaz. A criança metonimiza o corpo da família, que metonimiza o corpo da nação. Dessa forma, por escala, se a criança está em risco, é a nação que se encontra ameaçada. Penso isso como a emergência de uma política de medo, ou melhor, como uma deimopolítica (deimos = deus do pânico, irmão gêmeo do medo). Essa estratégia circularia, pelo menos, desde 1930, com o integralismo no Brasil. Alguns livros como o de Octávio de Faria, Machiavel e o Brasil, de 1931, culpavam a homossexualidade/feminilidade pela ameaça da revolução comunista que se avizinhava no Brasil. Outro conhecido integralista, Gustavo Barroso, partilhava dessa ideia, em seu livro Judaísmo, maçonaria e comunismo, de 1937, cujo conteúdo alerta para esta agenda de dominação comunista com atuação dos homossexuais. Regularidade também presente no macarthismo norte-americano de 1950–1957. Mas não estamos aqui para buscar origens, como disseram alguns franceses, as origens são raramente belas... fiquemos com a epigênese.

O inimigo é ficcionarizado (imaginarizado) como aquele que amedronta, coloca-nos, enquanto espécie, em risco (re)produtivo. O futuro da espécie depende da (re)produção. Aqueles que não (re)produzem colocam em risco nossa continuidade biológica. Egoisticamente, por pura safadeza, quebram o contrato. Na bíblia, condena-se práticas não (re)produtivas: masturbação masculina, sexo anal e homossexual. Desperdício da semente (re)produtiva. Em defesa da sociedade, medidas mortíferas devem ser tomadas. Lógico que o sentimento de pertencimento faz-nos repudiar o aniquilamento daquele que reconhecemos como minimamente humanos. Incidindo aí práticas deimopolíticas de mutilação: fazer minguar a carne. Retirar aquilo que permite que haja resíduos de humanidade, aquilo que nos provoque sensibilidade. Antes da crucificação, Cristo precisou

ser mutilado, animalizado: para que não houvesse remorso, seu corpo precisou tornar-se transparente, do corpo à carne.

A espécie, aqueles que estão em risco, amedrontados, é produzida como frágil. Desarmados, afinal, confiaram na sociedade civil, depuseram suas armas. Precisam de proteção. A criança é, assim, a metáfora da sociedade. Metonimicamente, a criança é a nação. Seu futuro, sua continuidade biológica. Por isso, os inimigos sexuais (não reprodutivos) e morais (devassos e perversos) são duplamente perigosos. Colocam em risco o futuro: não (re)produzem (obrigação cívica) e corrompem as crianças com seu estilo bárbaro e animalesco de vida: a busca emocional\instintiva por satisfação primária (gozo). Esses seres não merecem confiança. Não possuem identidade, não são homens, nem mulheres (Herculine Barbin), sua descendência só poderia ser monstruosa (Frankenstein), carregam a maldição divina (Drácula), traidores da família (Pierre Rivière), da nação (Švejk), não merecem compaixão.

Nuances deste paradigma de governo pelo medo podem ser vistas nesta especificidade do Covid, a partir das mensagens que circulam responsabilizando as bixas pelo castigo divino. Quando tais imagens se movem, produzem um bode expiatório, um culpado pelo mal que nos assola. É como se dissessem: vejam, estamos morrendo porque fomos tolerantes, aceitamos passivamente a devassidão. Por aceitar, somos agora punidos por deus.

A questão do futurismo biológico (re)produtivo coloca certa centralidade no inimigo moral e sexual. Não é qualquer inimigo que tem o poder de ameaçar o futuro da espécie. Há, nessas mensagens, um recurso linguístico interessante: narram-nos como animais: não falam homossexuais ou LGBT, falam bichas, viados... Dizer bicha (verme), viado é dizer não-humano. Faz parte da transmutação do corpo à carne.

Sim, aqui segue mais uma análise sobre o Covid, um pouco messiânica, um pouco Tetris... Quem resistirá à tentação de dizer a verdade sobre o vírus?

Ilhéus-BA, 03 de maio de 2020.

Apesar da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ter sido oficialmente reconhecida em 2002 como um meio legal de comunicação e expressão, grande parte das pessoas surdas ou com deficiência auditiva do Brasil não têm acesso a informações corretas sobre o novo coronavírus e suas medidas de prevenção. Essa demografia, também impactada pelas medidas de distanciamento social para evitar o contágio, conta com poucos canais de comunicação dispostos a repassar adequadamente as notícias sobre a pandemia. Por conta disso, informações básicas como a forma correta de lavar as mãos, a importância do isolamento e outras medidas não chegam até a comunidade.

Marie Declercq¹

Corpos surdos e as tecnologias em tempos de pandemia: o papel do/da Intérprete de Libras como proposta de inclusão

Por Ricardo Santos Dantas

Ricardo Dantas: Mestre em Letras-ProfLetras – Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC/ Doutorando em Letras: Linguagens e Representações – PPGL– Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. Prof. Coordenador da Sala de Atendimento Educacional Especializado para Surdes no Colégio Estadual Centro Integrado Oscar Marinho Falcão – CIOMF – Itabuna/BA.

¹ DECLERCQ, Marie. Informações essenciais sobre novo coronavírus não chegam para os surdos. In: *TAB/UOL*. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/02/a-maioria-das-informacoes-sobre-a-covid-19-nao-chegam-para-os-surdos.htm>. Acesso em: 19 mai. 2020.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Corpos surdos e as tecnologias em tempos de pandemia: o papel do/da intérprete de Libras como proposta de inclusão

Ricardo Santos Dantas

Analisar o percurso histórico de pessoas Surdes¹ no Brasil requer uma discussão política mediante os processos de exclusão que esses atores sociais enfrentaram, e ainda enfrentam, nos diversos espaços da sociedade.

Diante das conquistas por políticas públicas, a presença dos/das intérpretes de Libras durante o período pandêmico é uma grande vitória e conquista no que se refere à inclusão e participação de pessoas Surdes durante esse período de afastamento social. Entendemos que, mediante o quadro gravíssimo de saúde pelo qual o Brasil vem passando, é de suma importância pensar nos corpos surdos, pois, o que pode parecer exagero aos ouvintes pelo excesso de informações, para pessoas Surdes isso se intensifica de forma desordenada, irresponsável, desorganizada e, muitas vezes, silenciada.

Outro aspecto a se considerar são os programas televisivos sem intérpretes, as práticas de *fake news* espalhadas irresponsavelmente, informações entrecortadas, excessos de *lives*, piadas e chacotas que se proliferam reforçando o preconceito e a violência às pessoas Surdes.

O papel dos/das intérpretes de Libras se ressignifica neste atual momento político, porque é a partir desses profissionais que as pessoas Surdes sobre-existem nesse universo de novas palavras, com novos sentidos que podem lhes garantir a vida por via das informações. Há uma atuação comunicacional em rede nacional através das contratações em diversos tipos de trabalhos que envolvam tecnologias de comunicação visual, exigindo, um esforço maior dos/das intérpretes para estarem inteirados ao novo contexto pandêmico.

Mas, a quem interessa a acessibilidade dos corpos surdos, pois, no princípio da campanha política do candidato Jair Bolsonaro, a imagem da esposa como intérprete de Libras reforçou toda uma perspectiva de respeito à inclusão. Só que não! Tudo arquitetado para conquistar votos, para, em seguida, dar continuidade à invisibilidade propondo,

¹ 'Surdo' com letra maiúscula é usado para marcar que esse sujeito é diferente, e não deficiente, que faz parte de uma comunidade com uma língua e cultura própria, [...]". Disponível em: <https://bit.ly/3ciQbXg>. Acesso em: 23 mai. 2020.

inclusive, o corte de cotas para pessoas deficientes em empresas¹. Hoje, porém, em plena crise do novo coronavírus, muitos conflitos internos e externos se intensificaram, principalmente por um discurso irracional e insensível, cujo palco para o espetáculo, é a sede maior, o Distrito Federal.

Nesse caso, o papel que os/as intérpretes têm a desempenhar, com base no código de ética específico dessa profissão, gera diversas angústias sobre como pensar em cumprir seus papéis a partir de informações equivocadas vigentes nas falas e atitudes do presidente: práticas conflituosas entre um superior e o subordinado, na época do então ex-ministro Mandetta, por exemplo. Traduzir e interpretar às pessoas Surdes que o novo coronavírus é uma “gripezinha”, um “resfriadozinho”, é comprometer toda uma política mundial que prioriza a saúde. Paralelo a isso, o slogan “Fiquem em casa” torna-se um equívoco diante das falas anteriores.

Compreende-se, portanto, que o papel dos profissionais de Libras, os/as intérpretes, seja em rede local seja global, é de propor o conhecimento do contexto social brasileiro, defendendo o direito à informação e à comunicação de forma pensante, racional e crítica, garantindo, assim, as identidades surdas em lugares de empoderamento enquanto corpos e que são partícipes na constituição da população brasileira.

Diante desse quadro emergente da saúde mundial, numa perspectiva da linguagem glocal (global e local), as pessoas Surdes asseguram seus sentimentos e conhecimentos a partir da participação efetiva dos intérpretes durante as exibições televisivas sobre o novo coronavírus. O acesso à comunicação perpassa pela linguagem enquanto lugar de direito e de pertencimento, apesar do descaso nas atitudes de fala e de comportamento do referido presidente.

Pensar os corpos surdos é também manifestar como esses agentes da linguagem – os intérpretes e as pessoas Surdes – inserem-se na proposta de sentir e pensar o outro como partícipe numa unidade para além das limitações biológicas. O lugar do sujeito como agente se intensifica para que a história não passe despercebida, nem se acabe. Ressalta-se a necessidade de atendimento especializado às pessoas Surdes que se apresentam em número significativo, pois estudo feito em conjunto pelo Instituto Locomotiva e a Semana da Acessibilidade Surda revela a existência, no Brasil, de 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva. Desse total, 2,3 milhões têm deficiência severa².

¹ Governo propõe acabar com cotas para deficientes em empresas. Disponível em: <https://bit.ly/3ciQbXg>. Acesso em: 20 mai. 2020.

² País tem 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, diz estudo. Disponível em: <https://bit.ly/36KNCvG>. Acesso em: 08 mai. 2020.

E quem são esses atores? Conforme Quadros (2007, p. 10)¹, Surdes “são pessoas que se identificam enquanto surdas”, ou seja, “Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da Língua Brasileira de Sinais e da língua portuguesa [...]”.

No entanto, vale destacar que a história das pessoas Surdes no Brasil vem se reconstruindo a passos lentos, em busca de uma identidade que se intensifique com base nas leis de acessibilidade e do reconhecimento desses corpos para além das mãos, pois “os surdos viveram muito tempo sem terem a possibilidade de se mostrarem, de exporem sua língua e cultura. Não possuíam direitos como sujeitos de uma sociedade”². (ROSA, 2012, p. 22) e essa identidade “pode ser definida como um conjunto de características da comunidade surda. Um conjunto de tradições, costumes, interesses, cultura e língua desenvolvido e vivido pelo povo surdo [...]” (ROSA, 2012, p. 22)³.

A presença desses corpos permite o ato comunicacional em todos os âmbitos, inclusive nas mídias. O acesso à informação necessita de intérpretes para que aconteça. Por sua vez, conforme Portaria MJ nº 1.220, de 11 de julho de 2007, “uma das ferramentas utilizadas, a fim de assegurar esse direito constitucional é a televisão, que ocupa hoje um lugar privilegiado nos meios de comunicação de massa. [...]”, e “a TV permanece como um dos meios mais fiéis de acesso à informação”. (BRASIL, 2009, p. 15)⁴.

É na tela da TV que os intérpretes atuam, nas chamadas janelas de Libras, vistas como “uma segunda⁵ alternativa utilizada pelas emissoras de TV para a comunicação com os surdos, principalmente os que não entendem português” e “seu formato corresponde a um espaço delimitado no vídeo onde as informações são interpretadas na Língua Brasileira

¹ QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial. 2. Ed. Brasília: MEC; SEESP, 2007.

² ROSA, Emiliana Faria. Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (Orgs). *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas*. Curitiba, PKR: CRV, 2012.

³ Idem.

⁴ BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. *A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais – Organização*: Secretaria Nacional de Justiça. Brasília: SNJ, 2009. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/>.

⁵ O primeiro recurso é o *closed caption*: “um recurso de legenda oculta que reproduz na tela da TV as falas dos apresentadores e de personagens de novelas, filmes, desenhos animados, entre outros. Além disso, o recurso fornece informação escrita sobre o ambiente da cena ao descrever indicações de sons como portas se abrindo, aplausos, trovões e até trilhas sonoras. Basta que o usuário pressione uma tecla específica do controle remoto para ter acesso a esse tipo de informação”. (BRASIL, 2009, p. 16). Tal recurso é rejeitado pela comunidade surda mediante a rapidez na exibição, interferindo na comunicação. Por outro lado, nem todos os surdos e surdas dominam a segunda língua escrita, a Língua Portuguesa.

de Sinais”, enfatizando-se que “para compreender a LIBRAS é necessária a visualização dos gestos das mãos e da expressão facial, mas, normalmente, a veiculação da imagem é feita em pequenas janelas no canto da tela, fugindo do modelo ideal”. (BRASIL, 2009, p. 16)¹.

Ali, naquele espaço, está a voz dos Surdes, definidos por Quadros (2007, p. 7)², que é o Intérprete de língua de sinais³, “[...] a pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais”. É a pessoa responsável para, numa tradução simultânea, informar o que está sendo dito, propondo, assim, a compreensão dos fatos que circundam os dois mundos: ouvinte e surdo.

Com o surgimento do novo coronavírus, as comunidades surdas buscaram estratégias para informar sobre os riscos e os devidos cuidados cabíveis. A primeira delas foi buscar um sinal que representasse a doença utilizando as mãos. Outro recurso conquistado, a partir dos movimentos e associações, foi a inclusão da janela de Libras, garantindo a compreensão dos discursos e pronunciamentos do Ministério da Saúde. As conquistas foram garantidas conforme o Decreto nº 5.296/2004, que “define que cabe ao Poder Público incentivar a oferta de aparelhos de televisão equipados com recursos tecnológicos que permitam sua utilização de modo a garantir o direito de acesso à informação”, especificamente “às pessoas portadoras de deficiência auditiva” (BRASIL, 2009, p. 34)⁴.

A partir dessa regulamentação, cabia aos intérpretes a busca por conhecimentos, estudos e informações direcionados ao novo coronavírus. Cabia-lhes o papel de cumprir, de forma ética, tudo o que havia de novidade, os avanços e retrocessos, uso de máscaras, enfim, permitir que as pessoas Surdes mantivessem suas vidas asseguradas.

Diante de tantas informações entrecruzadas, a partir da fala do presidente do Brasil, que afirmava ser apenas uma “gripezinha”, cabia aos intérpretes serem fiéis à tradução e

¹ BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. *A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais – Organização*: Secretaria Nacional de Justiça. Brasília: SNJ, 2009. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/>.

² QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial. 2. Ed. Brasília: MEC; SEESP, 2007.

³ O Projeto de Lei nº 4.673-B, de 2004 reconhece a profissão de Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras, conforme PL apresentada pela Deputada Federal Maria do Rosário (PT-RS). Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra. Acesso em: 08 mai. 2020.

⁴ BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. *A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais – Organização*: Secretaria Nacional de Justiça. Brasília: SNJ, 2009. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/>.

interpretação das falas, pois há o “Código de Ética que é parte integrante do Regimento Interno do Departamento Nacional de Intérpretes da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos” (FENEIS). De acordo com esse documento, os profissionais devem manter o discurso conforme determina o Art. 2º, que enfatiza: “O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo. (BRASIL, 2009, p. 13)¹.

Desta forma, os intérpretes seguiram caminhos pela trilha de absurdas informações oriundas do representante maior do Brasil. Paralelamente, em outras redes de comunicação, diferentes intérpretes negaram a fala incoerente do governante, criando-se, assim, conflitos informacionais sobre “quem está falando a verdade”, colocando os profissionais em situação de dúvidas e de não credibilidade.

Por fim, intensifica-se a presença dos/das intérpretes como apoio necessário para que a comunicação seja dita de maneira a incluir e proteger os corpos surdos. São necessárias informações éticas e orientadoras no que se refere aos riscos pertinentes ao novo coronavírus, pois estamos tratando de sujeitos no/do mundo, de vidas que necessitam de acessibilidade positiva e verdadeira, para além das estratégias necropolíticas que assombram o povo brasileiro nesta era de pandemia.

¹ BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. *A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais* – Organização: Secretaria Nacional de Justiça. Brasília: SNJ, 2009. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/>.

E toda vez que chovo
um abraço sol
me faz virar arco íris
@historiadefogo, Instagram¹

Ensaio em três tempos: mídias, poder e dissidências sexuais

Por Tales Santos Pereira

Tales Pereira: Bicha em tempo integral, tem práticas de pesquisa no campo das escritas de si da dissidência sexual e de gênero. Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações, pelo PPGL-UESC. Bolsista CNPq. Mestra em Letras pelo PPGL-UESC. Licenciada em Letras, pela UESC. Integrante do grupo de pesquisa GPBIO-UESC (Grupo de Pesquisa O Espaço Biográfico no Horizonte das Literaturas Homoeróticas).

¹ *Post* na página *@historiadefogo*, no *Instagram*, em 06 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3TECrBAAll/>. Acesso em: 19 de mai. 2020.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Ensaio em três tempos: mídias, poder e dissidências sexuais

Tales Pereira

Passado-presente ou Mídias, palanques morais e a sinfonia das turbas

Desde tempos remotos, quando das priscas eras da colonização no Brasil, há algo de nefasto e arriscado na popularização dos palanques morais entronizado no modo como a grande mídia engendra as informações e notícias disseminadas ao povo. Um jogo hábil que opera com a sinfonia das turbas: a espetacularização da polêmica, a escassez de profundidade crítica e a moralidade pronta-entrega de fábulas rasas parecem reger os artifícios que os meios de formação de opinião conduzem seus expedientes.

Muito mais que análises apuradas ou críticas fundamentadas, a ideia é oferecer uma perspectiva pasteurizada que nada mais faça do que atizar um clamor cego às muletas institucionais e valorativas que há muito tempo emperram o país: pátria, religião e família. Na atualidade, não podemos nos esquecer do fato de que o monopólio das grandes corporações midiáticas, aquelas que no Brasil dominam a TV aberta, nos oferecem diariamente uma perspectiva de classe que enverniza as notícias e informações de um jornalismo que se diz pretensamente neutro.

E assim, é introjetada nas massas, cotidianamente, toda a injeção discursiva das classes hegemônicas: alegamo-nos com a esperança meritocrática de ser como eles (“Não existe pobreza, existe trabalho!”); disfarçamos desigualdades para exaltar o esforço pessoal (“O menino que estudava com matérias do lixo é um vencedor. Só não avança quem não quer!”); aprendemos a defender a lógica exploratória neoliberal, crendo que estamos todos no mesmo barco do “empreendedorismo” (“É muito difícil ser empreendedor no país”.); celebramos a maravilhosa mestiçagem democrática (“Esse negócio de racismo é vitimismo e mimimi?”); e até nos convenceram de que direitos trabalhistas são obstáculos para o progresso econômico.

É risível ver, algumas vezes, como os meios midiáticos são vítimas da própria turba que alimenta: à medida em que se movam em direção às pautas mais progressistas, esses veículos podem ir de direitistas a comunistas numa velocidade inimaginável. De fato, é bom lembrar que esses movimentos sempre farejam a audiência e o lucro. Portanto, de um passado-presente a, quiçá, um futuro-presente, sempre estarão empenhados em levar notícias e informações de qualidade, comprometidos com o selo “Rede Hegemonia” de

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

qualidade. Levando à sua tela, todos os dias uma programação repleta de mediocridade, classismo, ignorância e atraso: o melhor das nossas elites só para você!

Presente do Imperativo ou Limpar para bem passar (o pano?!)

Em se tratando de mídias, é incrível notar o quanto as representações sobre as dissidências sexuais, sobretudo quando ensaiadas no aspecto das mídias hegemônicas, estão sempre mediadas pelo horizonte da não “chocabilidade” da sociedade conservadora.

“A sociedade não está pronta”, “É preciso de mais mediação”, “Não pode forçar, tem que trabalhar de forma mais natural”. Penso na figura da mamãe pássaro que mastiga o alimento para que o filhote o coma sem dificuldades. Precisamos bem servir nossos filhotes pássaros da sociedade conservadora heterossexual.

É preciso limpar bem. Já servimos o gay palhaço, o trágico, agora estamos para o gay liberal romântico pagador de impostos. Já servimos sapos explosivos, as que adotam filhos. Pisando delicadamente para não quebrar os ovos da moralidade nacional, que afinal de contas, é um lindo bebê pássaro incapaz de digerir a massa abjeta e monstruosa da sociedade.

Até quando vamos ficar satisfeitos em modalizar representações sobre as dissidências sexuais para não “chocar” a sociedade heterossexual conservadora? É sempre higiênico, pasteurizado e palatável, para fazer passar. Para dar a ilusão de aceitabilidade. No *Presente imperativo* – para recriarmos tempo e modos verbais da gramática da Língua Portuguesa – oferecemos um banquete suavizado e bem domesticado para uma sociedade que não nos para de violentar e matar. Aí é que fica a pergunta: Para o quê uma sociedade que mais mata trans e travestis não está preparada?

Poderíamos, como resposta, pensar no enfrentamento à Covid-19. Contudo, mesmo frente ao cenário desolador da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, essa sociedade trilhada no conservadorismo enxerga em homossexuais, trans e travestis uma forma de culpabilizá-los pelo que tem ocorrido na sociedade. Para muitos, essa doença é uma punição pelos atos pecaminosos cometidos pela comunidade LGBT e isso pauta os discursos e as ações de ódio, violência e ojeriza disseminados contra este grupo minoritário. Neste instante, os indefesos passarinhos de outrora se tornam gaviões inflados, verdadeiros predadores que, sob o jugo da “moral”, atacam e são mais letais que qualquer vírus – pois agem voluntaria e intencionalmente para humilhar, silenciar, apagar, matar.

Futuro do presente ou “Aonde tem bixa tem sossego?!”

A série de reportagens do programa de televisão Documento especial, exibido entre as décadas de 80 e 90, prometia entregar ao público documentários sobre temas polêmicos e num formato que fugia à assepsia dos demais programas jornalísticos. Numa dessas reportagens, o célebre edifício Richard Parker, conhecido como “duzentão” da rua Barata Ribeiro, em Copacabana, foi o tema escolhido. Famoso pelas confusões e brigas apoteóticas entre os moradores, tendo inspirado um filme e uma peça de teatro, o edifício parecia uma atualização de *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo.

Símbolo da modernização urbana em Copacabana, a população do edifício reunia uma diversidade de tipos provenientes dos mais diversos pertencimentos sociais: Marginais, prostitutas, senhoras aposentadas, cambistas, advogados. O depoimento de dona Iracema¹, como numa descrição naturalista da cena, oferece-nos alguns tons dessa paisagem: “Está assim infestado de pessoas desagradáveis, casas de massagem, prostituição, tráfico. Tem tudo o que não presta no prédio. Me sinto envergonhada de dizer que moro aqui”.

Uma outra senhorinha, postada à porta e sussurrando para o repórter, relata a impossibilidade de dormir diante do intenso barulho produzido entre prostitutas e clientes. Ela também narra a cartografia particular na qual organiza-se o andar em que mora: “Do corredor para lá é tudo bixa. Aqui no prédio é 50% bixa”. Mas antes mesmo de situar o repórter sobre a composição do prédio, a senhora lança uma interrogação inquietante: “Aonde tem bixa tem sossego?”

E foi nesse momento que algo estalou em mim (também foi a epifania de descobrir a origem de um meme). Como poderia lidar com essa pergunta? E por que ela havia me “cutucado” tão insistentemente? Por certo, o sossego reivindicado pelos respeitáveis condôminos do Edifício 200 passa pela produção de discursos que reclamam certa eugenia social. Era preciso livrá-lo da marginalia suja e barulhenta que em nada ornava na bela paisagem do Copacabana.

Além disso, o edifício era “infestado” de bixas que se prostituíam, despertando os fantasmas da década de 80 e o surto do “câncer gay”. Veja-se que o discurso da higienização dos costumes e das práticas sexuais ainda pairava sobre a mentalidade dos brasileiros da década de 90 – tal como paira ainda hoje e se reinventa, a exemplo de atribuírem às bixas, sapas, trans e travestis a existência da Covid-19, como “culpa por seus pecados”.

¹ As falas foram extraídas do documentário *Condomínios*. 1993. 20min.

O condomínio 200 é um belo recorte de um Brasil que há tempos se ensaia, desde o *passado-presente*, por assim dizer. Em seus andaimes, a preocupação com a pátria, a família e a religião movem bússolas e paladinos morais em busca do “sossego perdido”. Porque é insuportável os ruídos da marginália, o alarido estridente que suas existências produz perturba a harmonia normativa de uma nação ideal.

Com seus atraques e laces, com línguas e giletes afiadíssimas, com seus edis e necas acuendadas, com seus modos de dar a Elza e fazer a egípcia, as bixas não querem a quietude do sossego. Talvez porque essa promessa traga em sua prática de realização a morte e o silenciamento de trans, travas, saps, pocs e bixas. E também porque traga em sua feição horrenda a banalização e a naturalização do extermínio das corpas dissidentes.

Contrariando a normalização do silêncio e as muitas tentativas de apagamento, vozes insurgentes, explicitando subjetividades dissidentes, assumem as rotas do *futuro do presente*. Em oposição à necropolítica bolsonarista, à homofobia vigente e em homenagem a todas as corpas silenciadas pela brutalidade do preconceito de gaviões inflados de falsa moralidade, bixas, pocs, caminhoneiras, travas e trans resistem. Ecoam no canto de Liniker, Glória Groover, Jhonny Hooker, Linn da Quebrada, Pablo Vittar e tantas outras, anônimas ou famosas, a colorir de purpurina o cinza de um silêncio imposto, muitas vezes à bala.

Aonde tem bixa tem sossego? Não! E nem vamos ensaiá-lo para o futuro. Pois o futuro do presente que desejamos é aquele no qual podemos deixar nossa voz assumir alaridos, brilho e fantasias. O *batekool* é nossa maneira de gritar, de acordar toda uma vizinhança postiça e empedernida, para que não se esqueçam do brilho de nossas subjetividades e modos de amar, foder, viver e não morrer.

Parte II

A vida, entre o poético e a realidade

Mãos dadas

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista pela janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicidas,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida
presente. O que foi feito, amigo.*

Carlos Drummond de Andrade¹³³

*O poeta
declina de toda responsabilidade
na marcha do mundo capitalista
e com as suas palavras, intuições, símbolos e outras armas
promete ajudar*

um verme.

Carlos Drummond de Andrade²

*O que foi feito, amigo,
De tudo que a gente sonhou [...]
Outros outubros virão
Outras manhãs, plenas de sol e de luz.*

Milton Nascimento e Elis Regina³

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 34.

² ANDRADE, Carlos Drummond de. Nosso Tempo VIII. In: *A Rosa do Povo*. 39ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 45.

³ NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. O que foi feito de vera (de Vera). In: REGINA, Elis. *Saudade do Brasil*. Rio de Janeiro: Warner Music Group, 1980. Faixa 9. Disco 2. LP, CD.

Devo aos poetas de todos os tempos a
sobrevivência de minha alma.

*Paulo Mendes Campos*¹

O poema é uma garrafa de naufrago jogada no mar.

Quem a encontra
Salva-se a si mesmo...

*Mário Quintana*²

a vida aqui dentro

exercício da lembrança

Por Almi Costa dos Santos Junior

Almi Junior: (27 anos) é poeta, professor de Língua Portuguesa e Literaturas e desenhista. Nasceu na cidade de Teixeira de Freitas - BA, onde reside atualmente. É um dos artistas selecionados pelo projeto Mapa da Palavra organizado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB). Estuda poesia e sua relação com artes da imagem. Doutorando em Letras: Linguagens e Representações, PPGL/UESC.

¹ CAMPOS, Paulo Mendes. *Cisne de feltro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 18.

² QUINTANA, Mário. *A cor do invisível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 119.

a vida aqui dentro

nesses últimos dias
as paredes janelas e portas
tem me olhado com um carinho
desconhecido até então
por este que vos fala.
antes tinham um gosto ocre
e uma cor cinzenta nos olhos
como um cachorro há muito perdido
pelas estradas todas
como um carro que com o tempo
se tornou a morada de diferentes bichos
que vivem no escuro e sentem
um apreço imensurável por ferrugem
e entulho
agora elas tem uma cor de chuva de meteoros
de corrida de cavalos selvagens
dessas que na verdade nunca vimos
porque crescemos numa cidade sem graça
cor de nada cheiro de nada e de tudo
cheiro de comida feita na hora
cheiro de óleo e esgoto
cheiro de gente de bicho
cheiro de nada mesmo
e cor de nada mesmo.
agora, dividindo meu tempo
com essas tão queridas paredes
janelas e portas
tenho me reconhecido diferente
tenho olhado o tempo com mais precisão
arrisco a dizer que hoje somos a mesma
pessoa.

Almi Junior, maio de 2020.

exercício da lembrança

experimentemos
profundamente
o exercício da lembrança

talvez nunca antes como agora
lembrar é um ato de salvação
nossa carne entregue ao deus-dará
pelos coiotes em jet-skis
os ossos não esquecem

há uma luz que permanece
no meio das nuvens escuras
uma chama que arde tem voz
e chama-nos: é tempo de lembrar
pelos que se foram
pelos que aqui estão
pelos que não entenderam
os que aguardam
pelo desmoronar de mais um dia

manter a chama acesa
e os braços a postos
para erguermos
uns aos outros
amanhã.

Almi Junior, maio de 2020.

Uma das missões da poesia é colocar palavras no lugar da dor. Não para que a dor termine, mas para que ela seja transfigurada pela beleza.

*Rubem Alves*¹

Cotidiano

Por Clarissa Damasceno Melo

Clarissa Melo: Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações no PPGL/UESC. Mestre em Letras pelo mesmo Programa e Instituição.

Atualmente, é bolsista CAPES e pesquisa a recepção dos textos coloniais do século XVI pelo cinema de Nelson Pereira dos Santos.

¹ ALVES, Rubem. *Presente*: frases, ideias, sensações. Campinas: Papyrus, 2004, p. 89.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Cotidiano

Na rua, a vida atípica das gentes,
Os pés rápidos, bravios,
Quase que não me deixam ver
A senhora engaiolada na varanda
Que lê o jornal da manhã.

Mas a vejo lamber as pontas dos dedos
E virar a página.

Apresso-me,
Um passarinho bica o chão e a flor
E voa assustado diante de meus pés.

Uma criança aparece e está de joelhos ralados
Mas não chora: ri e pede doces,
Ávida por deliciar-se com o que puder.

Olho um instante
E dentro de mim desaparece
Qualquer medo da vida.

A criança não diz
Mas nela sei tudo que dizem sobre o mundo:
Que vai mal, que há nele algo jamais superado
Algo de não resolvido pela humanidade.

Ela me faz lembrar que em casa,
Confinada entre paredes que me espremem,
Eu lia notícias que há corpos amontoados.
Mas que, todavia,
Enquanto eu matava a saudade de quem amo
Sem atenção cortei as pontas dos dedos com faca da cozinha
E ele foi capaz de sangrar.

Clarissa Melo, maio de 2020.

O olho do sol batia sobre as roupas do varal e
 mamãe sorria feliz. Gotículas de água
 aspergindo a minha vida-menina balançavam
 ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis.
 Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de
 nuvens solitárias caídas do céu eram
 encontradas ao redor das bacias e tinas das
 lavagens de roupa. Tudo me causava uma
 comoção maior. *A poesia me visitava e eu nem
 sabia...*

*Conceição Evaristo*¹

Versos Provisórios Vida Provisória

Por Eliana Costa Sausmickt

Eliana Sausmickt: Mulher, mãe, esposa, a primogênita de uma família de quatro irmãs. Tornou-se professora por vocação e hoje atua no Instituto Federal da Bahia, campus Eunápolis. Sempre acreditou no poder da Educação para transformar vidas e ela é fruto disso. Cursa o Doutorado em Letras: Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Amante da literatura e indignada com as injustiças sociais, sempre se identificou com a poesia engajada e visceral dos poetas brasileiros. Ensaiou muitos versos ao longo de sua trajetória, mas há muito que não versejava. A poetisa foi despertada na Pandemia da Covid19. Ela, assim como Todorov, também acredita que a Literatura pode tudo.

¹ EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008, p. 07. [Grifos nossos].

Versos Provisórios Vida Provisória

A folha em branco reclama palavras,
 Palavras sôfregas pela significação.
 Sorrateiras, esquivas, medrosas,
 Elas estão cansadas de dizer, de desdizer, de contradizer
 Por isso se esgueiram da sua finalidade.
 E a folha continua vazia, vazia de mim,
 Tão demasiadamente urgente ser preenchida.
 Mas eu quero fugir dessa urgência. É madrugada.
 Quero me desobrigar.
 Mas não consigo. Não posso.
 Não é minha intenção sujar o poema,
 Mas o poema fede, o poema tem cheiro.
 O poema está manchado de sangue e lágrimas,
 Está manchado de omissão e culpa,
 Está maculado de dor,
 De horror,
 De medo,
 Do desconhecido.
 O poema está impregnado da efemeridade da vida que passa
 Da vida que é negligenciada, coisificada, numerificada
 Da vida que virou morte e estatística.
 O poema está entranhado de nada, da insignificância do ser.
 Está preenchido por seres que elevam a curva exponencial:
 Dois, quatro, dezesseis, de repente milhões.
 Quase ninguém se aturde:
 “Não chegou aqui ainda.”
 Preferem negar o inegável
 E defendem o indefensável,
 Acentuam as dicotomias:

Ideologia versus política;

Vida versus economia;

CPF versus CNPJ;

Pobres versus ricos.

E enquanto isso o inimigo invisível se alastra,

Pulveriza-se no ar,

Chega aos tecidos vivos e se transforma em manchas que roubam o fôlego,

Sufocam sonhos, destroem futuro.

E as pessoas são reduzidas a números.

Números pandêmicos.

Morrer faz parte.

“E daí?!”

Quem se importa?

Faltam muitos para trinta mil.

As histórias e narrativas são silenciadas,

Pela frieza de quem ocupa o poder;

Pela indiferença de quem se sente imune;

Pela volatilidade das relações quase sempre marcadas pelo egoísmo.

E a vida se esvai sem sentido,

Provisória e tão exausta de (não)ser,

Por isso se despede em telas ou em bilhetes incompletos,

Na presença testemunhal de heróis anônimos

Ou em mensagens solitárias na rede social.

A vida parca, endoidecida, se esvai em seus fios tênues, falíveis e frágeis.

E vai com pressa, isolada do mundo.

Se junta a outra e a outra e a outra que também se foi

Vão se acumulando em dados diários,

Empilhadas em câmaras frias, em contêineres, corredores;

Depositadas em valas comuns, sem nome;

Soterradas por mãos metálicas, despersonalizadas;

Cobertas pelo pó,

Com pranto,
Espanto,
Desespero
E zelo solitário, distante de um familiar.
E de quem é a culpa?
É a praga dos cem anos?
É vírus comunista?
É histeria, conspiração?
É o apocalipse?
Não.
É a humanidade em crise,
Potencializada por vermes
Que vestem capa e usam caneta.

Eliana Sausmickt, maio de 2020.

O material do poeta é a vida, e só a vida, com tudo o que ela tem de sórdido e sublime. Seu instrumento é a palavra.

*Vinicius de Moraes*¹

ensaios de quarentena

Por Fabrício Brandão Amorim Oliveira

Fabrício Brandão: é editor da Revista Cultural Eletrônica *Diversos Afins*, formado em Comunicação Social pela UFES. Mestre e, atualmente, doutorando em Letras: Linguagens e Representações pela UESC, tem poemas publicados em livros e espaços literários na internet.

¹ MORAES, Vinicius de. Sobre poesia. In: *Para viver um grande amor*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. p. 100.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

ensaios de quarentena

meu corpo teso
está deitado agora
em chão empoeirado
e olha pro horizonte
com relativa mansidão

mas ele sabe
que pode inventar auroras
desferir golpes na rotina
dentro do cárcere que se agiganta

é receptáculo de sonhos
debate com a insanidade
e recusa as sombras
[os tais retalhos do caminho]

quando reclama movimentos
recorre às fugas da mente
e imagina os intervalos das marés
preces ao infinito

sabedor de gozos
modula a espiral dos sentidos
e na estrada sem volta
recusa a capitular

Fabício Brandão, março de 2020.

Não é a palavra que me liberta, é a voz!
 Não a voz, a simples voz, um som emitido pela
 competência de um aparelho fonador, mas a Voz,
 a VOZ, aquilo que sem dúvida não me antecipa,
 mas é certamente o que me diz. A Voz ...

*Valdelice Pinheiro*¹

Future-se!

Por Leila Raposo

en la lucha de clases
 todas las armas son
 buenas
 piedras
 noches
 poemas

*Paulo Leminski*²

¹ SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *Expressão poética de Valdelice Pinheiro*. 2ª ed. Ilhéus: Editus, 2007, p. 137.

² LEMINSKI, Paulo. *Caprichos e relaxos*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 76.

Future-se!

Entre túbias, vírus e cloroquinas,
Perdeu-se um futuro médico.

Entre esquinas, mercadorias e fomes,
Perdeu-se um futuro professor.

Entre cais, redes e óleo no mar,
Perdeu-se um futuro biólogo.

Entre livros, favelas e tosse,
Perdeu-se um futuro historiador.

Entre filmes, escolas fechadas e luto,
Perdeu-se um futuro advogado.

Entre ruas, armas e genocídios,
Perdeu-se um futuro economista.

Entre tuítes, escárnio e elitismos,
Destruiu-se a educação,
Perdeu-se uma geração de profissionais.
E o ministro? Adianta o enem:
e nem aí para a realidade.

Leila Raposo, maio de 2020.

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. [...] Isola; une.

*Octavio Paz*¹

[Isola]

Por Ricardo Afonso-Rocha

Há ou não motivo para se revoltar? Deixemos aberta a questão. Insurge-se, é um fato: é por isso que a “subjetividade (não a dos grandes homens, mas a de qualquer um) se introduz na história e lhe dá seu alento”
*Michel Foucault*²

¹ PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 15.

² FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se? In: *Ditos e escritos*. Ética, sexualidade, política. Vol. V. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Trad. de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2006, p. 80.

[ISOLA]

Lamentos
 perdeu-se na irracional
 cínica
 dureza
 bucólica burrice
 sem riscos
 matamos

no peito
 colossal
 emana
 pútrida
 lascada
 nação

grito
 ecos
 não ressoam
 matamos

coletivo desespero
 suicídio
 comum
 criado
 do cu rebento

sacro egoísmo
 deus, oh deus
 narcísico, pai infame
 pedes
 peida

balouçam vermes
 fissurando a isca
 insana
 perversa
 cristandade

perco-me
 isolado
 só

insalubre
 razão
 da besta
 burra
 governas

Rick Rocha, maio de 2020.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Na morte, eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papéis
Documentos fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é este?

*Renato Russo*¹

Brasil-pandemia

Mudanças em tempo de pandemia

Por Ricardo Santos Dantas

Só a poesia pode salvar o mundo
de amanhã. E como que é possível senti-
la fervilhando em larvas numa terra
preche de cadáveres.

*Vinicius de Moraes*²

¹ RUSSO, Renato. Que país é este? In: URBANA, Legião. *Que país é este?* Londres: EMI, 1987. Faixa 1. LP, CD e Cassete.

² MORAES, Vinicius de. *Para viver um grande amor*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. p. 172.

Brasil-pandemia

Mote: Me desfaço e me despedaço em memória que não voltou.

Partiu sem o sopro da vida, sufocou-se,
descartou-se, morreu: fez-se estatística em gráficos frios – notícia de jornal!

Não há mais a matéria, nem a história.
Apenas terra, lama e chão,
como indigentes esquecidos em câmeras frias.

Não há também abraços, nem lágrimas velando a carne:
banalizou-se a vida, porque o grito da justiça foi calado!

O terrível algoz, patente nazista, riu,
verbalizou com desdém e com ironia em nome do seu deus.
E, com sua empáfia arrogante, bradou: “e daí?”

O bizarro miliciano sem alma, mísera patente, ordenou: “Morram!”.
Fez da vida uma mera questão: “Eu sou o messias!”

E até a *indesejada das senhoras* chorou a vida.

Distantes, os outros vivos-mortos corpos
viam os seus distantes...tão longe, tão nunca mais...
e se perguntaram, assustadoramente:
- Onde está você, meu Deus?
Responda!

Já não há último olhar, a pele pálida,
o corpo frio, nem o último beijo do adeus.

Os que ficaram guardaram,
tão somente, nas memórias,
o riso frouxo, a mão carícia,
os cabelos envelhecidos e a pele enrugada.

A voz, o cheiro inesquecível,
a tez juventude...o choro infância.

Solidão!

Ricardo Dantas, maio de 2020.

Mudanças em tempo de pandemia

Acomoda teu corpo em livros,
Recompensa tua alma com boas palavras.

Colha verbos das nuvens.
Verbos como amar, dançar,
Brincar, escrever, chover, alimentar.

Olha a lua, descubra constelações.

Desenrole o verbo ser que,
Guardado, de nada valia.
O pouco é o teu essencial,
É você.

Alimente tua alma com bons pensamentos,
Mentaliza tua fé, seja ela qualquer. Tudo é fé.

Desliga-te de notícias ruins,
Faça um poema num pedaço de papel
Ou na parede do quintal.
Desenha.

Isola-te das coisas negativas,
Dos rancores guardados,
De quem te fez o mal: todo humano é igual?

Pausa para mudar!

Espreguiça teu tempo livre,
Desdobra teus lençóis,
Deixa a pressa para nunca mais: o que o tempo te ensina?

Perfuma a tua casa tua,
Germina a luz,
Ilumina teus bons conselhos. Aconselha-te.

Planta o que quiser e rega a tua esperança.
Tempera-te da terra.
Afugenta teus medos! Reveja-os: ensina-te!

E quando tudo acabar, melhore teu abraço, teu jeito de olhar.
Veja-te no espelho...quem tu és?

Mudar de dentro para fora,
Andar para dentro...rastros mórficos...
Melhor será!

Ricardo Dantas, maio de 2020.

Quando eu soltar a minha voz
 Por favor entenda
 Que palavra por palavra
 Eis aqui uma pessoa se entregando
 Coração na boca
 Peito aberto
 Vou sangrando
 São as lutas dessa nossa vida
 Que eu estou cantando
 Quando eu abrir minha garganta
 Essa força tanta
 Tudo aquilo que você ouvir
 Esteja certa
 Que estarei vivendo
*Gonzaguinha*¹

Prelúdio ao fim dos tempos

Por Tales Santos Pereira

Preciso ser um outro
 para ser eu mesmo
 Sou grão de rocha
 Sou o vento que a desgasta
 Sou pólen sem insecto
 Sou areia sustentando
 o sexo das árvores
 Existo onde me desconheço
 aguardando pelo meu passado
 ansiando a esperança do futuro
 No mundo que combato morro
 no mundo por que luto nasço

*Mia Couto*²

¹ COUTO, Mia. Identidade. In: *Raiç de orvalho e outros poemas*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 13.

² FILHO, Luiz Gonzaga Nascimento. Sangrando. In: GONZAGUINHA. *De volta ao começo*. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1980. Faixa 8. LP.

Prelúdio ao fim dos tempos

Gays quebradeiras e
 Sapas estilosas
 Travas e *transphyníssimas*
 Todas à beira do precipício
 Esperando o show de Madonna e Cher
 As bestas mais *baphônicas* do apocalipse

Entre cus, bocas, línguas e xanas
 A massa perversa
 Em turbilhonar orgia
 Será dizimada
 Puro sal e purpurina
 No churrasco eterno
 Do rodízio de Lulu

Do outro lado
 Clamor jubiloso
 E livros sagrados
 Cheirando a axilas devotas
 Vindo de puríssimas virgens
 E santos varões

Apontam dedos
 De proctologistas morais
 Aos edis das manas e monas
 Demoníacas
 Em línguas meridionais
 Catalogam os desvios
 Contra a castidade e o pudor

É o fim os tempos!
 Gritam no coro glorioso
 Não pelas guerras sangrentas
 Não pelo ódio ao estrangeiro
 Não pelas carnificinas ao diferente
 Foram beijos aberrantes
 Velcros raspantes
 E orifícios penetrados
 O motivo do cometa
 Grande globo de festa
 Na discoteca da destruição

Tales Pereira, maio de 2020.

Ode à bala perdida

Quando solta no mundo
Atravessando paredes
E muros
Do cano de metal
Observas a rotina

Nunca conheceste
Condomínios e
Bairros de luxo
Nem sabe o cheiro
Do hidratante
Da pele da madame

Celebram a tua indiferença
Quando em aros perfeitos
Já há muito
Pinta alvos

As negras peles
Já a pressentem
E nem famílias
Nos dominicais passeios
Escapam das investidas
Pelotões verde-olivas
De valor cínico e massacre

Também ronda escolas
E gosta de ensinar
Lições de dor e sofrimento
Alvejar
Uniformes e estudantes
Das manchas de sangue
Nódoa irreparável
De truculência

Tem o poder
De calar
Vozes que insistem
Em dizer:
“A milícia está nua”
E não há roupa
Cristã ou conservadora
Que tape suas impudícias
A vida estará presente!
Na franca luta
De nossos dias

Ainda te dizem perdida

No trottoir cego
Rondas misteriosas
Matagais e desaparecidos
Alguém os viu?!
Só a morte
Em seu vagar absoluto
Vendo de longe
A bala
Encontrando corpos
E fingindo não os ver

A paz armada celou o país...

Tales Pereira, maio de 2020.

Pergunto então às palavras que sobraram: sono, despertar, noite, manhã. Elas não têm nada a dizer [...] E agora? Momentos nulos, nulos desde sempre, mas que são a conta, fazem a conta e fecham a história [...] Mas você! Você deveria saber o que é o mundo nos dias de hoje.

*Samuel Beckett*¹

Faço poesia não porque seja poeta mas para exercitar minha alma, é o exercício mais profundo do homem.

*Clarice Lispector*²

Convulsão

Na ilusão do tempo

Por Ulisses Augusto Guimarães Maciel

Ulisses Maciel: Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações da UESC, Mestre (2016) pelo de Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES. Suas pesquisas são dedicadas aos temas: Filosofia e literatura moderna; narrativas do pós-guerra e tradução.

¹ BECKETT, Samuel. *Fim de Partida*. Tradução Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 146-147.

² LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 92.

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Convulsão

Ardilosa violência
Na imanente ignorância
Efêmera fórmula das certezas
Que corrompem o saber

Na contramão do conhecimento
O ideal ingênuo brinca
Revelando-se indomável
Na presença do querer

Pulsão involuntária
Apropria-se do cadáver
Que sem saber se move
No tempo da inspiração

Sob os ares do mundo
Insurge a coragem
Invasora do espírito
Opressora do covarde
Transbordando a indecência
Degenerada convulsão

Ulisses Augusto Guimarães Maciel, maio de 2020

Na ilusão do tempo

O ar nauseante
Impregna os sentidos
Como terra imunda sob nossos pés
Sem consolo
Invisível
A alma angustiada
Segue seu destino
Fatigado o corpo definha lentamente
Na ilusão do tempo
Incapaz de sustentar as máscaras que ocultam o tolo
Na esperança de que na morte se encontrará vida.

Ulisses Augusto Guimarães Maciel, maio de 2020

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Almi Costa dos Santos Junior: Nascido em 7 de outubro de 1992, natural de Teixeira de Freitas - BA, é poeta, professor e desenhista. Possui mestrado pelo programa de Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES), onde também desenvolve a tese de doutorado, estudando as relações entre poesia e artes da imagem (este com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB). Integra o Mapa da Palavra organizado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), bem como a versão impressa do projeto nomeada CartoGRAFIAS (2016), sob coordenação da poeta Karina Rabinovitz.

E-mail: almicsjr@gmail.com

Aryadne Bezerra de Araújo: Pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Doutoranda do programa de pós-graduação em Letras – Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestra em Letras – Linguagens e Representações, pela mesma instituição, com dissertação defendida acerca da tradução, na perspectiva da Desconstrução, e sua interface com a noção de trauma e de escrita testemunhal. Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, pela UESC. No doutorado em andamento, dedica-se à pesquisa da escrita e da tradução de Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos, na esteira do pensamento de Jacques Derrida.

E-mail: aryadne.araujo@gmail.com

Camilla Ramos dos Santos: Doutoranda e mestra em Letras: Linguagens e Representações, e graduada em Comunicação Social - Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Pesquisadora em Cibercultura; História, Cultura e Literatura Afro-brasileira; Feminismo negro; Literatura Africana e Análise de Discurso, com ênfase em representações sociais. Possui DRT de radialista. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

E-mail: camilla_ramos81@hotmail.com

Catherine Santana Souza: Doutoranda do programa de pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestra em Letras: Linguagens e Representações - UESC, Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Especialista em Literatura e Ensino da Literatura (UESB). Professora do Centro Juvenil de Ciência e Cultura da Bahia. Dedicar-se à pesquisa nos seguintes temas: Literatura, Feminismo e Estudos de Gênero.

E-mail: cathe.santana@hotmail.com

Clarissa Damasceno Melo: Graduada em Letras com habilitação em línguas portuguesa e inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Mestre em Letras: Linguagens e Representações e doutoranda em Letras: Linguagens e Representações na mesma instituição. Atualmente, é bolsista CAPES e pesquisa a recepção dos textos coloniais do século XVI pelo cinema de Nelson Pereira dos Santos. Interessa-se pelos seguintes temas: a) Antropofagia/ rito antropófago, b) Literatura quinhentista e colonial, c) Estética da Recepção (Jauss), d) Sertão, sertanejo e trabalhadores rurais, e) Movimento

Narrativas em quarentena: emergências do agora, incertezas do amanhã
Jairo da Silva e Silva [Org.]

Cinema Novo, f) Segurança Pública e g) Literatura Marginal. É membro do GP-CADIRE.
E-mail: clarissam870@gmail.com

Eliana Costa Sausmickt: Doutoranda e Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC; pós-graduada em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; Pós-graduada em Literatura Brasileira, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB; licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela UNEB. Participa de dois grupos de pesquisa do IFBA: o NEEP (Núcleo de Estudos em Educação Profissional); o GELPOC (Grupo de Pesquisa em Linguagem, Poder e Contemporaneidade) e do grupo FORTE (Formação, Tecnologias e Emoções) da UESC. Compõe o quadro efetivo de professores EBITT do Instituto Federal da Bahia - IFBA, campus Eunápolis, e atua em projetos de ensino, pesquisa e extensão na área de linguagens, envolvendo principalmente o ensino de Literatura e manifestações artístico-culturais.

E-mail: elianasausmickt@hotmail.com

Fabrcio Brandão Amorim Oliveira: Editor da Revista de Literatura e Artes Diversos Afins (www.diversosafins.com.br). Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), é Mestre e Doutorando em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Atuou como agente do circuito universitário do projeto Cinema BR em Movimento, sendo responsável pela exibição de filmes brasileiros no estado do Espírito Santo. Alguns de seus versos estão dispersos pela coletânea Diálogos – Novo Panorama da Poesia Grapiúna (Ed. Via Litterarum/Editus – 2010 – 2ª edição). Na categoria conto, integrou a coletânea Traços Tortos (Contos & Crônicas), publicada em 2015 pela Editora Mondrongo. Integrou a curadoria do Festival Literário de Ilhéus.

E-mail: diversosafins@gmail.com

Iago Moura Melo dos Santos: Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestre em Letras (UESC). Bacharel em Direito (UESC) e Advogado (OAB/BA). É membro do Grupo de Estudos Discursivos (GED/UESC), do Grupo de Estudos Pecheutianos (GEP) e do Coletivo Contradit (Coletivo de Trabalho - Discurso e Transformação).

E-mail: iagomouram@gmail.com

Jairo da Silva e Silva: Doutorando em Letras: Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestre em Letras: Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (FAEME). Especialista em Docência para a Educação Profissional, Científica e Tecnológica pelo Instituto Federal do Pará (IFPA). Licenciado em Letras Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professor da área de Letras do Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). Membro do Grupo de Estudos em Educação, Memórias e Culturas na Amazônia Paraense (GEMCA/IFPA), cadastrado no diretório de pesquisa do CNPq.

E-mail: jairo.silva@ifpa.edu.br

Josane Silva Souza: Professora Assistente/Visitante no curso de Letras e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, ambos da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura e especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela

Universidade Federal da Bahia (UFBA). É graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Tem experiência na área de Letras, com ênfase no Ensino/Aprendizagem de língua espanhola, estudos literários e identidades negras. É coordenadora do Projeto de Pesquisa “As culturas negro-hispânicas no ensino e aprendizagem de espanhol” e integrante do Grupo de Pesquisa PROELE – Formação de Professores de Espanhol da Bahia.

E-mail: josane.souza@hotmail.com

Leila Cunha Raposo: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), na UESC. Mestra em Letras: Linguagens e Representações pelo PPGL-UESC, com especialização em Leitura e Produção de Texto na Escola e Curso de licenciatura em Letras Português/Espanhol, ambos também pela UESC. Pesquisadora-bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa na Bahia – FAPESB. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Leitura e Produção de textual. Tem atuado nos seguintes temas: Literatura, Gordofobia e (Auto)representação de pessoas gordas, Literatura Afro-Brasileira, Escrita feminina e as relações culturais entre literatura, história e memória. Atualmente tem especial interesse por Estudos biográficos e Escrita Feminina, Gordofobia, Literatura Afro-Brasileira, Dissonâncias sexuais e de gênero. Tem experiência também com Revisão textual, Produção de Texto e ensino técnico.

E-mail: leila.c.raposo@gmail.com

Luciana Helena Cajas Mazzutti: Graduada em Letras - Língua Portuguesa / Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pela Faculdade de São Bernardo do Campo (2007). Mestre em Letras: Linguagens e Representações (UESC), com a pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora substituta de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia, campus Salvador, de março de 2015 a outubro de 2016. Nomeada professora EBTT-DE, em outubro de 2016, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano; atualmente, Coordenadora Geral de Iniciação Científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação/Reitoria. Doutoranda do Programa Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (UESC), sob orientação do Prof. Dr. André Mitidieri, desenvolvendo a tese intitulada “Queerides insolitudes: diversidade sexual e de gênero na literatura fantástica”.

E-mail: shanbarros@gmail.com

Maiane Pires Tigre Rocha: Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Pós-graduada em Educação de Jovens e Adultos (UNEB) e em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (Uniasselvi). Graduada em Letras Vernáculas (UNEB). Pesquisadora-bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa na Bahia – FAPESB. Atualmente desenvolve estudos no âmbito das Literaturas africanas de Língua Portuguesa, em particular sobre a literatura moçambicana, articulada ao conceito de constituição identitária e resistência, dos estudos subalternos e da produção literária afro-brasileira. Pesquisadora, escritora de textos acadêmicos e mulher negra, aventura-se também pela escrita ficcional. Integrante do grupo de pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas – UESC.

E-mail: maiane.tigre@hotmail.com

Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho: Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Especialista em Língua Espanhola pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Mestra em Educação (UESC), Doutoranda em Letras Linguagens e Representações (UESC). Atualmente é professora de Língua Portuguesa/Espanhola do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IFBaiano campus Uruçuca, instituição em que atua como professora de Língua Espanhola nos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio de Guia de Turismo e Informática, bem como no curso superior em Tecnologia em Gestão do Turismo. Tem se dedicado aos estudos da Literatura Afro-hispânica feminina.

E-mail: mariaelia.carvalho@yahoo.com.br

Mayllin Silva Aragão: Mãe de Bruno e Stela, minhas duas maiores produções. Graduada em Comunicação Social - Rádio e TV, pela UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz); pós-graduada em Jornalismo e Mídia, pela FACSUL; mestre em Letras: Linguagens e Representações, pela UESC e doutoranda em Letras: Linguagens e Representações, pela UESC. Possuo experiência em produção de conteúdos audiovisuais para rádio e televisão, documentários, marketing e ensino na educação superior. Interesso-me, principalmente, por estudos sobre documentários, midiativismo, linguagem audiovisual, novas tecnologias de comunicação e intermedialidade. Atualmente dedico-me aos estudos sobre Booktubers e o entrecruzamento de mídias, além de trabalhar como professora conteudista do Núcleo de Educação à Distância da UESC.

E-mail: mayllin1@yahoo.com.br

Ricardo Afonso-Rocha: É uma bixa nordestina. Nada além. Nada mais. Só menos: doutorando e mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Advogado. Bacharel em Direito pela mesma instituição. Membro do Grupo de Pesquisa “O espaço biográfico no horizonte da literatura homoerótica” (GPBIOH). Colaborador do Resista! - Observatório de Resistências Plurais.

E-mail: [rickwhoop22@gmail.com](mailto:rckwhoop22@gmail.com)

Ricardo Santos Dantas: Formado em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Mestre em Letras – ProfLetras. Doutorando em Letras: Linguagens e Representações – UESC. Especialista em Língua Portuguesa – Faculdade Severino Sombra – Vassouras/RJ. Especialista em Alfabetização – UESC. Especialista em Educação Etnicorracial – UESC. Especialista em Gestão Escolar – UFBA. Poeta. Prof. Coordenador da Sala de Atendimento Educacional Especializado para Surdes no Colégio Estadual Centro Integrado Oscar Marinho Falcão – CIOMF – Itabuna/BA. Professor da Rede Municipal de Ensino - Itabuna/BA.

E-mail: ricardo7dantas@hotmail.com

Tales Santos Pereira: Bicha em tempo integral, atualmente desenvolve no doutorado pesquisa no campo das escritas de si da dissidência sexual e de gênero. Bolsista CNPq. Mestra em Letras pelo PPGL-UESC. Licenciada em Letras, pela UESC. Integra o grupo de pesquisa GPBIO-UESC (Grupo de Pesquisa O Espaço Biográfico no Horizonte das Literaturas Homoeróticas). Às vezes escreve algumas versilharias e abre o corpo para Thallyz Mann performar e vir à cena.

E-mail: tspereira@uesc.br

Ulisses Augusto Guimarães Maciel: Doutorando em letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); Mestre em letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e graduado em letras-inglês também pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atualmente desenvolve pesquisas no campo dos estudos literários com ênfase na obra do escritor irlandês Samuel Beckett e na estética da literatura no século XX.

E-mail: ulissesagmaciel@hotmail.com

